CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

HIPÓTESE DE CORREDOR CULTURAL COMO FOMENTO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL E IDENTIDADE TERRITORIAL

VANESSA PONTES DE MACEDO

Dissertação apresentada ao Programa/Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título em Mestre em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos

Orientador(a): José André Villas Boas Mello

Rio de Janeiro
Abril/2024

HIPÓTESE DE CORREDOR CULTURAL COMO FOMENTO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL E IDENTIDADE TERRITORIAL

Dissertação apresentada ao Programa/Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre

Vanessa Pontes de Macedo

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr. José André Villas Bôas Mello CEFET/RJ) (orientador)

_____

Professor/a Dr./Dra.....(SIGLA DA INSTITUIÇÃO EM CAIXA ALTA)
(Coorientador, se houver)

_____

Professor/a Dr./Dra.....(SIGLA DA INSTITUIÇÃO EM CAIXA ALTA)

SUPLENTES

_____

Professor/a Dr./Dra.....(SIGLA DA INSTITUIÇÃO EM CAIXA ALTA)

_____

Professor/a Dr./Dra.....(SIGLA DA INSTITUIÇÃO EM CAIXA ALTA)

Rio de Janeiro
Abril/2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

RESUMO

Hipótese de Corredor Cultural Como Fomento ao Desenvolvimento Local e Identidade Territorial.

A urbanização tem remodelado diversos cenários no Brasil, porém, em poucos lugares a cultura deixa de marcar presença significativa. Nova Iguaçu, situada no Rio de Janeiro, destaca-se por sua tapeçaria cultural, que se manifesta desde suas origens até os tempos atuais. Este município é conhecido por suas festas culturais de grande importância, que se revelam como vetores essenciais para o desenvolvimento local e a afirmação da identidade cultural da cidade. Ao atrair visitantes, esses eventos dinamizam a economia local, fortalecendo o comércio e os serviços, gerando empregos e impulsionando o crescimento econômico regional. No entanto, o impacto desses eventos está confinado à sua periodicidade anual. Observando-se fenômenos globais, percebe-se a emergência dos corredores culturais, que são conjuntos de espaços urbanos interconectados onde se desenrolam variadas atividades culturais, como festas, exposições e shows. Esta pesquisa propõe a criação de um corredor cultural em Nova Iguaçu, interligando as regiões que sediam essas festas, visando transformar esses eventos em uma ferramenta contínua de fomento ao desenvolvimento local e à identidade cultural. Para que isso se concretize, são necessários investimentos adequados por parte do poder público e parcerias com o setor privado, incluindo a melhoria da infraestrutura urbana e a criação de uma programação cultural diversificada que abarque as diversas expressões artísticas e culturais presentes na cidade. Dessa forma, Nova Iguaçu poderia solidificar seu corredor cultural como um vetor crucial para o desenvolvimento local e a valorização da identidade cultural. Com gestão eficiente e investimentos estratégicos, estas festas culturais poderiam contribuir permanentemente para o fortalecimento da economia local, o fomento do turismo cultural e a promoção da diversidade cultural da região, oferecendo benefícios que ultrapassam o breve período de suas realizações anuais e marcando a cidade como um ponto constante de atividade cultural impactante.

Palavras-chave: Corredor cultural; desenvolvimento local; Identidade cultural.

ABSTRACT

Hypothesis of Cultural Corridor as Promotion of Local Development and Territorial Identity

Urbanization has reshaped various scenarios in Brazil, yet there are few places where culture fails to leave a significant mark. Nova Iguaçu, located in Rio de Janeiro, stands out for its rich cultural tapestry, manifesting itself from its origins to the present day. This municipality is known for its culturally significant festivals, which prove to be essential vectors for local development and the affirmation of the city's cultural identity. By attracting visitors, these events energize the local economy, strengthening commerce and services, generating jobs, and boosting regional economic growth. However, the impact of these events is confined to their annual occurrence. Observing global phenomena, the emergence of cultural corridors is noticeable. These are networks of interconnected urban spaces where various cultural activities, such as parties, exhibitions, and shows, take place. This research proposes the creation of a cultural corridor in Nova Iguaçu, linking regions that host these festivals, aiming to transform these events into a continuous tool for fostering local development and cultural identity. To realize this, adequate investments from the public sector and partnerships with the private sector are necessary, including the improvement of urban infrastructure and the creation of a diverse cultural program that encompasses the various artistic and cultural expressions present in the city. In this way, Nova Iguaçu could solidify its cultural corridor as a crucial vector for local development and cultural identity enhancement. With efficient management and strategic investments, these cultural festivals could perpetually contribute to strengthening the local economy, fostering cultural tourism, and promoting the region's cultural diversity, offering benefits that extend beyond the brief period of their annual occurrences and marking the city as a constant point of impactful cultural activity.

Keywords: Cultural corridor; local development; cultural identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Diretrizes para uso da técnica de entrevista semiestruturada 48
Figura 02- Mapa Regional Município de Nova Iguaçu 49
Figura 03- Mapa da cidade de Nova Iguaçu 50
Figura 04- Mapa bairro Tinguá 51
Figura 05 -Mapa bairro Jaceruba 52
Figura 06 Deslocamento Tinguá x Jaceruba – Andando. 52
Figura 07- Deslocamento Tinguá x Jaceruba – Bicicleta 53
Figura 08- Deslocamento Tinguá x Jaceruba – Carro 53
Figura 09 – Tendão Gastronômico- Festa do Aipim 54
Figura 10- 14º Edição Festa do Aipim 55
Figura 11- Pratos com Aipim 55
Figura 12 - Palco de Atrações da Festa da Banana 56
Figura 13 - 14ª Edição festa da banana. 57
Figura 14- Tendão gastronômico- festa da banana 57
Figura 15- Certificado da entrevistada a4 do curso da 1ª edição da festa do aipim 60
Figura 16- Variedades de Produtos- Festa do aipim 66
Figura 17- Doces com Banana 67
Figura 18- Katchup de Banana 67
Figura 19- Bananas produzidas em Jaceruba 79
Figura 20- Banana elemento crucial na cultura de Jaceruba. 85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Organização do Território de Tinguá 51
Tabela 2- Participantes Festa do Aipim 58
Tabela 3- Participantes festa do Aipim 2 59

LISTA DE ABREVIATURAS

URGS	Unidade Regionais de Governo
TBC	Turismo de Base Comunitária

SUMÁRIO

1.	**Introdução**	**10**
1.1	Considerações Iniciais	11
1.2	Descrição da Situação-Problema	13
1.3	Perguntas da Pesquisa	16
1.4	Objetivos da Pesquisa	16
1.4.1	Objetivo Geral	16
1.4.2	Objetivos Específicos	16
1.5	Justificativa da pesquisa	17
1.6	Delimitação da Pesquisa	18
1.7	Organização da Pesquisa	18
2	**Revisão de Literatura**	**19**
2.1	Nova Iguaçu e seu Contexto Histórico	19
2.1.1	Narrativa Histórica de Nova Iguaçu	19
2.1.2	Nova Iguaçu da História a atualidade	20
2.1.3	Corredor Cultural	24
2.1.4	Desenvolvimento Local	27
2.1.5	Identidade Cultural	31
2.1.6	Turismo Comunitário	36
2.1.7	Festa Culturais	40
2.1.8	Território e Política Pública	43
3	**Metodologia**	**44**
3.1	Técnica de coleta de dados	45
4	**Desenvolvimento**	**48**
4.1	Contextualização geográfica da pesquisa	48
4.2	Festas do Aipim e da Banana	54
4.3	Pesquisa	58
5	**Discussão**	**88**
6	**Considerações Finais**	**93**
Referências		95

Introdução

1.1 – Considerações Iniciais

A urbanização trouxe diferentes cenários para as cidades do Brasil, contudo chama atenção, nas reformas urbanas da primeira metade do século XX, a despreocupação com questões sociais que iam aos poucos se sedimentando e que viriam a se tornar estruturantes da questão urbana brasileira (Silva, 2022).

Entretanto o campo não tende a desaparecer com o processo de urbanização, ele segue sendo o local onde se dá a exploração de matérias primas para o consumo e a comercialização (Silva, 2022). Embora ainda existam lacunas de conhecimento sobre como a política urbana e o planejamento podem reconhecer, alavancar e ampliar os co-benefícios de sustentabilidade e bem-estar da agricultura urbana e periurbana (Nitya et al. 2022, o que se justifica, uma vez que poucos estudos têm abordado as diversas dimensões da sustentabilidade e as diferentes escalas territoriais em que se dá o dia a dia da vida urbana (Valenzuel et al. 2022).

Na década de 90 ocorre o crescimento da agricultura urbana em todo Brasil, sendo praticada em quintais e composta por agricultores cuja extensão de suas terras é menor em comparação com a da agricultura tradicional (Barbosa et al. 2020). A incorporação metodológica da agricultura urbana no ordenamento do território tem sido tratada apenas como parte do tema das áreas verdes, sem lhe dar a importância que merece pelo seu impacto urbano, ambiental, económico e social (Moreno et al. 2015).

É possível listar diferentes questões que permeiam esse seguimento, entre elas estudos que destacam que em todo mundo é notório um novo cenário onde muitos comerciantes informais buscam espaço e reconhecimento. O estudo de Chigwenya, (2022) permite perceber que comerciantes informais estão afirmando seus direitos a cidade.

Entretanto é preciso compreender a identidade desses comerciantes, que em suma são habitantes rurais e locais. Que segundo Paredes et al. (2021) sua identidade está atrelada às atividades que agricultores e trabalhadores fazem, suas crenças, suas formas de fazer seu trabalho, sua compreensão do mundo, costumes, práticas culturais e comportamentos. A realidade rural requer um fator identitário, que garanta aos camponeses a capacidade de gerar laços de coesão nas esferas social e cultural, e que eles

possam conceber sua própria identidade que supere as tensões entre o local, o regional e o global (Rojas, 2020).

A ruralidade tem sofrido transformações de todo o tipo que exigem uma reflexão séria sobre o futuro social, cultural, político e económico deste território (Montoya et al. 2022). Uma vez que, os agricultores territoriais seriam aqueles cuja utilidade social não é medida pelo valor de sua produção, mas pela reconquista dos territórios, função anteriormente abandonada em razão da concentração/intensificação da produção agrícola (Barbosa et al. 2020).

As práticas rurais são amplas, entre elas podemos destacar as relacionadas a alimentação. Para Ruiz e Gerhardt, 2019 é um fenômeno sociocultural complexo e revelador que inclui os modos de pertencimento a um grupo. Acredita-se que as práticas Agricultura Urbana também podem desempenhar papéis múltiplos, tanto na segurança alimentar como em questões sociais, ambientais, políticas culturais e urbanas (Mello, 2021).

O campo tem seu valor e seu espaço na composição da cidade, e inúmeros são os motivos que levam habitantes da cidade buscar a vida em zonas ruais, seja por localização ou valor até mesmo o bem-estar, o que impacta na preservação de memória afetiva e conservação da vida no campo (Guerra, 2022).

Embora para Mamédio et al. (2021) a comunidade rural está em um processo de decadência uma vez que ocorre a desvalorização de seu espaço físico, suas tradições e o cultivo do modo de vida assim como a socialização. Sendo assim, é preciso olhar para dentro desses espaços e compreender suas configurações e o que de fato valoriza e aprimora suas raízes, é preciso compreender os arranjos locais. Ir além das próprias aspirações socioculturais ligadas a essa nova noção de território, considerando também, as formações de redes, as relações de proximidade e reciprocidade camponesa, a cultura, o capital social, os valores éticos, o uso do espaço, entre outros (Cordeiro, 2019).

Tendo em vista que os investimentos acabam por estarem concentrados nos grandes centros urbanos – processo apoiado de maneira vigorosa pelos governos latino-americanos – se cria um Cenário de precariedade nas áreas rurais dos países das Américas do Sul e Central (Abreu e Azevedo Filho, 2019). É preciso reverter esse cenário, com o fortalecimento de potenciais locais, visando o desenvolvimento local. Neste sentido, as políticas públicas entrariam em cena como um esforço ao enfrentamento da pobreza, da

desigualdade e da exclusão social, como base para um “novo referencial” de atuação do Estado, principalmente no campo social (Cordeiro, 2019). Assim como as estratégias com ênfase rural devem ser o produto do compromisso do governo, do consenso político e da responsabilidade do Estado (Rojas, 2020).

Sendo assim, é possível destacar que estratégias com ênfase rural devem ser, a partir do momento em que são criadas, instrumentos de política setorial que gerem a reativação de mecanismos de financiamento para os pequenos produtores, a fim de fortalecer o fator capital produtivo (Rojas, 2020) Nesse cenário é valido salientar a importância das feiras rurais. Que possui um importante papel por aliar abastecimento urbano de gêneros alimentícios de primeira necessidade, ao estímulo a uma produção agroalimentar geograficamente mais próxima, possibilitando uma melhoria no acesso a alimentos em locais com menor fluxo de dinheiro (Barbosa et al. 2020).

As feiras dos produtores rurais contribuem, expressivamente, para preservar a autonomia dos produtores, aumentos de rendas, diminuição do êxito rural, desenvolvimento da agricultura local de forma sustentável (Carvalho e Grossi, 2019). As feiras livres surgem como uma oportunidade de comercialização nos circuitos curtos, fortalecendo não somente o produtor familiar, mas também seu cliente, com uma alimentação mais justa socialmente, ambientalmente sustentável e economicamente positiva (Exime et al. 2021).

Em feiras de agricultores familiares muitos aspectos podem ser explorados, entre eles a identidade cultural, contribuição social, melhoria de renda para os agricultores e a qualidade do alimento (Balem e Alves, 2020). Sendo assim, as feiras remetem a autonomia e contribui para a valorização da identidade local dos agricultores urbanos e de todos os moradores pertencentes da comunidade local. Criando um ecossistema comunitário com distintas participações dos atores sociais. Entretanto, é preciso enxergar outros cenários além das feiras que contribuem para a valorização cultural e fomenta o desenvolvimento financeiro das comunidades locais.

1.2 – Descrição da Situação-Problema

O presente estudo, visa estudar o munícipio de Nova Iguaçu, situado na baixada fluminense do estado do Rio de Janeiro. A extensão do urbano no espaço metropolitano e em Nova Iguaçu, indica uma nova qualidade de vida, restrita a uns poucos, que coexiste com os problemas e os dramas cotidianos da imensa maioria da população. (Santos, 2020). Tanto no que tange aos aspectos sociais e culturais, como simbólicos e poéticos, as particularidades e singularidades identitárias e locais vão perdendo espaço ao longo do tempo para essas configurações de cunho muitas vezes efêmeras. (mundim e Santana, 2022). Cabe ao presente estudo conduzir perspectivas de valorização histórico-cultural que por vezes são perdidas.

A preocupação da população local, em relação à preservação do patrimônio cultural da cidade, expressa o sentimento de pertencimento que esses indivíduos têm em relação à sua comunidade (Braga et al.2022). Sendo assim, pode-se compreender o patrimônio como uma construção social e cultural, porque é idealizado em relação à realidade concreta da comunidade (Rocha, 2022).

A grande extensão da cidade, com uma zona central populosa, tem como complemento uma zona rica de simbologia e territorialidade, que dá a luz a grandes manifestações culturais. Entre tais manifestações, é possível destacar as festas populares da cidade, representam as lutas pela formação dos espaços, descrevendo por meio de ações, símbolos e territórios os elos de pertencimento com a história do trabalho na cidade, da sobrevivência e da sociabilidade popular, além de exercer a busca pela cidadania. (Angelo, 2015). As festas são consideradas atrativos que podem apropriar e alavancar o turismo de uma região (Lanza, 2021). Surpreendentemente, são mais frequentes, atuais e relevantes do que imaginamos na vida cultural das sociedades contemporâneas. São consideradas patrimônios culturais imateriais dentro da lógica da diversidade cultural promovida pela UNESCO (Davel e Dantas, 2019).

A riqueza cultural presente no município se estende até o Parque Natural e Municipal de Nova Iguaçu, que de acordo com o estudo de Amaral e Gama, (2022) pode encorajar atividades complementares no município que, não só corroborem à criação de produtos enraizados territorialmente, mas que reflitam a identidade do município sob olhar de seus residentes.

Hoje o ser humano manifesta, cada vez mais, a vontade de consumir diferenças culturais que se encontram no património intangível de uma região e, portanto, este facto

leva a que muitos promotores recorram aos recursos culturais existentes (Marujo, 2022).

Souza et al. (2022), ressalta a importância desses eventos para o fortalecimento de vínculos e do sentimento de pertencimento à comunidade, além de encorajar a permanência dos agricultores no campo. Ahlert e Lehmann 2022, destacam a importância da produção agroecológica sustentável de alimentos, com venda direta aos consumidores através das feiras livres de produtos da agricultura familiar ou em eventos especiais com festas de grande repercussão.

Existem diversos tipos de festas que resgatam a cultura e a identidade da região, sejam elas religiosas a gastronômicas. Os conhecimentos existentes sobre as festas populares são multidimensionais: dimensão religiosa, cultural, simbólica, econômica, política, entre outras (Davel e Dantas, 2019). O estudo de Heinrich et al. (2019) compreende que o contato e a participação nas festas são formas de se conhecer os aspectos da sociabilidade e os elementos constitutivos da cultura, da tradição, dos costumes e do saber fazer locais. Sendo assim, os espaços de festa podem ser considerados como lugares de liberdade, transgressão, resistência e de transmissão de saberes e de ideologias voltadas à formação moral, ética e cidadã de um determinado povo (Fujita, 2023).

Observa-se que o turismo em ambientes rurais, que explora atividades gastronômicas de experiências e tem seus produtos agrícolas como destaque estão presentes em toda parte do mundo e se ramificam para as pequenas cidades do Brasil e do Mundo (Shimizu, 2021). Há por exemplo, municípios que tem como sua base de desenvolvimento local a realização de eventos festivos, assim como a cidade de Cachoeira, na Bahia (Martins e Martins, 2020). O estudo de Vieira e Figueiredo (2019) conclui que no embate cultural das tradições amazônicas, é possível visualizar e emergir novas pesquisas e direcionamentos que estimulem o turismo cultural, gerando investimentos e rendas.

Grandes festas possuem um impacto significativo para a região que a realiza. Há eventos em que os próprios moradores possuem ciência da importância da Festa para divulgação da maior atividade econômica do município (Eidt et al. 2021) Da mesma forma que s festas realizadas pela comunidade, são essenciais para que se mantenham financeiramente e também para cumprirem sua missão frente à sociedade, pois viabilizam a arrecadação de verba e a disseminação da cultura praticada ali (Sanches e Silva, 2019).

Mais do que ser valioso para o munícipio se faz necessário ser fundamental para a comunidade e seus integrantes como um todo. Regiões que destinam seus singulares espaços para compartilhar com a sociedade possui uma grande importância cultural. O envolvimento dos residentes na organização da Festa cria um sentimento de pertença e, também, um orgulho comunitário (Marujo, 2022). O principal desafio da governança de uma festa popular emerge do embate entre os diversos sentidos e interpretações atribuídos à festividade para produzir um engajamento identitário coerente e ativo (Davel e Dantas, 2019).

Sendo assim, se faz necessário compreender quais atores comunitários integram e participam do processo de realização de festas culturais, uma vez que estes são fundamentais para o processo de enraizamento identitário e devem ser os mais beneficiados com a realização dos eventos.

Busca-se então analisar a identidade do munícipio de Nova Iguaçu e de seus residentes, principalmente dos que integram e residem nas regiões que recebem as festas populares da região, como a festa do aipim e a festa da banana, as quais contribuem significativamente para a valorização territorial e desenvolvimento local, se faz necessário analisar o potencial das festas como atrativo local assim como a sua contribuição para os atores sociais que integram e participam de forma colaborativa desses eventos.

Dentro do universo da festa do aipim forma-se um elo com o local de produção, pois, o Tinguá representa esse início e os objetivos de criação perpassam a realidade difícil de seus moradores (Silva e Angelo, 2013). Ressalta-se a importância da realização das festas, não só como fator impactante ao município, mas também o seu valor para comunidade local. Cabe compreender se os realizadores dos eventos proporcionam o apoio necessário para que a comunidade local integre e participe com o suporte necessário, uma vez que é evidente que estes devem ser os principais beneficiados com a promoção de enraizamento cultural e com as múltiplas esferas de benefícios que as festas podem proporcionar.

1.3 – Perguntas da Pesquisa

Qual a contribuição que as festas do aipim e festa da banana ofertam para os moradores e participantes?

O município que oferta a festa dá suporte econômico e aprimora os artesões e produtores que colaboram para que ela aconteça?

Como se configura o perfil dos empreendedores, produtores e artesões que compõem as festas do aipim e da banana?

Há condições favoráveis para lançar a hipótese do corredor cultural na região?

1.4 – Objetivos da Pesquisa

1.4.1 – Objetivo Geral

Analisar a Festa da banana e a Festa do aipim sob a perspectiva de compreender a contribuição das mesmas para a hipótese de um corredor cultural para região.

1.4.2 - Objetivos Específicos

- Conhecer a história da Festa do aipim e a festa da banana, assim como características gerais do seu funcionamento;
- Descrever e conhecer os produtores e artesões participantes;
- Descrever os produtos produzidos e comercializados por eles;
- Apontar os benefícios que a oferta das festas agrega em sua realidade;
- Conhecer o perfil empreendedor dos produtores e artesãos integrantes e entender quais são os recursos presentes para o seu desenvolvimento e aprimoramento;
- Compreender se há possibilidade de integração dos participantes em outras atividades com características de desenvolvimentos econômicos e pessoais.

1.5 – Justificativa da Pesquisa

Os festivais agrícolas, através das suas tradições culturais, proporcionam ambientes únicos a quem os visita. Eles podem ajudar a criar turisticamente a imagem de

uma localidade e impulsionar a economia local (Marujo, 2022). Constatou-se, igualmente, que o turismo, por via dos eventos culturais levou à revitalização do comércio local (Serrão e Costa, 2020).

Na região de Tinguá, em Nova Iguaçu há oferta de percursos de trilhas, o retorno da festa do aipim e oferta de projetos que poderão desenvolver localidade como um dos principais destinos turísticos da cidade (Medereiros et al, 2017). A Festa da Banana visa o fortalecimento do potencial turístico local, a preservação e conservação ambiental e o reforço de sua identidade rural. O evento vai proporcionar a geração de trabalho e o aumento de renda das famílias (Prefeitura de Nova Iguaçu, 2022). Valorizar as manifestações populares em Nova Iguaçu pode despertar em cada um o sentimento de valorização do que lhes pertence e do qual fazem parte, para que se orgulhem de tudo que constitui particularmente seu universo cultural (Silva e Angelo, 2013).

Sendo assim, as festas culturais ofertadas no município de Nova Iguaçu, vem representando cada vez mais o fomento do turismo local e valorizando a identidade cultural dos moradores e integrantes do evento. Contudo, sua realização pode contribuir ainda mais para seus integrantes. Compreende-se que analisar o seu funcionamento e evidenciar suas potencialidades podem contribuir não só para a comunidade local, mas também para literatura científica que engloba a temática estudada.

Portanto, criar um corredor cultural é uma excelente estratégia para fomentar o desenvolvimento local e a identidade cultural da cidade de Nova Iguaçu. Por meio dessa iniciativa, é possível promover a economia criativa, impulsionar o turismo, valorizar a cultura local e criar oportunidades de emprego e renda para os moradores.

Contudo o presente trabalho, contribui diretamente para seis dos dezessetes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, entre eles podem citar a erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável, trabalho descente e crescimento econômico, redução das desigualdades, consumo e produção sustentáveis e parceria e meios de implementação. Enquadrando-se na Área de Concentração: Gestão de Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Regional. Este estudo se alinha à linha de pesquisa em Desenvolvimento Regional e contribui para o projeto de pesquisa Cidades e Territórios, explorando dinâmicas de desenvolvimento e gestão territorial que são cruciais para a sustentabilidade regional e a valorização da identidade cultural local.

1.6 – Delimitações da Pesquisa

Entre as delimitações da presente pesquisa é possível destacar a ausência de referências de estudos locais da cidade estudada, sobretudo, os que abordassem a região escolhida. Sendo assim, fica restrito a narrativa histórica com as limitadas referências encontradas.

1.7 – Organização da Pesquisa

A estrutura desta pesquisa é composta por seis capítulos, divididos em introdução, análise de literatura, metodologia, resultados encontrados, considerações finais e sugestões para pesquisas futuras e por fim, referências bibliográficas.

Na introdução, ocorre a apresentação do tema, incluindo as considerações iniciais e o contexto em que a pesquisa está inserida. Além disso, são discutidos a situação problemática que está sendo abordada, as razões que justificam a realização do estudo, o objetivo geral e os objetivos específicos, a importância do tema, a descrição da metodologia utilizada e as limitações da pesquisa

Com a finalidade de auxiliar a revisão teórica do presente estudo, na revisão da literatura é feito um levantamento bibliográfico sobre a Narrativa histórica de Nova Iguaçu, Corredor Cultural, Desenvolvimento Local e Identidade cultural. Contribuindo na fundamentação teórica da pesquisa.

Na metodologia da pesquisa, é explicito a categorização da pesquisa, o enfoque metodológico e a interação com os participantes, as estratégias empregadas para obter as informações das entrevistas, os procedimentos adotados para a avaliação dos dados adquiridos, os participantes selecionados e as restrições encontradas no método de pesquisa.

Nos resultados encontrados é possível discuti-los à luz da revisão bibliográfica e dos objetivos propostos, contudo é pontuado quais são as implicações para a área estudada e propor com base nas análises feitas a elaboração do eixo cultural, argumentadas em suas funcionalidades e benefícios.

Nas conclusões, são levantadas as considerações finais presentes no estudo, sintetizando de forma objetiva os principais resultados encontrados, destacando também as contribuições da pesquisa para o campo do corredor cultural, desenvolvimento local,

identidade cultural e para região de Nova Iguaçu, além de apontar possíveis limitações e sugestões para pesquisas futuras.

Por último, são apresentadas as Referências Bibliográficas com a presença de todas as fontes consultadas e referenciadas ao longo da pesquisa.

2. Revisão de Literatura

2.1- Nova Iguaçu e seu Contexto Histórico

Neste capítulo trataremos sobre o contexto histórico de Nova Iguaçu com divisão em 2 subtópicos, primeiramente narrando a história do município e após compreendendo a evolução histórica as suas características atuais.

2.1.1 –Narrativa Histórica de Nova Iguaçu

A Baixada, também conhecida como Arrabalde ou Grande Iguaçu, era a região do lado oeste da baia da Guanabara. Essa área foi ocupada por fazendas de cana-de-açúcar desde o século XVI. A sociedade na região era baseada nas grandes fazendas ou engenhos que utilizavam mão de obra escrava. Com a descoberta do ouro no século XVIII e a produção de café no século XIX, a região passou a ter uma dinâmica econômica focada no escoamento de produtos do interior (Silva, 2017). Sua ocupação ocorreu de forma intensa depois da década de 1940 com o fim da citricultura (Silva, 2019). E essa área apresenta como fator comum ao seu processo de colonização, a agricultura (Baptista et al. 2019).

Nova Iguaçu é uma das treze cidades que compõem a Baixada Fluminense e foi a origem da região que, atualmente, cerca a capital do estado; foi habitada primitivamente por tamoios e tupinambás, que utilizavam os rios para locomoção (Silva et al. 2020). Era um dos maiores municípios do estado do Rio de Janeiro, tinha cerca de 1.449 km² de superfície. O território possuía uma vasta planície envolta por elevadas montanhas tanto ao norte e a noroeste (Rodrigues et al. 2022). Criado por volta de 1833, sua região já era estratégica comercialmente por conta da Estrada Real do Comércio que facilitava o

escoamento das produções de café e cana-de-açúcar da Serra (Amaral e Afonso, 2022). Nova Iguaçu, assim como a sociedade brasileira como um todo, esteve no início do século XX, com sua economia empenhada nas atividades agrícolas (Maggesissi et al. 2019).

O processo de fragmentação desse território, ocorrido ao longo do século XX e expresso pelos sucessivos impulsos de emancipações municipais, tem se tornado o fio condutor de análises nas áreas de urbanismo e geografia, seguidas de perto pela sociologia, antropologia e história (Oliveira, 2019). O processo de fragmentação que resultou nos municípios de Duque de Caxias (1943), São João de Meriti (1947), Nilópolis (1947), Belford Roxo (1990), Queimados (1990), Japeri (1991) e Mesquita (1999) (Rocha e Sales, 2023). Observa-se, portanto, que a crescente urbanização de Nova Iguaçu coexistiu com um processo de concentração fundiária nas áreas rurais do município (Bastos, 2018).

Na década de 1950, a crise na produção de laranjas em Nova Iguaçu levou os atores políticos e sociais a procurar novas soluções econômicas e sociais. Enquanto o governo federal promovia a urbanização e a industrialização, Nova Iguaçu, um município periférico do Rio de Janeiro, buscava atrair indústrias para compensar a queda na produção de laranjas (Maggesissi et al. 2019). A Baixada Fluminense, ainda município de Iguaçu, apesar de próxima à cidade do Rio de Janeiro, e exatamente por isso, é pouco estudada e a história da região, com muitas lacunas, é desconhecida (Silva, 2017).

2.1.2 – Nova Iguaçu da História a Atualidade

Nova Iguaçu está localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sendo um dos maiores centros de comércio e serviços, às margens das mais importantes rodovias e ferrovias do país (Ribeiro, 2021). Nova Iguaçu está inserida em uma sub-região - a Baixada Fluminense. A população do município de Nova Iguaçu em 2010 era de 796.257 habitantes de acordo com o Censo de 2010 do IBGE, sendo o quarto mais populoso do estado do Rio de Janeiro.

A partir do início do século XXI, a Baixada se firma como região estratégica para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. O sítio, anteriormente conhecido como a periferia metropolitana do Rio de Janeiro, hoje é visto com um território dinâmico e em transformação (Oliveira, 2021). A cidade ao longo de sua história passou a ser chamada

e compreendida de outras formas, nesse contexto, Nova Iguaçu se desenvolveu como uma cidade dormitório, onde a maioria de seus habitantes trabalhavam na capital e apenas retornavam para dormir (Maggesissi et al. 2019). A cidade já surgiu com o seu espaço tomado pela forma da desigualdade na sua ocupação socioespacial, reflexo da desigualdade característica da sua ocupação irregular e desordenada (Ribeiro, 2021). Contudo, a falta de planejamento na ocupação do município resultou na ausência de benefícios urbanísticos, como saneamento básico, pavimentação e tratamento de água. Atualmente, a cidade de Nova Iguaçu mantém uma posição completamente diferente do que era no começo da industrialização do Brasil (Mello, et al. 2020).

Outros fatores podem ser encontrados e evidenciados como carência na atualidade do município, entre eles podemos citar que a cidade possui uma escassez de espaços para convivência e lazer. Isso se deve ao fato de a cidade ter uma população de cerca de 787.563 habitantes, mas apenas dois parques que não atraem a população devido à má gestão e questões relacionadas à segurança pública (Costa et al. 2020). Nova Iguaçu é o maior município em extensão territorial da região e está a apenas 30km do Rio de Janeiro. No entanto, é considerada uma área problemática e distante da capital por grande parte da população carioca, devido à pobreza e violência presentes na região (Meneses, 2021).

Contudo, a cidade localizada de forma estratégica, contribui para o crescimento da região. Ele tem acesso ao Arco Metropolitano, que conecta Itaboraí ao Porto de Itaguaí, passando pela Baixada Fluminense, um importante centro de exportação de minérios do Brasil. Além disso, a região é atravessada pela Rodovia Presidente Dutra, que liga a cidade do Rio de Janeiro a São Paulo, os dois principais centros econômicos do país (Rodrigues et al. 2022).

A cidade de Nova Iguaçu está organizada em nove Unidades de Governo Regional, as quais abrangem sessenta e nove bairros distribuídos da seguinte maneira: URG I – Centro, URG II – Posse, URG III – Comendador Soares, URG IV – Cabuçu, URG V – Km-32, URG VI – Austin, URG VII – Vila de Cava, URG VIII – Miguel Couto URG IX – Tinguá. (Pereira et al. 2019). Sendo o centro de Nova Iguaçu um importante polo de comércio e serviços, que abrange toda a Região da Baixada. Com sua concentração de meios de transporte coletivos, presença de polos de serviços e comércio, instituições sociais e de ensino, administração pública e equipamentos públicos, ele se destaca como a principal área central da cidade, caracterizada pelo maior nível de

urbanização e desequilíbrio territorial (Santos, 2019).

Nova Iguaçu é uma cidade de porte médio a grande e vista como importante centro regional, com significativa atividade tanto econômica quanto cultural na região. Contudo, diversas questões enfrentadas em Nova Iguaçu requerem ação do governo estadual, como a falta de empregos e escolas especializadas no Rio de Janeiro, integração com a malha rodoviária e ferroviária estadual e federal, transporte intermunicipal, dentre outros problemas (Ribeiro, 2021).

Em termos de renda, a Baixada Fluminense é um espaço heterogêneo, com grande disparidade de renda familiar e onde predominam os grupos socioeconômicos mais desfavorecidos (Flexor et al. 2020). E assim como a região que está inserida Nova Iguaçu, possui os piores indicadores sociais de pobreza e renda do estado do Rio de Janeiro, e muito disso se dá pela precariedade de infraestrutura e de políticas públicas para mudar essa realidade (Rocha e Sales, 2023).

Entre sua grande extensão territorial, o município possui a Reserva Biológica do Tinguá. Criada em 3 de maio de 1989, pela União Federal Decreto 97.780. Com uma extensão de 26.260 ha, é considerado uma grande unidade de conservação quando comparada com a área média das unidades da mesma categoria (Martins, 2023). Outro local que integra o município é o Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, uma unidade de conservação ambiental, com 1.100 hectares e alcançando 956 metros de altitude, criada pelo Decreto nº 6.001, de 5 de junho de 1998 (Silva e Carvalho, 2023).

Além de ser uma cidade territorialmente extensa e possuir uma localização estratégica, Nova Iguaçu possui um grande espaço cultural. Na cidade há cerca de 20 escolas de samba. A região destaca uma festa bastante conhecida, a Festa do Aipim, que surgiu devido ao cultivo de aipim no bairro de Tinguá e em outras áreas da cidade, sendo uma das festas mais famosas da Baixada Fluminense. A Festa da Banana é outro evento popular realizado pela Associação de Moradores de Jaceruba e pela Associação de Produtores de Jaceruba, em parceria com a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu e seus órgãos de incentivo (Angelo e Fatima, 2020).

Embora a cidade englobe muitos pontos e atributos culturais é relevante destacar que autores ainda visualizam Nova Iguaçu como um território de menor destaque e, tradicionalmente, com uma menor valorização quando nos referimos as suas atrações culturais (Trigo et al. 2022). As atrações ambientais e ecológicas também ganham

destaque no município, uma vez que representa uma grande parcela do seu território. No entanto, esses pontos são pouco conhecidos e explorados pelos habitantes e vizinhos, consequentemente, pouco apreciados. Nesse sentido, é importante fomentar a discussão sobre a preservação e valorização dos recursos naturais existentes na cidade, como parte do legado cultural natural das comunidades locais. Isso pode contribuir para a inclusão social dessa população, que é tão prejudicada pelas carências presentes em sua realidade (Oliveira e Fogaça, 2020).

Entretanto essa questão não passa despercebida pelos habitantes da região. A preocupação da população local, em relação à preservação do patrimônio cultural da cidade, expressa o sentimento de pertencimento que esses indivíduos têm em relação à sua comunidade (Braga et al. 2022). A cultura de uma localidade está baseada nos acontecimentos históricos que configuraram, ao longo do tempo, a identidade do local (Lopes, 2020).

Há uma possibilidade para geração de empregos e renda, com a finalidade de transformar a realidade local, se estruturando no patrimônio cultural da cidade e no conjunto de bens culturais de Nova Iguaçu, fomentando o turismo e o ensino sobre o patrimônio (Angelo e Fatima, 2020). Ainda nesse contexto, vale ressaltar alternativas que englobem essas potencialidades no município, entre elas podemos destacar os artesanatos domésticos, gastronomia local, e eventos que ressaltem essas grandes pluralidades, que de certa forma, expressam a sua importância e significado a região. O artesanato doméstico em Nova Iguaçu pode ser considerado um importante elemento cultural, uma vez que além de preservar tradições e técnicas passadas de geração em geração, também exerce um papel de destaque na movimentação da economia local e na geração de fonte de renda para inúmeras famílias (Santos et al. 2023).

2.1.3– Corredor Cultural

A cultura está associada com conhecimentos, sentidos, significados, imaginação, imaginários, hábitos, costumes, crenças, arte, modos de fazer e tudo aquilo que o ser humano tem a capacidade de produzir, seja material ou imaterial (Bem, 2021). Para iniciar

a fundamentação do corredor cultural, é preciso compreender o conceito de patrimônio cultural, nesse contexto, o patrimônio cultural é o conjunto de bens materiais e imateriais que constituem o patrimônio de um grupo humano e que reforçam emocionalmente seu senso de comunidade com identidade própria (González, 2022).

O patrimônio cultural é a identidade de um espaço, sendo que cada um deles possui a sua própria pluralidade possibilitando o reconhecimento daquele espaço e tornando-o único. (Messias et al. 2020). Cada património cultural tem uma capacidade específica de difusão cultural e o estabelecimento de ligações entre sítios patrimoniais pode reforçar a influência cultural global de uma região e promover o desenvolvimento do turismo regional (Huang et al. 2022). O patrimônio cultural, como produto da criatividade humana, é herdado, transmitido e modificado de indivíduo para indivíduo e de geração em geração (González, 2022).

Entretanto, é visível uma ausência explicita como desaparecimento do patrimônio cultural no meio do processo de urbanização, como uma consequência direta a evolução das malhas de transportes, contudo se faz necessário proteger o patrimônio histórico e cultural por meio de políticas públicas e outros instrumentos (Li et al. 2021). Ele é fundamental no papel da memória, da valorização da identidade do local, da exploração e aperfeiçoamento da criatividade regional e na criação de valores culturais (Messias et al. 2020).

Nesse sentido, a construção de corredores patrimoniais pode desempenhar um papel importante na proteção dos recursos culturais e na promoção do desenvolvimento económico regional (Wang, 2021), uma vez que, quando os corredores culturais buscam e geram acesso às produções de cultura impulsionam uma rede de saberes, formatos e novidades experimentais (Santos, 2022).

O estudo feito por, Bem (2021), considera que programa do Corredor Cultural surgiu para preservar e demonstrar o potencial histórico da região que foi estudada, levando em conta suas particularidades sem comparação com as outras áreas da cidade, fortalecendo e melhorando sua atratividade. Outro ponto que é altamente evidenciado e considerado um atributo de valor, com a implantação de um corredor cultural, é o engajamento dos grupos sociais envolvidos (Alcantara, 2008).

Diversos são os benefícios de um corredor cultural. O estudo de Salas e López (2019) associou a implementação do corredor a melhoria da segurança pública. Já para

Nascimento e Nóbreda (2016) em seu estudo, compreendeu que, o espaço do Corredor Cultural é utilizado para dar uma maior qualidade de vida da população, A restauração e revitalização do patrimônio contribuem para o desenvolvimento do turismo cultural, protegendo a história local para as gerações futuras. Para isso, é relevante preservar e preparar o local para receber os visitantes (Bem, 2021).

As atividades culturais características de uma região, assim como suas profissões manuais e seus métodos de produção, mesmo em cidades pequenas, também desempenham um papel importante na perspectiva global de produção cultural, e os traços culturais de uma determinada área contribuem para enriquecer as composições sociais e estéticas ao redor do mundo (Santos, 2022). Além do valor como bens simbólicos e suportes de memória e identidade, os bens culturais passam a ser, também, produtos culturais. Nesse sentido, se potencializa a revitalização de centros e locais históricos (Bem, 2021).

Atualmente as propostas de corredores culturais são amplas, o estudo de Martínez e Solís, 2017 aborta uma vantagem interessante em um corredor turístico uma vez que a sua proposição incentiva a mobilização não apenas de bens, serviços, bens e turistas na área, mas também visa um uso integral de uma rede de acessos e vias de circulação terrestre necessárias para a concorrência aos atrativos propostos. Assim como considerar oportuno. Como a implementação do corredor proposto por Matuck *et al*. (2022) o qual contexto político-social foi oportuno para a consagração do eixo como corredor cultural, estimulando o fluxo, o turismo e a cultura nesse território.

O estudo de Li et al. (2021) mostra que uma rede integrada de corredores ecológicos e culturais pode ajudar a orientar as estratégias de desenvolvimento da cidade para preservar melhor os bens ecológicos e culturais.

O corredor cultural, além de dinâmico, também pode ser conhecido por outros termos, assim como corredor histórico. A preservação dos recursos históricos, naturais e culturais ao longo de todo o corredor histórico é um dos propósitos centrais desse conceito, caracterizando-o de maneira única. A formação do corredor histórico começa de acordo com a ordem cronológica ou por campos de análise do panorama da época (político, societal, Cultural e Econômico). O local está estruturado de modo que, como sugere o próprio nome, quem se aproxima da exposição realiza um percurso no qual pode observar e experimentar a disposição do conteúdo histórico exposto (Portillo, 2021).

A preservação das construções, monumentos, praças e parques, entre outras estruturas, é um dos desafios para a valorização de uma região e implica em respeito para com os seus habitantes e manutenção de princípios e tradições da sociedade, pois o interesse dos turistas por uma região é passageiro e superficial e para os moradores o patrimônio é elemento fundamental, no que se refere a construções que representam a identidade (Bem, 2021).

Outro termo que é associado ao sentido de corredor cultural, é o corredor turístico. Sendo eles caracterizados por Félix et al (2021) como catalisadores do desenvolvimento turístico, pela sua capacidade de integrar vários núcleos e fluxos turísticos, estes podem basear o seu desenvolvimento através da utilização de percursos temáticos, relacionados com as suas características intrínsecas. Os autores ainda evidenciam que o termo é confundido ou tratado como sinônimo de rota turística.

Por mais plural e dinâmico seja seu vocábulo, em suma, as definições e caraterísticas são singulares e se conectam entre si, levando em consideração as características contidas no espaço, preservação da localidade, ampliando os costumes e as tradições históricas, locais e buscando a valorização da identidade regional, levando sempre em consideração as potencialidades presentes no território.

A promoção do turismo cultural em Centros Históricos urbanos exige o reconhecimento da importância de preservar e renovar esses locais. Essa conexão entre turismo cultural e a herança construída constitui uma opção para impulsionar a atividade turística como impulsionadora da identidade local e do crescimento econômico (Bem, 2021). As trilhas do patrimônio cultural são rotas evoluídas organicamente ou rotas intencionais. Os conceitos de trilhas, rotas e corredores são frequentemente usados de forma intercambiável, embora cada um tenha definições mais específicas (Li et al. 2021).

O aumento do papel do território como agente de mudança, a projeção de estratégias viáveis e alternativas de transformação condizentes com o contexto histórico territorial e nacional, a utilização, entre outras fontes (Olazabal et al. 2021). Ao desenvolver um projeto comunitário, cronogramas e calendários devem ser estabelecidos, relações de cooperação devem ser criadas, as metas propostas devem ser seguidas, planos devem ser elaborados e os recursos disponíveis devem ser gerenciados (Ortiz e Rodríguez, 2020).

Entretanto, a valorização do espaço, além de implementadas, devem levar em

consideração os atributos locais para seu melhor proveito e reconhecimento. Demonstra-se que a utilização de produtos agrícolas e gastronómicos tradicionais, possuem um valor inestimável para o turismo, cujo crescimento depende de como contribui para promover a produção local, isso somado ao fortalecimento do património agrícola, cultural e natural das comunidades que recebem os visitantes, pode se tornar um atrativo potencial para novos fluxos de turistas. Porém, é necessário planejar e administrar os recursos de forma interdepartamental, com o objetivo de estabelecer um conceito diferenciado, sustentável ao longo do tempo (Félix et al, 2021).

2.1.4– Desenvolvimento Local

A dinâmica de uma economia de país determina que a iniciativa econômica local deve ser encarada com uma ampla perspectiva do futuro, do ambiente e da concorrência. Isso afeta a forma como qualquer iniciativa local é planejada e desenvolvida (Sarmiento, et al. 2020). Inicialmente a ideia de desenvolvimento corresponde a ação ou efeito de desenvolver-se, tirar aquilo que envolve visando o desvelamento, o crescimento, o aumento, o desabrochar de algo (Asato, 2019).

Esse conceito tem diferentes interpretações. A maioria dos estudos concentrou-se nas relações de cooperação ligadas às relações interempresas, principalmente de pequenas e médias empresas, visando melhorar os níveis de competitividade empresarial (Trujillo et al. 2022). No desenvolvimento local, diversos atores participam a fim de promover processos de mudança para a melhoria de seu bem-estar coletivo (Riverón et al. 2021). A importância do desenvolvimento local fez com que os territórios de um país se tornassem eixos centrais que permitem gerir ações em busca de melhores condições para seus habitantes (Vélez et al. 2021).

O Desenvolvimento local está relacionado à combinação de elementos sociais, econômicos e políticos. Nessa situação, a dimensão econômica e seus meios desempenham uma função relevante na melhoria da vida em comunidade, onde são exercidas várias práticas, como setor fabril, agrícola, turístico e demais (Aparicio, 2021). Com a preocupação relacionada à situação das comunidades locais e do meio ambiente, os sujeitos locais iniciaram a intervenção pela busca de seus interesses; nesse sentido, utilizaram-se de forças contrárias às forças advindas do capitalismo (Giuliano et al, 2020).

O desenvolvimento local a partir de sua dimensão é complexo, pois em geral tem implícito muitos processos sociais que impactam uma comunidade (Pérez et al, 2020).

Percebe-se como o desenvolvimento alcançado pelos pequenos municípios advém do empoderamento do econômico, de modo que o sistema produtivo executado pelas instituições é relevante (Vélez et al. 2021). Esse conceito não se limita apenas ao município, mas também às cadeias produtivas, ou seja, às empresas e organizações engajadas no desenvolvimento econômico dentro do próprio município (hernández e Castillo, 2022).

O desenvolvimento local é um processo de crescimento econômico e mudança estrutural que leva a uma melhoria no padrão de vida da população local, no qual três dimensões podem ser identificadas (González, 2022). Sendo tais dimensões, econômica, sociocultural e político- administrativa. A abordagem de desenvolvimento local tem uma visão integrada de todas essas dimensões, uma vez que não é possível separar a interdependência entre elas. A política de desenvolvimento local adota uma perspectiva integrada desses componentes (Riverón et al. 2021).

É preciso ter em mente que existem dois paradigmas de desenvolvimento: o exógeno e o endógeno. Em relação aos primeiros, os governos centrais, por meio de estratégias macroeconômicas de desenvolvimento, intervêm na distribuição territorial das forças produtivas (Yero e Souto, 2022). Para Giuliano et al. (2020), são fatores que se manifestam por meio de sujeitos que não se encontram inseridos diretamente na comunidade, não sentem o ambiente e nem sequer vivem naquele espaço. Portanto as intervenções no local acontecem por escolhas alheias às vontades e consultas da comunidade.

As potencialidades endógenas de cada território são consideradas fatores econômicos e não econômicos, entre eles: recursos sociais, culturais, históricos, institucionais, paisagísticos, etc. Todos os fatores também são decisivos (Yanes e Alegría, 2020). Já para Ortiz e Rodríguez (2020) o desenvolvimento local é um processo dinâmico baseado na identificação e utilização dos recursos endógenos e potencialidades de uma comunidade.

O desenvolvimento local mantém estreita relação com a satisfação das necessidades humanas, o que também está plenamente de acordo com os princípios do cooperativismo (Marques e Costa, 2021). Em concordância, é possível inferir que as

cooperativas podem contribuir significativamente para o desenvolvimento local. Em síntese, pode-se dizer que a promoção do cooperativismo nas localidades pode contribuir diretamente para o seu desenvolvimento (Piñeiro, 2020).

É preciso enfrentar o desafio de não cair na simplificação do conceito de desenvolvimento e criar possibilidades locais a partir das potencialidades existentes (Mamede, 2019). Justiça social, participação popular, relevância e qualidade na gestão pública, reconhecimento da diversidade, autonomia para decidir e sustentabilidade, são alguns dos alicerces que devem sustentar uma política de desenvolvimento local (Pérez et al. 2017). A dinâmica local gerada pela inter-relação desses elementos - atores de desenvolvimento, estratégias e lógicas de coordenação de ações e recursos - apresenta qualidades particulares nas formas de ação local, diferentes de outras dinâmicas territoriais (Olazabal et al. 2021).

Sant'anna et al. (2020), constatou a presença de várias modalidades de engajamento comunitário e gestão governamental na fomentação de crescimento regional sob a esfera de atuação do governo brasileiro. Sob a perspectiva dos envolvidos, é importante salientar que a geração de progresso em um determinado território envolve agentes sociais de diversas origens e que, de fato, eles se unem com o propósito de atingir determinado objetivo. Silva e Martinelli (2021), enfatizam que os clusters são algumas das possibilidades de estratégias (públicas/privadas) para o desenvolvimento das regiões.

A gestão operacional do desenvolvimento local é a forma de fazer o governo municipal projetar, organizar e implementar as ações que possibilitem harmonizar as fontes e fatores de desenvolvimento com os problemas identificados (Trujillo et al. 2022). O apoio político-administrativo dos gestores públicos locais e a convicção de que um papel deve ser desempenhado no desenvolvimento econômico territorial são fatores decisivos nessas iniciativas de desenvolvimento local (Yero e Souto, 2022). Pode-se afirmar que o desenvolvimento local constitui uma política pública de importância estratégica que ocupa um lugar central nas agendas dos governos nos níveis municipal e provincial e requer também a ação dos órgãos da administração central do Estado (Díaz e Fernández, 2020).

O conhecimento que é comunicado entre os atores envolvidos nos processos de transformação é um recurso estratégico para alcançar as mudanças necessárias no contexto social, onde as inovações científicas se articulam com a solução de problemas

(Medina e Almansa, 2021). Existem várias experiências de desenvolvimento local que diferem em termos de história, evolução, organização institucional, quadros sociais e culturais (Alderete e Bacic, 2020).

O desenvolvimento local incorpora a perspectiva humanística de valorização da pessoa humana, a se tornar ela mesma sujeito efetivo do seu próprio destino. Trata-se, pois de um pressuposto lógico, isto é, que as pessoas devem participar ativamente e não apenas serem beneficiárias do desenvolvimento (Asato, 2019). O objetivo essencial do desenvolvimento local é a satisfação das necessidades materiais e espirituais ou o "desenvolvimento humano" das gerações presentes e futuras nesses espaços territoriais (Piñeiro, 2020).

O desenvolvimento da comunidade local é o objetivo de todos os projetos comunitários que são implementados nas cidades, alcançar o sucesso disso implica grande trabalho, determinação e, acima de tudo, envolvimento de todos os habitantes (Toctaguano, 2019). Particularmente importante é que, na teoria do desenvolvimento local, valorizam-se as relações interpessoais na construção das sinergias, visando à resolução dos problemas comuns que dizem respeito a toda a comunidade (Marques e Costa, 2021).

A esfera local adquire especial significado, por ser um espaço de proximidade social, onde os processos de desenvolvimento são mais palpáveis para indivíduos, grupos e comunidade. Há maiores oportunidades de adaptar o modelo às suas características (Polanco e Caballero, 2020). Todas as localidades e territórios dispõem de um conjunto de recursos, que constituem o seu potencial de desenvolvimento, sobre esse potencial terão, necessariamente, de gerir e articular iniciativas de desenvolvimento local (Ortiz e Rodríguez, 2020).

Observa-se, contudo, que o desenvolvimento local exige cautela profunda e minuciosa análise de todo o contexto de uma comunidade: suas necessidades, fragilidades, potencialidades e interesses dos agentes locais em executar e mudar uma ou várias realidades locais (Giuliano et al, 2020). Deve-se levar em conta a amplitude do conceito para determinar quais são os níveis de desenvolvimento que são alcançados naquele local, embora cada caso seja específico, pois qualquer processo de transformação deve responder às necessidades de cada área específica (Pérez et al, 2020).

O desenvolvimento não trata apenas de crescimento econômico e de progresso

material ilimitado, mas sim de um conceito que se aproxima da ideia de assegurar a qualidade de vida e o progresso material dentro dos limites naturais (Asato, 2019). A sugestão supracitada revela-se como condição para a transformação do tecido socioprodutivo local para o desenvolvimento, reconhecimento e integração nas estratégias, daqueles elementos culturais próprios (Olazabal et al. 2021). Importante salientar que o desenvolvimento local não se restringe às questões econômicas, mas propugna o desenvolvimento humano com satisfação de suas necessidades básicas (Marques e Costa, 2021). Contudo, o desenvolvimento regional pode vir através de elementos culturais, mais precisamente por processos de patrimonialização territorial, onde se atribui valores a uma massa de bens constantes em um espaço geográfico e, com isso, se consegue valorar o território através de uma simbologia construída (Zamberlan & Sonaglio, 2022). O território conta com o espaço como uma dimensão essencial, assumindo um papel fundamental na formação da sociedade. Por sua vez, o social exerce influência sobre a estruturação do espaço, resultando em uma evolução conceitual que implica na necessidade de repensar a relação entre espaço e sociedade. Isso tem um impacto significativo nas novas abordagens de desenvolvimento regional e local (RUÍZ et al. 2020).

2.1.5– Identidade Cultural

São poucos os espaços em que a cultura não está presente (Sánchez et al. 2021). A cultura das pessoas que ocupam um espaço pode ser originada das próprias características de cada pessoa que ali vive e, ao interagirem entre si, essas pessoas adaptam-se umas às outras e ao meio (Giuliano et al, 2020). Cultura é a produção e reprodução da existência humana em determinado contexto histórico. É prática social, e justamente em suas relações e mediações é que se desenvolve o processo organizativo da vida: o que e como se planta, come, estuda, aprende; como se cuida das crianças e idosos; como se faz arte, crenças, hábitos, a forma de fazer política (Percassi et al., 2021).

Identidade são todos os aspectos que firmam o ser ideal, a figura ideal de humano que cada sociedade tem, nesses aspectos formadores incluímos a cultura, a linguagem, os costumes, a arquitetura, a arte, a gastronomia e mais uma série de elementos (Campos, 2022). A cultura é algo que existe antes mesmo do nascimento de uma pessoa e é

transmitida pelo ambiente em que ela nasce, mesmo que a pessoa não se identifique com aquela sociedade em particular. Por outro lado, a identidade refere-se ao senso de pertencimento e à representação de como uma pessoa pensa, age e se veste. É o conjunto de escolhas que cada indivíduo faz e que muitas vezes difere do ambiente em que ele nasceu. A identidade depende do contexto em que o sujeito se encontra e pode envolver a adesão a diversas identidades simultaneamente (Bisognin et al. 2019).

Um habitante se apropria do seu local de residência ou do seu local urbano ao desenvolver o sentimento de pertença, de civismo, isto é, o direito a todos os níveis de vida e as obrigações que isso traz consigo. Isso está ligado à memória coletiva, construções de identidade, o aproveitamento daquilo que é do domínio público e participação para promover a defesa e crescimento de oportunidades (Bem, 2021). O direito à identidade cultural tem sido o resultado da transformação do direito internacional dos direitos humanos e do aprofundamento dos padrões de proteção das minorias culturais (principalmente étnicas e religiosas) (Faundes, 2020).

O habitus comum, produto da territorialidade, estrutura as relações culturais em um território que assenta a identidade social do grupo (Marinho, 2017). Nesse prisma são as experiências vivenciadas em um determinado território, incluindo aspectos geográficos, históricos, econômicos e sociais, influenciam a maneira como as pessoas percebem o mundo, se relacionam umas com as outras e constroem sua identidade coletiva.

Identidade cultural é o sentimento de pertencimento de um grupo ou indivíduo, ao seu passado e à sua posição atual diante do mundo e da vida (Olaya, 2020). Atravessa um aparato conceitual que a relaciona com a esfera antropológica, institucional e patrimonial, tais como: padrões de interação social ou mobilidade social, senso de pertencimento, participação social e patrimônio cultural material e imaterial (Olazabal et al., 2021). Sua dimensão simbólica, por exemplo, encontra-se repleta de significados afetivos, vinculados à construção da história individual e coletiva. Portanto, é considerada de base identitária, pois dela são gerados sentimentos de pertencimento e enraizamento (Mamédio et al., 2021). A identidade é um processo, o importante é entender o que faz os indivíduos se identificarem e terem o sentimento de pertença em relação a um grupo social. Aliado a isso, tem-se a identificação desse grupo com seu lugar de origem (Bisognin et al., 2019).

A identidade não é um conceito fixo, mas é recriada individual e coletivamente e

continuamente alimentada pela influência externa (Lomelí et al., 2021). Sendo um processo inacabado de transculturação que continua a formar-se na etapa de reafirmação do nacional, que se enriquece no contacto com outras culturas, mas sem perder a sua própria identidade (Leiva et al., 2022). A valorização da Identidade Cultural, em ambas as instituições prevalece uma abordagem assimiladora de adaptação cultural, que implica uma submissão e identificação ao sistema de valores da cultura que a acolhe (Pincheira, 2021). A busca do desenvolvimento endógeno residiria na capacidade de determinar os rumos do processo social com vistas a alcançar objetivos compatíveis com a manutenção da identidade cultural e a promoção da criatividade (Borja, 2019).

Os estudos acerca da identidade cultural na América Latina são abundantes e marcados por diferentes abordagens, frequentemente controversas. Desde a aceitação ou não da legitimidade do termo até a complexidade do próprio conceito, originou-se uma variedade de investigações a partir de campos do saber segmentados, ainda que fosse injusto não admitir o interesse nas últimas décadas em reconhecê-lo como manifestação da transdisciplinaridade (García et al., 2021). A identidade passa a ser modificada e transformada continuamente pelos sistemas culturais múltiplos que rodeiam as pessoas, existindo dentro de cada um, identidades contraditórias que levam a uma variedade de direções e deslocam as identificações constantemente (Lacerda et al., 2022).

A redução ou omissão da análise da identidade cultural local no âmbito do diagnóstico estratégico municipal limita a identificação, integração e mobilização deste recurso cultural, leva à subutilização das suas capacidades endógenas (Olazabal et al., 2022). Várias outras localidades que têm sofrido com a invasão e perda de seus espaços físicos e identidade cultural (Mamédio et al., 2021). O debate acerca da identidade cultural, se aprofunda quando nos vemos imersos num mundo globalizado (Lacerda et al. 2022).

A integração da identidade cultural como recurso local à gestão do desenvolvimento territorial fornece elementos que permitem identificar, definir objetivos estratégicos e aproveitar a identidade cultural (Olazabal et al. 2021). Contudo, o conceito de território está associado às relações de poder, à apropriação espacial, à identidade de um grupo social e à sua reprodução cotidiana (Manfio e Pierozan, 2019). A globalização do meio rural ocorre paralelamente ao processo de desterritorialização, gradativo, intenso e generalizado, despertando reflexões sobre os temas identidade e território (Mamédio et

al., 2021).

O importante seria analisar não tanto a essência ou os conteúdos da identidade, mas os processos sociais que a produzem: quando, onde e por quem ocorre essa construção identitária (Cabrero,2022). Comunidades que preservam uma identidade cultural, confiança coletiva e união social em relação às suas realidades sociais, econômicas e ambientais possuem uma consciência coletiva crítica da questão dos confrontos socioambientais no território, o que mostra o comprometimento que eles possuem com seu território e a compreensão de seus desafios e disputas (Botia FlechaS e Preciado, 2019).

Poder-se-ia, então, considerar que a identidade cultural como recurso local contém suas potencialidades em qualidades próprias como especificidade e diversidade, com capacidade de criar vantagens competitivas e diversificar as atividades sociais e produtivas do território (Olazabal et al. 2021). A identidade marcada pela cultura, tradição e nacionalidade, permitindo aproximação social e adaptação territorial (Manfio e Pierozan, 2019).

Estas questões são responsáveis por edificar e fortificar a identidade cultural da sociedade de uma determinada região. Sendo os elementos históricos, culturais e simbólicos, alguns concretizados, como as obras feitas à mão, e outros não, como o senso de pertencimento ao local, que geram singularidades, cooperações e estabelecem o significado de identidade das comunidades e o ambiente para a organização de um mercado de mercadorias simbólicas (Vargas e Fialho, 2019). Contudo, é preciso caminhar para a consolidação de uma cultura agroecológica. Isso implica necessariamente compreender a cultura para além da arte, e a agroecologia para além da produção de alimentos (Percassi et al., 2021).

A identidade cultural relacionada aos bens artificialmente elencados pela institucionalidade, tende a criar uma distorção em relação à realidade visto que a riqueza encontrada no seio da sociedade brasileira não é expressa nos entes patrimonializados (Campos, 2022). As culturas nacionais são umas das fontes predominantes de identidade cultural existentes até hoje. Quando as pessoas se identificam como brasileiras ou latino-americanas, estas não são identidades impressas nos genes, mas constituídas culturalmente e socialmente. (Lacerda et al. 2022).

As teorias sobre cultura e identidade podem ser divididas em objetivistas e

subjetivistas. As teorias objetivistas consideram critérios como origem comum, língua, religião e território como determinantes da identidade cultural de um grupo. Já as teorias subjetivistas afirmam que a identidade cultural não é algo fixo e imutável, mas sim uma escolha individual baseada nas próprias identificações de cada pessoa. A abordagem subjetivista reconhece a natureza variável da identidade, embora destaque sua efemeridade (Bisognin et al. 2019).

Sendo assim, o sentimento de pertencimento é fundamental para a sobrevivência do patrimônio cultural ao longo do tempo (Messias et al. 2020). Verifica-se que as propostas tanto de apropriação turística quanto de renovação dos espaços urbanos têm sido formas de reinventar as relações dos sujeitos com as memórias dos lugares e a cultura, bem como a identidade cultural e o patrimônio ali construído. Por consequência, a educação patrimonial passa a ganhar destaque no âmbito das ações públicas e privadas de produção desse espaço (Angelo eFatima, 2020). Contudo, a autonomia cultural é essencial e, portanto, a política cultural é elemento estratégico, estruturador da política de desenvolvimento (Borja, 2019).

Sendo assim, é possível compreender com base nos autores acima, que a identidade cultural é fortemente influenciada pelas questões territoriais que uma comunidade ou grupo étnico vive. O espaço físico em que as pessoas habitam desempenha um papel fundamental na formação de sua identidade cultural, uma vez que o ambiente geográfico molda as tradições, crenças, valores e práticas de uma determinada comunidade, uma vez que a relação entre uma comunidade e seu território pode ser complexa, abrangendo não apenas aspectos materiais, como recursos naturais e condições geográficas, mas também a interpretação simbólica e afetiva que as pessoas atribuem ao espaço em que vivem.

2.1.6– Turismo Comunitário

O turismo como estratégia para o desenvolvimento sempre esteve presente nas principais agendas estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) (Buck, 2020). Devido às suas características, o turismo promove o uso dos recursos naturais e culturais de muitos países, o que o tornou uma importante esfera da economia por ser uma fonte de renda em moeda estrangeira que impulsiona outras atividades da economia

nacional (Guillén e Vera Peña, 2020).

O turismo é capaz de transformar localidades que apresentam desequilíbrios e limitações. Esses impactos positivos, são possíveis de se perceber em modalidades do turismo que direcionam suas práticas na sustentabilidade e na colaboração, a exemplo do Turismo de Base Comunitária (Gomes, 2020). Essa situação condicionou a mudança nas concepções e práticas turísticas ao ampliar seu alcance: passou de uma posição centrada na opção de viajar a lazer ou por razões comerciais, profissionais ou outras semelhantes para concebê-lo como um fenômeno social (Mullo et al. 2019).

O turismo comunitário na América Latina tem sua origem na própria comunidade e a forma de organização dessas entidades frente a atividades como: emprego, microempresas, hospedagem, gastronomia, artesanato (Padilla, 2020). É uma modalidade que busca relacionar comunidades com turistas a partir de uma perspectiva intercultural, garantindo a valorização de seu patrimônio, direitos culturais e gestão adequada dos recursos (Calero e Carretero, 2021). Inclui formas de turismo propostas e geridas pelas próprias sociedades locais e que se encaixariam "harmoniosamente" na dinâmica social tradicional do local de acolhimento (Jouault, 2021). Na América Latina, as comunidades locais adotaram o turismo de base comunitária como uma estratégia de reivindicação e justiça social (Chontasi et al. 2022).

As experiências locais reúnem iniciativas que transformaram o turismo de base comunitária em um campo estratégico de desenvolvimento social, econômico e cultural, que parece atender com sucesso às demandas do mundo atual (Mullo et al. 2019). Costumes e conhecimentos culturais como colaboração coletiva, comunicação, obras manuais, manifestações musicais, convicções, cerimônias e religiosidade ligados à cascata sagrada nos possibilitam compreender o estilo de vida da região como princípio de uma educação ecológica voltada para a preservação e o crescimento do turismo comunitário (Tapia et al. 2022). O turismo de base comunitária a partir dos numerosos estudos de caso em todo o mundo mostra padrões únicos de comportamento da comunidade em relação ao turismo (Chontasi et al. 2022).

Os projetos comunitários surgem como uma alternativa para superar as disparidades sociais e econômicas sofridas pelas comunidades rurais, ou seja, os projetos tornam-se uma ferramenta que pode ser utilizada pelas comunidades que buscam desenvolvimento (Padilla, 2020). O projeto do complexo de ecoturismo sustentável irá

fortalecer o turismo colaborativo para que, dessa maneira, os moradores se tornem os protagonistas desse setor e, através da sua própria estruturação, administrem e apresentem a sua cultura, cujo objetivo é fortalecer e incentivar o turismo colaborativo para as demais localidades da região. (Pin et al. 2019). Quanto maior e melhor for o grau de envolvimento da comunidade, maiores e melhores serão os benefícios e Resultados para as comunidades, no entanto, é importante qualificar o fato de participar (Navarro et al. 2019).

A percepção da comunidade sobre a atividade turística é transcendental; uma vez que marca o caminho a seguir e estabelece o tipo de estratégias em sua logística, desenvolvimento e mesmo avaliação do turismo na localidade (García et al. 2022). O turismo comunitário representa uma oportunidade para as comunidades, pois implica maior controle de seu processo de desenvolvimento (Berlanga e Ochoa, 2020). Ele criou as bases para o empreendedorismo, a autogestão e o desenvolvimento endógeno sustentável.

Na verdade, se estabelece como "impacto" de uma rede sociotécnica, que reflete uma intrincada trama de componentes diversos em funcionamento que, por sua vez, se revelam nos estilos de vida de conjuntos que não são meramente "sociais", uma vez que, nessa dinâmica, também atuam elementos não-humanos. Em outras palavras, todos os participantes são simultaneamente sociais e técnicos, o que requer uma análise detalhada sobre o objeto em questão, que os leve em consideração em igualdade de importância (Moraes et al. 2021). O modelo de gestão em que se baseia tem como eixo a articulação dos esforços e condições para o uso do patrimônio natural e/ou cultural. (Mullo et al. 2019).

Nesse sentido, muitos atores desempenham papeis fundamentais na implementação do truísmo comunitário, entre eles podemos destacar as associações, que por sua vez desempenham uma função relevante no turismo de base comunitária, visto que, através delas a comunidade adquire capacidade para reivindicar, ao lado das instituições governamentais, as melhorias indispensáveis para o progresso local. Ademais, constituem-se como um espaço de participação autorizada pela comunidade em geral, ao reunir os habitantes e debater assuntos de interesse coletivo (Faxina e Freitas, 2021).

É necessária uma mudança de escala na atividade turística para priorizar as

viagens dentro de ambientes locais e regionais em detrimento de viagens nacionais e internacionais. Estamos falando de um turismo doméstico mais inclusivo socialmente (Jouault, 2021). No Brasil, o Turismo de Base Comunitária, embora reconhecido como uma importante estratégia de desenvolvimento local, com foco na ampliação dos rendimentos e inclusão social das comunidades envolvidas, apresenta problemas (Teixeira et al. 2020). Muitos dos destinos de turismo de base comunitária localizam-se em áreas de difícil acesso, com precária infraestrutura de transportes, o que acaba contribuindo também para que um menor contingente de turistas se interesse por conhecer esses territórios (Arruda e Gonçalves, 2021). O estudo de Faxina e Freitas (2021) verificou que a insuficiência da infraestrutura elementar do local, constitui um elemento que restringe a expansão da disponibilidade turística por parte da própria população, o que pode ocasionar um atendimento ineficaz da procura.

A atividade de turismo comunitário dá oportunidade para que a população possa oferecer à venda seus produtos da atividade principal, por meio da venda direta e de alimentos preparados. (Aguirre, 2019). Através do desenvolvimento do turismo comunitário pretende-se resgatar, preservar e fortalecer os seus próprios costumes e tradições (Calero e Carretero, 2021). Ele proporciona não só benefícios materiais, mas também orgulho cultural, aumenta a consciência da comunidade sobre o ambiente e o seu valor económico e cria um sentimento de propriedade através da diversificação das fontes de rendimento (Mullo et al. 2019). É preciso ter claro que o objetivo dessa modalidade de turismo comunitário é garantir a distribuição local dos benefícios (Félix et al. 2020).

O turismo comunitário deve ter como foco a valorização da cultura, a conservação do meio ambiente e considerar o crescimento econômico e seus benefícios, uma vez que nem sempre está associado ao extrativismo ou ao consumismo (Pinares et al. 2021). O estudo de Calle e Salazar (2021), considera seis eixos para gerir o turismo comunitário, entre eles estão fortalecimento organizacional, gestão do território, revitalização da cultura, economia solidária, governança e qualidade ajustados ou empregado de acordo com as peculiaridades existentes em cada território.

Já Buck (2020), cita em seu estudo quatro dimensões devem ser consideradas em um projeto de turismo comunitário, sendo elas, dimensão social, dimensão ambiental, dimensão econômica e por fim, dimensão cultural. Somente quando todas essas dimensões são consideradas de forma integrada é que os frutos do turismo comunitário

podem ser colhidos pelas comunidades envolvidas. Isso significa que um projeto de turismo comunitário deve ser socialmente solidário, ambientalmente responsável, economicamente viável e culturalmente enriquecedor.

É importante insistir que cada lugar tem uma cultura que foi preservada ao longo dos anos por seus antecessores e agora pelos habitantes atuais, e que o turismo contribui para a construção e preservação cultural (García et al. 2022). Os saberes e saberes locais desenvolvidos ao longo de sua história e interação com o meio ambiente, são a base para a tomada de decisões comunitárias, organização social, uso responsável dos recursos naturais, apropriação e respeito aos seus valores identitários (Tapia et al. 2022).

No contexto brasileiro, desde a década de 1990, iniciativas designadas como turismo de base comunitária ou turismo comunitário vêm sendo delineadas a partir de estratégias culturais e políticas enraizadas localmente, frente às tendências hegemônicas do turismo massificado no Sul global (Moraes et al. 2021). Considerando-se a diversidade cultural e ambiental existente no território brasileiro, o modelo conceitual do Turismo de Base Comunitária apresenta as condições necessárias para concretizar-se como mais uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo (Teixeira et al. 2020). Entretanto é importante verificar se as condições na área designada são propícias ao turismo de base comunitária, por meio de uma avaliação inicial, a fim de diminuir as incertezas frente ao planejamento turístico (Faxina e Freitas, 2021).

Os projetos comunitários têm uma componente socioeconómica que ajuda a reduzir as taxas de pobreza existentes, promover o desenvolvimento do cenário do turismo rural, revalorizar a cultura, proteger os recursos naturais e gerar turismo sustentável (Padilla, 2020). Os turistas são principalmente de outros lugares. O que eles gastam em uma economia local representa uma entrada de dinheiro externo. Neste sentido, o turismo é um motor de prosperidade e um redutor da pobreza (Toerien, 2020). Os incentivadores de lucro demonstram um interesse significativo nos benefícios que o turismo pode oferecer, bem como uma forte disposição para participar efetivamente do processo de planejamento turístico da comunidade (Marreiro et al. 2019).

2.1.7– Festas Culturais

As festas são uma presença constante em nossas vidas individuais e coletivas,

regulando-as no ritmo de sua incessante sucessão no calendário. São elas que demarcam os momentos caracterizados por ter maior importância da vida individual e coletiva (Farias, 2019). Os festivais culturais são um poderoso instrumento de promoção da cultura, da arte, do emprego, da reconfiguração das atividades produtivas e do desenvolvimento local (Ordóñez, et al. 2020).

Os eventos têm vindo a afirmar-se como parte integrante das estratégias económicas e culturais das regiões, fazendo destes uma aposta na diferenciação e no desenvolvimento dos destinos (Serrão e Costa, 2020). Em uma abordagem regional, os grandes eventos e festas possuem grande força para atrair turistas às pequenas cidades do interior, onde há um déficit em atrativos turísticos formatados (Souza et al, 2020).

A utilização dos recursos endógenos de uma área faz com que esses eventos, na maioria das vezes, tenham um impacto positivo na economia local (Negruşa, 2016). Os eventos exercem, na atualidade, um papel fundamental no contexto social, cultural, político e econômico de um país ou de uma região. Eles permitem que as cidades se desenvolvam e divulguem seus atrativos e suas potencialidades (Schmitt, 2020).

Compreendida como uma manifestação cultural, a festa popular origina-se em um evento sagrado, social, econômico ou político (Batista e Bastos, 2023). As festas representam a quintessência da economia cultural e constituem exemplos típicos das áreas de organização e empreendedorismo que tratam de temáticas associadas às artes, empreendimentos culturais e diversão (Davel e Paiva, 2019) Os eventos também ajudam na valorização das infraestruturas existentes na região. Com a sua realização nas próprias infraestruturas ou perto destas, os eventos acabam por atrair as pessoas à visita dos espaços que possivelmente sem a sua existência não seriam visitados (Alves, 2019).

É importante ressaltar que esses eventos e manifestações populares simbolizam uma das facetas da oferta turística brasileira, surgindo devido à tradição religiosa ou à ligação com a produção econômica de uma região (como agricultura ou pecuária). Além disso, são formas culturais relevantes de um grupo de pessoas, transmitindo um sentido muito mais profundo do que simplesmente atrair visitantes. Elas transformam a aparência do local e podem representar uma oportunidade de desenvolvimento local ao impulsionar a economia, melhorar a qualidade de vida da população e elevar a autoestima do povo (Araújo, 2019).

Os aspectos culturais e identitários de uma população podem estar relacionados a

símbolos, representados por monumentos, complexos arquitetônicos, elementos que simbolizam a história dos lugares, além de eventos artísticos/culturais/religiosos (Santos et al. 2020). Uma comunidade possui memórias em comum, como uma festa religiosa que une um grande número de pessoas em torno de um único objetivo (Messias et al. 2020). Os eventos culturais estruturam um exemplo de patrimônio cultural e por sua vitalidade impactam na destacada evolução da cultura e do consumo cultural do lugar onde ocorrem (Ordóñez, et al. 2020).

Nas cidades, as festas populares se perpetuaram graças às iniciativas das comunidades responsáveis pela manutenção dessas tradições, passadas de pai pra filho e são reiteradas coletivamente através de celebrações, representações e festas (Davel e Dantas, 2019). De certa forma esses festejos produzidos pela população dentro do espaço acabam tornando-se uma tradição e uma simbologia de poder e crença da população (Sousa e Lima, 2019). São nas territorialidades existentes na Festa onde acontecem as relações sociais (Camargo e Fátima, 2020). Elas são espaços de comunicação e compartilhamento de crenças e de valores, enraizados e cultuados pelas tradições. Além disso, essas festas são comemorações grupais que procuram preservar a memória das raízes culturais (Morigi e Massoni, 2020).

A compreensão das percepções dos moradores sobre os benefícios do evento dentro de uma perspectiva sustentável é importante para os organizadores do evento e a administração local, a fim de desenvolver estratégias eficientes para o desenvolvimento (Negruşa, 2016). Tendo presente a importância do seu envolvimento no planeamento e desenvolvimento do turismo, torna-se imperativo analisar as diferentes percepções (sendo positivas ou negativas), através dos eventos turístico- culturais (Serrão e Costa, 2020).

Com vista a contribuir de forma sustentável para o desenvolvimento local, os eventos devem assegurar um equilíbrio entre os objetivos económicos, sociais e ambientais através de estratégias adequadas de forma a otimizar os efeitos positivos e minimizar os negativos (Serrão e Costa, 2020). A gestão dessas manifestações culturais tende a ser, no mundo contemporâneo, uma expressão das novas formas de gestão coletiva ou em rede, estabelecendo uma articulação entre o público, o privado e o comunitário (Davel e Dantas, 2019).

Os eventos possibilitam a realização de viagens, ampliando o consumo, permitindo uma melhora nos níveis de empregos do local e promovem o desenvolvimento

dos destinos que os sediam (Schmitt, 2020). A gastronomia ganha destaque nos eventos regionais, uma vez que, pode ser uma alternativa de interesse turístico, visto que nestas celebrações o público necessita de algo à disposição para o consumo alimentar (Silva, 2022).

Se faz necessário valorizar as festas como elementos do patrimônio, destacando habilidades locais, sociabilidades e elementos culturais como gastronomia, artesanato, indumentária, lazer comunitário e identidades étnicas, religiosas, geracionais e urbanas (Tavares et al, 2019). Muitas festas populares se apresentam como instituições plenas devido a sua recorrência, legitimidade, centralidade e sedimentação cultural, ao longo de décadas ou séculos, no âmbito de uma sociedade determinada (Davel e Paiva, 2019). Santos et al. (2020) compreende a necessidade e importância dessas manifestações e do olhar das gestões públicas, especificamente da área cultural, para o apoio a essas manifestações.

Festas e celebrações são atualmente reconhecidas por muitos estudiosos como relevantes recursos para impulsionar as atividades econômicas locais e promover efeitos posteriores. As principais vantagens financeiras estão ligadas aos investimentos diretos dos visitantes e ao aparecimento de oportunidade de emprego (Negruşa, 2016). Nesse contexto os eventos devem ser pensados como uma atividade econômica que gera uma série de benefícios para a cidade promotora e para a população, trazendo divisas e permitindo um desenvolvimento econômico (Schmitt, 2020).

Além de sua importância e contribuição para a preservação de uma memória coletiva e fortalecimento da identidade local, as festas tradicionais impulsionam a economia local e têm se tornado eventos com grande potencial de promoção de imagem das cidades, proporcionando visibilidade aos municípios que as sediam. Muitas dessas celebrações, ainda com sólidas raízes tradicionais, têm adquirido cada vez mais relevância na atração da comunidade e de públicos transitórios, resultando em uma vitalização do comércio local (Souza e Laurentiz, 2019).

Sendo assim os eventos, quando adequadamente administrados, podem ter um impacto mínimo e ao mesmo tempo contribuir com o desenvolvimento econômico do local que os abrigam (Conceição e Silva, 2022). Um Evento não tem cunho apenas de festa e diversão, existem inúmeras possibilidades e realidades que são alcançadas com apenas uma festa (Souza et al, 2020). Dessa forma tende a ser garantido que todos os

envolvidos possam desfrutar dos benefícios econômicos e sociais que podem ser gerados por eles.

2.1.8– Território e Política Pública

Tem sido cada vez mais apontado o papel mais ativo da discussão federativa – no sentido das pactuações possíveis entre entes federativos (União, estados e municípios) e, por conseguinte, da dimensão coordenação nas políticas públicas (Brandão, 2019). Ao pensarmos na construção de políticas públicas de cultura temos no município um nível de governo estratégico e privilegiado para a efetivação das ações. É no território que a cultura é praticada em toda a sua intensidade e diversidade (Calabre, 2019).

O território passou a ser uma dimensão importante para a ação governativa, na medida em que os órgãos centrais se tornam mais sensíveis à especificidade dos territórios, permitindo que os atores locais/regionais participem da formulação e da implementação de políticas públicas (Dias e Seixas, 2020). Entretanto, a cegueira geográfica do território e da região nas políticas públicas brasileiras desconsidera as mediações escalares e as diferentes combinações de normas e formas que constituem o espaço geográfico (Feitosa e Aranha, 2020).

Na literatura é explícito o papel do estado em promover a política pública, mas sendo evidente que novos processos para implementá-las vem ganhando força. De acordo com Dias e Seixas (2020), o principal papel do Estado passa a ser o de regulamentar, coordenar e supervisionar a ação de redes de atores regionais e locais, os quais, através de mecanismos de governança territorial/multinível, assumem o protagonismo na implementação de políticas públicas. Uma metodologia em que o território esteja situado no centro do debate deve se ancorar no intercâmbio de problemas que reflete as dinâmicas políticas, econômicas e sociais dos diferentes lugares e subespaços (Feitosa e Aranha, 2020).

É fundamental ressaltar que a eficácia das políticas públicas de cultura está intrinsecamente ligada à capacidade de compreender e articular as dinâmicas territoriais, reconhecendo as interações complexas entre espaço, identidade e produção cultural. Ao colocar o território no centro do debate e da ação governativa, é possível potencializar o impacto positivo das políticas culturais, promovendo o desenvolvimento humano, a

coesão social e a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

3. Metodologia

Toda pesquisa tem como intencionalidade indagar algo a partir de uma problemática vivenciada no contexto social, tendo como objetivo responder à pergunta problema e as preocupações de elaborar novos conhecimentos (Sousa e Santos 2020).

Com o objetivo de compreender as perspectivas, experiências e opiniões dos participantes das festas do aipim e da banana em relação ao desenvolvimento local e à identidade cultural de Nova Iguaçu a metodologia utilizada no presente estudo é a metodologia qualitativa, na qual mais que em qualquer outra modalidade de produção de conhecimento, o pesquisador tem um lugar privilegiado desde o qual ele pode exercitar a sua subjetividade a plenitude (González, 2020).

No campo fértil das ciências humanas e sociais, a pesquisa qualitativa centraliza-se na linguagem e, por assim dizer, tudo que é dito, é dito para alguém em algum lugar, de algum lugar ou para algum lugar (Sousa e Santos, 2020). Nela a realidade é múltipla e subjetiva (Ontologia), sendo que as experiências dos indivíduos e suas percepções são aspectos úteis e importantes para a pesquisa (Patias e Hohendorff, 2019).

O instrumento escolhido para a pesquisa foi a entrevista, que quando comparado a outros métodos possui maior detalhamento das respostas; a obtenção dos dados pode ser mais abrangente (Maia, 2020). A aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa pode ser compreendida como uma conversa dirigida (Russo e Silva, 2019). O tipo de entrevista escolhida foi a Semiestruturadas, que têm a finalidade de obter informações de entrevistados sobre um determinado tema/assunto, por meio de uma conversa planejada seguida por um roteiro e por indagações (Sousa e Santos 2020). A entrevista semiestruturada é um dos principais instrumentos que o pesquisador utiliza na pesquisa social com abordagem qualitativa (Pereira et al. 2019).

Contudo Minayo (2017), compreende que os pesquisadores que utilizam a abordagem qualitativa estão menos preocupados com a capacidade de generalizar e com as generalidades, focando-se mais em aprofundar a compreensão, abrangência e diversidade no processo de estudo. Seu objetivo é compreender melhor um determinado grupo social, organização, instituição, política ou representação, utilizando as teorias que

embasam suas indagações como guias. Embora não se baseiem em critérios numéricos, eles precisam justificar cuidadosamente a seleção das pessoas que serão entrevistadas, assim como a dimensão e escolha do espaço a ser estudado. Sendo assim, a pesquisa qualitativa se expressa mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa (Soares, 2019).

3.1 – Técnica de Coleta de Dados

Para o método de coleta de dados o presente estudo utiliza a técnica de Guazi (2021), que consiste em dividir a entrevista em seis etapas, sendo a primeira a elaboração e testagem do roteiro de entrevista, a segunda o contato inicial com os participantes, a terceira a realização propriamente dita das entrevistas, a quarta a transcrição das entrevista, a quinta a análise dos dados e por último o relato metodológico.

Sendo assim a realização das entrevistas semiestruturadas em duas partes, primeiramente com expositores da festa do aipim, que ocorreu em Tinguá e posteriormente a mesma entrevista será realizada com os expositores da festa da Banana que ocorrerá em Jaceruba. A elaboração das perguntas propostas no estudo aborda elementos para dialogar com a pesquisa e identificar os atores locais, enraizamento cultural, cooperação, impacto das festividades nas regiões, assim como o impacto em diferentes esferas das festividades nas vidas pessoais e familiares dos atores sociais entrevistados.

O contato e escolha dos participantes em ambas as festas foi realizada com base no objetivo do estudo, sendo assim, participaram da pesquisa os expositores que integravam o grupo que obtinha como requisito a base do aipim ou da banana na comercialização de seus produtos.

Através de entrevistas será possível realizar a coleta dados subjetivos e explorar as percepções e motivações dos participantes em relação às festas, uma vez que as entrevistas semiestruturadas ocorreram de forma individual, não limitando as respostas dos entrevistados as perguntas estabelecidas e dando a oportunidade de dialogar e compreender pontos além do proposto no questionário.

Esta abordagem tem como marca característica a análise de fenômenos sociais e

a busca por significados por meio da pesquisa interpretativa, dando maior ênfase aos processos (Soares, 2019). Em função do preposto, ocorrerá a transcrição, as respostas gravadas irão ser convertidas em texto escrito. A transcrição das respostas tornará possível examinar detalhadamente as narrativas dos entrevistados, identificando nuances e pontos de vista pessoais, uma vez que a investigação qualitativa requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos (Minayo, 2014).

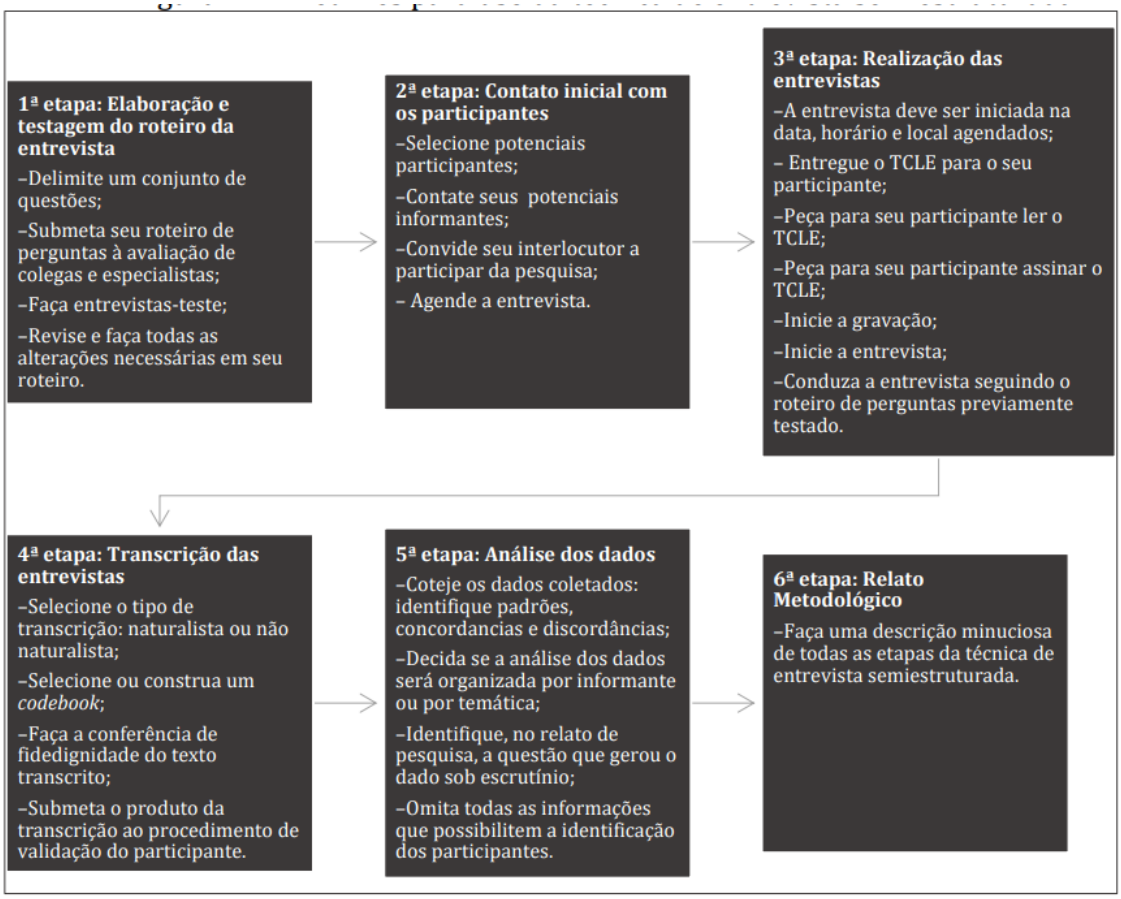
Posteriormente dados coletados durante as entrevistas semiestruturadas serão submetidos a uma análise de natureza qualitativa, considerando que o compreendimento qualitativo é baseado na indução, interpretação e argumentação, permitindo uma visão além do quantificável ou meramente informativo, escapando do previsível. As informações coletadas serão, então, analisadas em conjunto com os conceitos e teorias presentes nas revisões bibliográficas relevantes. Isso permitirá estabelecer uma conexão entre as experiências relatadas pelos participantes e as temáticas abordadas na literatura acadêmica.

Essa contextualização das informações obtidas será fundamental para enriquecer a compreensão das festas em questão, fornecendo insights sobre as motivações, desafios e experiências vivenciadas pelos participantes. Além disso, ao embasar as análises nos conhecimentos teóricos previamente estabelecidos, será possível explorar potenciais interpretações e conceitos relevantes para o estudo com o relato metodológico.

Portanto, a análise qualitativa dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas, juntamente com a contextualização das informações com a revisão bibliográfica, contribuirá para uma compreensão mais aprofundada e embasada sobre as festas estudadas, no que diz respeito ao desenvolvimento local e identidade territorial da região.

A seguir será apresentado o quadro metodológico do modelo escolhido, explicado e aplicado no presente estudo.

Figura 01 - Diretrizes para uso da técnica de entrevista semiestruturada



Fonte: Guazi (2021).

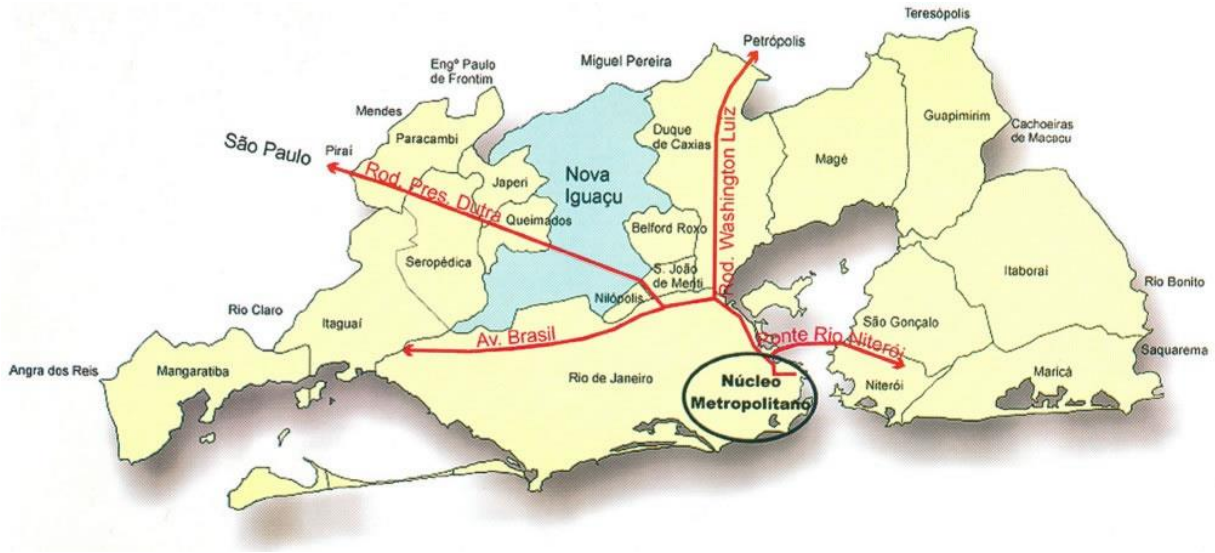
Como produto dessa investigação, almeja-se propor um corredor cultural nas regiões de Tinguá e Jaceruba pertencentes ao município de Nova Iguaçu que integra a região da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro, fomentando o turismo comunitário, e o desenvolvimento da localidade em diferentes esferas para distintos atores sociais presentes nas regiões.

4. Desenvolvimento

4.1 – Contextualização Geográfica da Pesquisa

Em primeiro momento se faz necessário compreender as divisões territoriais da cidade de Nova Iguaçu, a seguir a imagem retrata o mapa Regional do Município

Figura 02- Mapa Regional Município de Nova Iguaçu

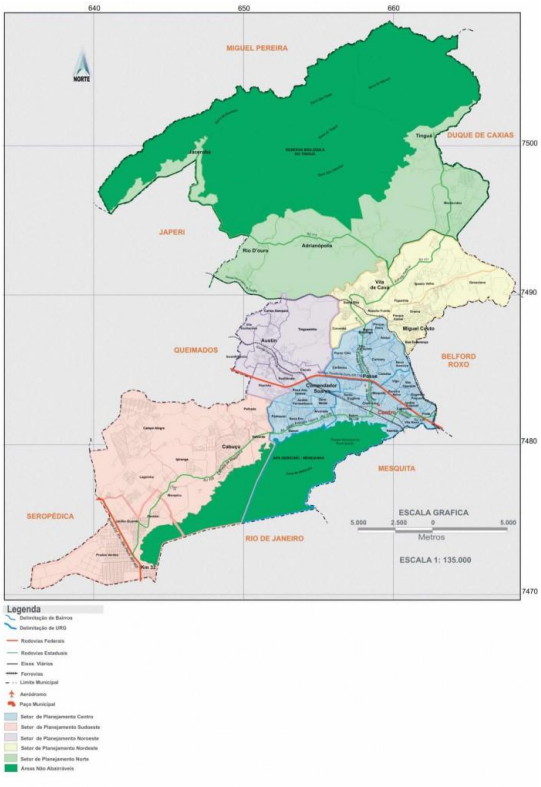


Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu

Nova Iguaçu faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, uma área altamente urbanizada e economicamente ativa. Essa região desempenha um papel fundamental na dinâmica socioeconômica do estado. O município se encontra em uma região estratégica, conectando áreas urbanas e rurais. O mapa regional destaca a proximidade com outras cidades da Baixada Fluminense, proporcionando uma visão abrangente da rede urbana local. O município é circundado por outros municípios, como Belford Roxo, Queimados, São João de Meriti e Mesquita.

Esses limites municipais desempenham um papel significativo nas interações econômicas, culturais e sociais, conforme é visto na imagem a seguir, que retrata o mapa da cidade de Nova Iguaçu. As características geográficas da cidade proporcionam uma gama de atrativos, é notório a presença de rios, relevos, parques e outras áreas de interesse ambiental. Esses elementos podem influenciar diretamente a identidade cultural e as atividades locais.

Figura 03- Mapa da cidade de Nova Iguaçu.



Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu

O município de Nova Iguaçu é dividido por URGS- Unidade Regionais de Governo, que de acordo com a prefeitura, foi criada para corresponder às frações dos Setores de Planejamento Integrado que expressam homogeneidade em seus aspectos e dinâmicas urbana, econômica, social e ambiental, caracterizando-se como contiguidades espaciais de vínculos locais.

Sendo as seguintes unidades:

URG I – Centro,

URG II – Posse,

URG III – Comendador Soares,

URG IV – Cabuçu,

URG V – Km-32,

URG VI – Austin,

URG VII – Vila de Cava,

URG VIII – Miguel Couto

URG IX – Tinguá.

No entanto pesquisa se limitará a Unidade Regional de Governo - URG IX. A Unidade Regional Tinguá possui uma extensão total de 253,294 km² e é dividida pelos bairros descritos na tabela a seguir:

Tabela 1- Organização do Território de Tinguá

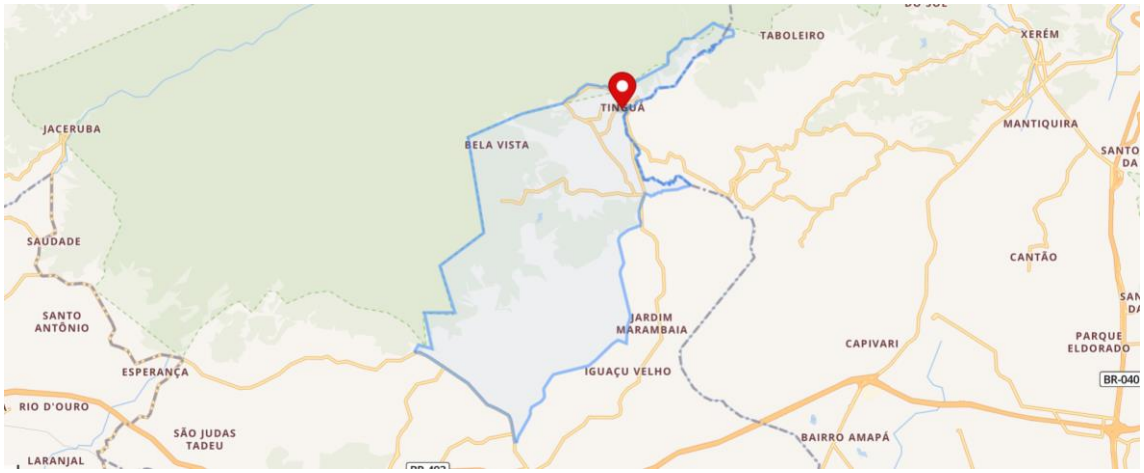
ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO	BAIRROS	ÁREA (Km²)
TINGUA (URG IX)	Tinguá	30,3703
	Montevidéu	12,0011
	Adrianópolis	33,3968
	Rio D'Ouro	8,0623
	Jaceruba	6,0321
	URG TINGUÁ	**253.294**

Fonte:

Na URG IX estão presentes os bairros Tinguá e Jaceruba, os quais iremos focar no presente estudo.

Tinguá está localizado na porção norte do município de Nova Iguaçu, próximo à divisa com outros municípios como Duque de Caxias e Belford Roxo. Como mostra a imagem a seguir. O bairro Tinguá é conhecido por suas características ambientais, incluindo áreas verdes, rios e uma paisagem que mescla áreas urbanizadas e espaços naturais. A região abriga o Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, que é um importante reserva ecológica.

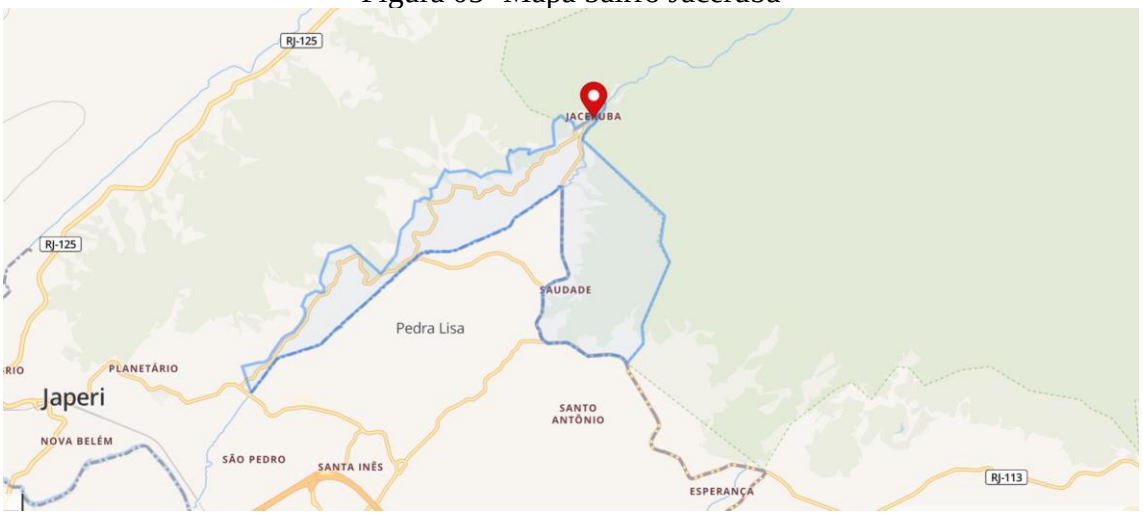
Figura 04- Mapa bairro Tinguá



Fonte: Google maps

Já o bairro Jaceruba faz divisa com o município de Japeri, como mostra o mapa do bairro, na imagem a seguir e também é conhecido por suas características ambientais.

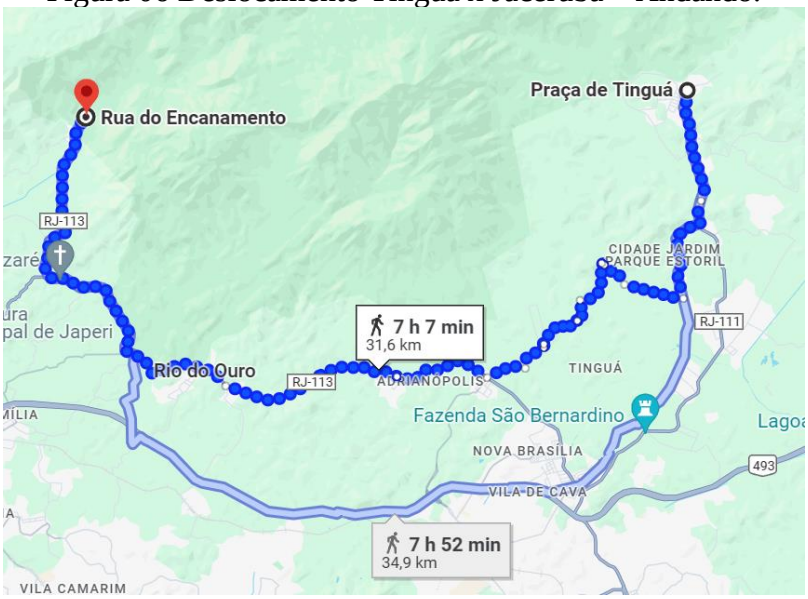
Figura 05 -Mapa bairro Jaceruba



Fonte: Google maps

Embora pertençam a mesma URG, distância entre Tinguá e Jaceruba é grande. Quando consideramos o percurso a pé, o deslocamento simulado pelo Google maps, chega há mais de 7 horas, englobando 31 quilômetros de distância. Conforme a imagem a seguir:

Figura 06 Deslocamento Tinguá x Jaceruba – Andando.



Fonte: Google maps

Já de bicicleta, o deslocamento, tem uma redução considerável de tempo. E vai para pouco mais de uma hora e meia. Como evidenciado pela próxima imagem:

Figura 07- Deslocamento Tinguá x Jaceruba – Bicicleta:



Fonte: Google maps

De carro ainda existe uma redução de tempo no trajeto, mas não tão explicita, visto que a maior parte do percurso é de estrada de terra, restringindo a velocidade máxima dos veículos que utilizarem o trajeto.

Figura 08- Deslocamento Tinguá x Jaceruba – Carro:



Fonte: Google maps

O deslocamento em transporte público não foi considerado, visto que, as rotas

teriam mais de três horas de duração e com mais de cinco trocas de veículos, além da incrementação de deslocamentos a pés consideráveis.

Contudo, Jaceruba e Tinguá representam a mesma divisão territorial regional, são bairros vizinhos, mas apresentam um acesso longo entre os pontos centrais em que são realizadas as festas estudadas pela presente pesquisa.

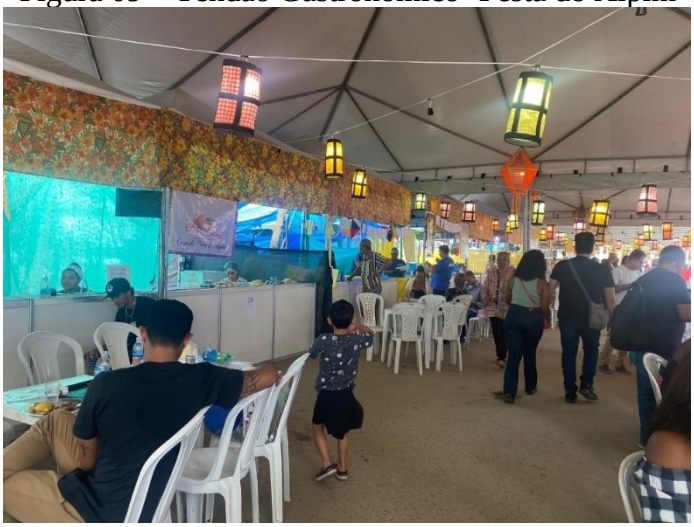
4.2 – Festas do Aipim e da Banana

Em Tinguá ocorre a festa do aipim, um evento tradicional da região. A primeira festa aconteceu no ano de 2004, totalizando 19 anos de existência, porém com 14 edições do evento.

A 14ª edição do evento foi realizada nos dias 14, 15 e 16 de julho. A festa conta com diversos expositores, porém no presente estudo vamos focar nos expositores que integram o tendão gastronômico, que são compostos por 28 expositores, sendo 20 deles permanentes, remanescentes de outras edições e 8 admitidos durante essa edição e após serem avaliados pela organização do evento poderão se tornar permanentes.

É importante evidenciar que para ser um expositor integrante do tendão gastronômico é preciso ter como requisito 70% dos produtos comercializados a base do Aipim. O aipim, também conhecido como mandioca ou macaxeira em diferentes regiões do país, possui grande importância cultural e econômica, sendo utilizado em diversas receitas e cultivado por agricultores locais.

Figura 09 – Tendão Gastronômico- Festa do Aipim



Fonte: Própria autora

A festa tem como objetivo principal destacar a importância do aipim tanto na alimentação quanto na economia regional. Além disso, busca valorizar a cultura local, promovendo shows musicais, apresentações culturais, exposições, feiras gastronômicas e diversas atividades relacionadas ao aipim. A 14ª edição do evento ocorreu na praça de Tinguá.

Figura 10- 14º Edição Festa do Aipim



Fonte: Própria autora

Durante o evento, é possível encontrar pratos típicos com o aipim como ingrediente principal. Pratos como aipim frito, aipim cozido, bolo de aipim, aipim com carne seca e bobó de camarão são algumas das opções gastronômicas oferecidas aos visitantes. Além disso, são realizados concursos de culinária, onde os participantes criam pratos inovadores e saborosos utilizando o aipim como base.

Figura 11- Pratos com Aipim



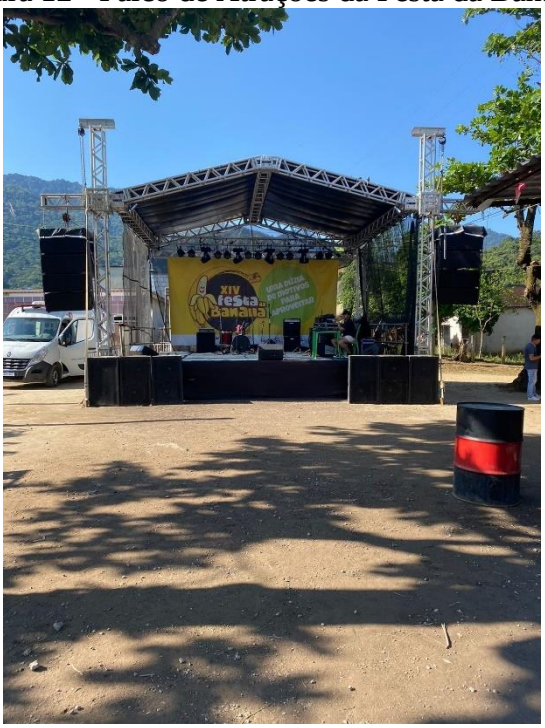
Fonte: Própria autora

Além disso, a festa também oferece atrações musicais de diferentes estilos, com

shows de artistas regionais e nacionais, proporcionando entretenimento para todos os gostos e idades e principalmente a população local e seus visitantes. Sendo assim é válido ressaltar que a realização do evento valoriza não só o aipim, mas também estimula o turismo na região, além de fortalecer a economia local.

Em Jaceruba ocorre a festa da banana, que também é um evento tradicional da região. Em 2023 aconteceu a 14ª edição da festa, nos dias 15, 16 e 17 de setembro. Assim como a festa do aipim a festa da banana também oferece atrações variadas, como apresentações de danças e músicas.

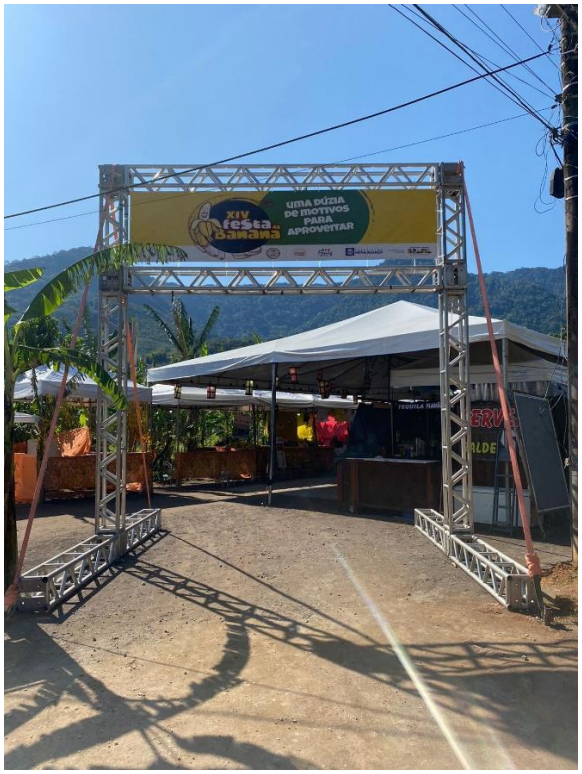
Figura 12 - Palco de Atrações da Festa da Banana.



Fonte: Própria autora

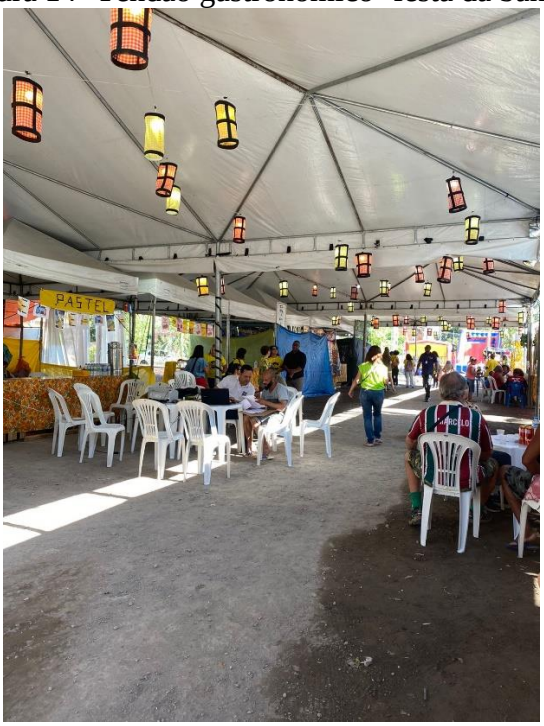
Mas o que se destaca é a presença dos produtores locais e da população residente na região. Na 14ª edição, 20 expositores foram capacitados e puderam participar do tendão gastronômico do evento, expondo e comercializando seus produtos, para isso, além da capacitação oferecida pelo evento, 30% da matéria prima precisou ser originada da banana.

Figura 13 - 14ª Edição festa da banana.



Fonte: Própria autora

Figura 14- Tendão gastronômico- festa da banana



Fonte: Própria autora

4.3 – Pesquisa

A pesquisa de campo ocorreu no dia dos eventos, e todos os expositores tanto da festa do aipim quanto da festa da banana foram convidados a participar de forma anônima.

Na Festa do Aipim, que contou com a presença de 28 expositores, apenas os expositores a1, a2, a3, a4, a5, a6, a7, a8, a9, a10, a11, a12, a13, a14, a15, a16, a17, a18, a19, a20, a21 e a22 optaram por participar da entrevista, fornecendo insights valiosos sobre a relação entre cultura local, desenvolvimento regional e identidade territorial. Já na Festa da Banana, que teve a participação de 20 expositores, somente os participantes b1, b2, b3, b4, b5, b6 e b7 participaram das entrevistas, contribuindo significativamente e enriquecendo a análise ao capturar uma variedade de perspectivas.

No estudo, é evidente a diversidade etária, contudo isso proporciona uma compreensão abrangente das experiências. Na Festa do Aipim, os expositores entrevistados apresentaram idades variando entre 24 e 60 anos. Já na Festa da Banana, a faixa etária dos expositores oscilou entre 28 e 52 anos.

Tabela 2- Participantes Festa do Aipim

Participante	**Idade**	**Sexo**
a1	30	Feminino
a2	60	Feminino
a3	36	Feminino
a4	35	Feminino
a5	30	Feminino
a6	56	Feminino
a7	56	Masculino
a8	40	Feminino
a9	49	Feminino
a10	60	Masculino
a11	42	Masculino
a12	24	Feminino
a13	32	Feminino
a14	50	Feminino
a15	42	Feminino
a16	26	Feminino
a17	68	Masculino
a18	50	Feminino
a19	52	Feminino

Participante	Idade	Sexo
a20	40	Feminino
a21	36	Feminino
a22	42	Feminino

Fonte: Própria autora

Tabela 3- Participantes festa do Aipim 2

Participante	Idade	Sexo
b1	52	Feminino
b2	38	Masculino
b3	52	Feminino
b4	38	Feminino
b5	41	Feminino
b6	28	Feminino
b7	38	Feminino

Fonte: Própria autora

Essa inclusão de diferentes faixas etárias captura as diversas perspectivas e experiências dos expositores, considerando a possível influência da idade nas motivações, desafios e benefícios percebidos.

2. Participação Recorrente nas Festas:

A análise da participação dos entrevistados nas festas revelou padrões interessantes. Dos entrevistados na Festa do Aipim, notou-se que 10 deles têm uma participação contínua, marcando presença desde a primeira edição deste evento.

Essa continuidade de participação ao longo das edições pode indicar um comprometimento duradouro dos expositores com a Festa do Aipim, sugerindo vínculos sólidos e possíveis benefícios contínuos associados a essa longevidade.

Ao investigar a participação dos entrevistados na Festa da Banana, observou-se uma diversidade de experiências. Alguns entrevistados relataram participações recorrentes, indicando um engajamento contínuo ao longo das edições anteriores. Por outro lado, uma parte significativa estava participando pela primeira vez na edição em questão.

A seguir, são destacados alguns depoimentos coletados na festa do aipim que ratificam alguns destes resultados:

"Eu tô aqui desde o comecinho da Festa do Aipim, já são quatorze festas, muitos anos participando! Olha... eu guardo o certificado do curso que teve na primeira vez que participei e guardo com muito orgulho, é algo que exponho na minha barraca todo ano, mostra o quanto essa festa é especial pra mim." (Participante a4):

Figura 15- Certificado da entrevistada a4 do curso da 1ª edição da festa do aipim



Fonte: Registrado pela própria autora.

"Essa é minha primeira vez na Festa do Aipim, sempre ouvi falar muito bem dela e decidi participar nesse ano. Tô animada pra ver como é." (Participante a6):

"Eu participo da Festa do Aipim desde o início, há anos. É uma tradição pra mim, todo ano é uma alegria estar aqui." (Participante a14):

A seguir, são citados alguns relatos coletados na Festa da Banana que reforçam alguns desses achados

"Já perdi as contas de quantas participações tive na Festa da Banana, alguns anos não pude participar ou não teve a festa, mas gosto bastante do evento." (Participante b1):

"Já participei de uma edição da Festa da Banana e tive um bom retorno por isso estou de volta este ano." (Participante b6):

"Essa é minha primeira vez na Festa da Banana eu to animada. Ouvi as pessoas falarem que vai ser bom pra mim, eu já vim várias vezes com meus parentes para a festa, mas é a primeira vez que faço parte dela." (Participante b7):

Contudo, a participação recorrente nas festas, como observado nas declarações dos entrevistados nas Festas do Aipim e da Banana, revela uma conexão profunda com estes eventos culturais, indicando não apenas um compromisso pessoal, mas também um elemento chave na preservação e promoção da identidade cultural e do desenvolvimento local.

Pode-se relacionar essa participação contínua à ideia de eventos culturais como mecanismos vitais para o fortalecimento das identidades comunitárias e locais. Por exemplo, Angelo (2015) discute como festas populares podem representar lutas pela formação de espaços, descrevendo ações, símbolos e territórios que vinculam as pessoas à história e ao trabalho na cidade, contribuindo para a sociabilidade e a busca por cidadania.

Da mesma forma, Marujo (2022) destaca a importância dos eventos culturais no fortalecimento de vínculos e do sentimento de pertencimento à comunidade, encorajando a permanência dos agricultores no campo e contribuindo para o desenvolvimento local. Essa perspectiva é apoiada pela participação dos entrevistados nas festas, muitos dos quais têm um histórico de engajamento prolongado com esses eventos, reforçando seu papel na comunidade e na cultura local.

A participação dos expositores na Festa do Aipim e na Festa da Banana, variando de participantes que a integram desde a primeira edição e novos, reflete a capacidade desses eventos de atrair e manter uma ampla gama de participantes. Isso sugere que as festas funcionam como plataformas dinâmicas para o engajamento comunitário, a troca cultural e o desenvolvimento econômico, alinhando-se com estudos que enfatizam a importância de festivais locais na promoção do turismo e na revitalização do comércio local, conforme discutido por Serrão e Costa (2020).

Portanto, a variação na experiência dos expositores e a continuidade de sua participação nas festas de Nova Iguaçu podem ser vistas como indicativos da relevância desses eventos para a comunidade local, tanto do ponto de vista cultural quanto econômico. As festas não apenas fornecem um espaço para a celebração da identidade local e tradições, mas também desempenham um papel crucial no desenvolvimento local, promovendo o turismo, a economia e a coesão social.

3. Atrações e Atividades Preferidas na Festa do Aipim:

A pergunta aberta sobre as atrações ou atividades preferidas na Festa do Aipim gerou uma variedade de respostas entre os entrevistados. Destacaram-se elementos como as vendas locais, concursos gastronômicos, valorização dos moradores, shows, exposições, feiras, culinária à base do aipim e a promoção da cultura local, conforme relatos a seguir:

"Eu adoro as exposições de artesanato." (Participante a3)

"Os concursos gastronômicos são o que mais me atrai na festa, é a atividade que mais gosto" (Participante a9)

"Para mim, a melhor parte são os shows de bandas locais, aí que a gente vê o talento da nossa região sendo valorizado." (Participante a16)

Essa diversidade de preferências reflete a riqueza de aspectos valorizados pelos participantes, desde elementos econômicos, culturais até gastronômicos. A valorização da culinária local, em particular à base do aipim, destaca a importância da identidade cultural na experiência da festa.

A Participação e Apreciação dos Shows e Música: Shows e apresentações musicais emergiram como atrações significativas na Festa do Aipim. A valorização de bandas locais e a ênfase na valorização de artistas da região sugerem uma conexão intrínseca entre a festa e a promoção do talento local. A música não apenas adiciona uma dimensão de entretenimento, mas também desempenha um papel fundamental na construção da atmosfera cultural da festa, como indicado pelas respostas dos entrevistados.

Impacto Econômico e Valorização Local: As menções às vendas locais, concursos gastronômicos e a geração de renda para os moradores destacam a importância econômica da Festa do Aipim. Esses aspectos não apenas promovem a economia local, mas também contribuem para a valorização da comunidade. A valorização do cantor local e a ênfase nas barracas de comida sugerem que a festa não é apenas um evento comercial, mas também uma plataforma para destacar e apoiar talentos e negócios locais.

Já na Festa da Banana, as respostas dos entrevistados indicaram preferências por shows e comidas da região:

"Os shows de música são sempre muito bons, sempre trazem artistas talentosos da região. " (Participante b3)

"Gosto bastante das barracas de comidas, é uma oportunidade de experimentar pratos típicos e deliciosos, banana é o que não falta aqui" (Participante b5)

“Olha, eu gosto das atividades culturais, sempre tem exposições, quando eu vinha sem participar, assim, pra curtir mais a festa eu gostava dos shows e da comida, mas depois de entender o sentido da festa vejo que nossa cultura é muito representada aqui, eu gosto de tudo na verdade." (Participante b7)

Davel e Dantas (2019) discutem como a gestão de manifestações culturais se

tornou uma expressão das novas formas de gestão coletiva, estabelecendo uma articulação entre o público, o privado e o comunitário, o que pode ser visto na forma como as festas de Nova Iguaçu promovem talentos e produtos locais.

A valorização da culinária local, especialmente o aipim, destaca-se como um elemento chave na experiência das festas, não apenas como um atrativo gastronômico, mas também como um símbolo da identidade cultural da região. Isso se alinha com a perspectiva de Silva (2022), que argumenta sobre a importância da gastronomia em eventos regionais como alternativa de interesse turístico, reforçando a identidade cultural e a economia local.

Os relatos dos entrevistados também sugerem que as festas são vistas não apenas como eventos comerciais, mas como plataformas para destacar e apoiar os talentos e negócios locais, reforçando a noção de que as festas podem ter um impacto significativo no desenvolvimento econômico e cultural das cidades que as sediam, conforme discutido por Souza e Laurentiz (2019).

4. Motivações para Participação nas Festas:

Ao indagar sobre o que atrai os expositores para participarem das festas, as respostas revelaram uma gama de motivações distintas entre os participantes da Festa do Aipim e da Festa da Banana, conforme os relatos coletados em ambas as festas:

"A principal motivação para mim aqui na Festa do Aipim é a oportunidade de gerar renda extra." (Participante a8)

"Eu participo da festa para divulgar meus produtos e aumentar minha visibilidade, quem sabe posso comercializar meus produtos em outro local também." (Participante a11)

"Sem dúvidas contribuir para o desenvolvimento de Tinguá é uma das minhas principais motivações. Aqui festa não traz só recursos para a região, mas também valoriza tudo que é nosso, muita gente que faz os produtos da base do aipim aqui compra de produtores locais, são famílias que plantam e vendem o aipim aqui na região, a agricultura daqui também é valorizada na festa, me motiva muito ver isso, por isso gosto de participar. " (Participante a17)

"O que mais me motiva na Festa da Banana é a valorização do nosso bairro. Nossa comunidade, Jaceruba, os moradores daqui." (Participante b2)

" Hoje minha motivação é financeira com a festa posso aumentar minhas vendas." (Participante b4)

"Minha motivação pra participar da festa é interagir com os visitantes, o meu trabalho tem outros olhares, aqui vem muita gente de fora pra festa e com isso eles podem conhecer meus produtos e a nossa história também" (Participante b6)

Na Festa do Aipim: a Renda e Lucro ganham destaque, para muitos expositores da Festa do Aipim, a busca por renda e lucro surge como uma motivação primária. A festa é percebida como uma oportunidade de gerar uma renda complementar, contribuindo para o sustento financeiro dos participantes, assim como a divulgação e a visibilidade: A divulgação dos produtos e a busca por visibilidade também emergem como fatores atrativos. Os expositores veem a festa como uma plataforma para promover seus produtos, aumentar a visibilidade de seus negócios e estabelecer conexões com o público.

Mas entre as respostas, o que chama atenção é a contribuição para Tinguá: Alguns expositores destacam a importância de trazer recursos para Tinguá, indicando uma preocupação com o desenvolvimento local e a contribuição para a comunidade. Assim como a valorização Cultural e Agricultura Familiar: A valorização da agricultura familiar e cultural é mencionada como uma motivação significativa. Participar da festa é visto como uma maneira de preservar e promover tradições culturais e a identidade agrícola da região. Entretanto, a busca por oportunidades, parcerias e novidades também é mencionada, indicando uma perspectiva de crescimento e inovação.

Já na Festa da Banana, a valorização da cultura local é uma motivação destacada. Além disso, a busca por benefícios financeiros, como vendas e visibilidade do produto, também é mencionada. A comunicação direta com o público é ressaltada como uma atração, indicando a importância do contato e interação com os visitantes.

As motivações dos expositores para participar das Festas do Aipim e da Banana variam desde a busca por renda extra até a valorização cultural e comunitária de suas regiões. Essas motivações refletem o entendimento de que as festas são mais do que eventos sociais; elas são plataformas para o desenvolvimento econômico local, promoção da cultura e fortalecimento da identidade comunitária.

A perspectiva de Heinrich et al. (2019) e Fujita (2023) sobre as festas como espaços de liberdade, resistência e transmissão de saberes e ideologias apoia a ideia de que participar das festas permite aos expositores não apenas gerar renda, mas também contribuir para a preservação e promoção da cultura local.

Os expositores destacam a importância econômica das festas, o que está em

consonância com estudos como o de Eidt et al. (2021), que discutem o impacto significativo de grandes festas para a economia local, promovendo a principal atividade econômica do município e sustentando financeiramente a comunidade.

A valorização da agricultura familiar e da cultura local mencionada pelos participantes ressoa com a ideia de Marujo (2022) sobre a importância das festas para o fortalecimento de vínculos comunitários e encorajamento da permanência dos agricultores no campo, destacando a festa como um elemento central para o desenvolvimento sustentável da região.

A análise mostra que as motivações para participar das festas estão profundamente enraizadas no tecido socioeconômico e cultural da região, refletindo um reconhecimento da importância desses eventos para o desenvolvimento local, a valorização da identidade cultural e o fortalecimento da economia comunitária.

5. Diversidade de Produtos Comercializados:

A pergunta sobre os principais produtos comercializados nas festas proporcionou uma visão abrangente da variedade de itens oferecidos pelos expositores, conforme os relatos:

"Aqui tem de tudo um pouco! Tem bolo de aipim doce, bolinhos de aipim fritos, escondidinho de aipim e baião de dois... As pessoas gostam muito é muita variedade."(Participante a3)

"A nossa barraca é conhecida pela explosão de aipim com camarão, é um prato que traz gente até de fora pra comer aqui. Mas a gente também tem a tapioca e doces feitos com aipim" (Participante a10)

"Na minha barraca, o aipim é o carro-chefe.70% dos meus produtos têm aipim, todas minhas sobremesas aqui têm aipim, se alguém pedir batata frita, vai ser batata frita com aipim. "(Participante a21)

Os expositores na Festa do Aipim oferecem uma ampla gama de produtos à base de aipim, desde caldos, bolos, bolinhos, até pratos mais elaborados como baião de dois, escondidinho de aipim, tapioca, explosão de aipim com camarão, entre outros. A presença de uma barraca exclusiva dedicada aos produtos de aipim destaca a importância desse ingrediente na oferta gastronômica da festa. A diversidade de produtos mostra que o aipim é utilizado de maneiras criativas, incluindo em doces, geleias, coxinha, costela, empada, nhoque, chips e massas.

Figura 16- Variedades de Produtos- Festa do aipim



Fonte: Registrado pela própria autora.

Na Festa da Banana, os expositores destacam produtos com destaque de banana, como banoffe, pastel de banana, bolos, doces, croquete e bala de banana. Conforme os relatos a seguir:

"Tem bolo, tem doces... mas tudo de banana. O banoffe é sucesso, acredita que tem gente que quer só a banana, mas não deixa de ser uma sobremesa né?" (Participante b2)

Figura 17- Doces com Banana



Fonte: Registrado pela própria autora.

"Oferecemos uma variedade de produtos com banana, pastel, croquete tem até bala de banana, nossa empadinha sai muito também. " (Participante b4)

"A banana é o ponto forte da nossa barraca, um diferencial nosso é nosso katchup de banana, tudo mundo que experimenta gosta, a gente comercializa de tudo, são pratos especiais"(Participante b5)

Figura 18- Katchup de Banana



Fonte: Registrado pela própria autora.

A diversidade de produtos oferecidos sugere uma abordagem criativa e inovadora por parte dos expositores para atender aos gostos variados dos visitantes, contudo não se limita a isso. Ela não só demonstra a criatividade culinária dos expositores, mas também sublinha a importância do aipim e da banana como elementos centrais na identidade

cultural e gastronômica da região. Esses produtos, enraizados no patrimônio agrícola local, são um testemunho da rica tradição agroecológica da área, onde práticas sustentáveis e a preservação de saberes tradicionais são valorizadas.

Segundo Percassi et al. (2021), é fundamental compreender a cultura para além da arte e a agroecologia para além da produção de alimentos, reconhecendo a intersecção entre estes dois campos como uma força vital na construção da identidade cultural de uma comunidade. A diversidade de produtos comercializados nas festas reflete essa intersecção, demonstrando como os alimentos podem ser um meio poderoso de expressão cultural e sustentabilidade.

Além disso, os festivais, como a Festa do Aipim e da Banana, oferecem um espaço para que essas práticas agroecológicas e a identidade cultural sejam celebradas e compartilhadas com um público mais amplo, promovendo o desenvolvimento local e reforçando o senso de comunidade. Esses eventos são uma vitrine para a produção local, incentivando a valorização dos produtos regionais e apoiando a economia local.

Portanto, a diversidade de produtos comercializados nas festas não apenas satisfaz as preferências gastronômicas dos visitantes, mas também atua como uma expressão viva da cultura e práticas agroecológicas da região, contribuindo para a sustentabilidade e fortalecimento da identidade territorial.

6. Impacto da Participação no Desenvolvimento do Negócio:

A pergunta sobre como a participação influencia no desenvolvimento do negócio proporcionou insights valiosos sobre os efeitos percebidos pelos expositores nas festas do aipim e da banana. Algumas respostas destacam o crescimento do negócio como resultado da participação na Festa do Aipim. Além disso, há casos em que os expositores trabalham exclusivamente com a comercialização de produtos durante o evento, como podemos ver os relatos destacados a seguir:

"A participação aqui na Festa do Aipim é muito importante. Aqui consigo vender uma variedade de produtos, tem muita saída o que acaba ajudando quando não tem venda, ai o que faz crescer o negócio como um todo" (Participante a1)

"A festa é uma oportunidade é a renda extra que ganho aqui contribui para o crescimento da minha produção e ajuda nas contas da casa." (Participante a8)

" Sabe, participar do tendão não só me traz uma boa renda como também valoriza a cultura daqui e os produtos da região. É uma oportunidade de promover nossa

identidade, a agrícola e atrair mais pessoas para conhecer nosso trabalho, vem muita gente de fora pra cá" (Participante a14)

A menção de que alguns participantes pensam em participar de outros eventos do ramo indica a possibilidade de expansão e diversificação. A participação na festa é percebida como uma fonte financeira significativa, contribuindo para a produção familiar. Além disso, a festa é vista como promotora dos produtos locais, gerando visibilidade e aumentando as vendas.

Os expositores na Festa da Banana destacam a importância do evento como uma fonte crucial de renda. Além disso, a participação é percebida como fundamental para gerar visibilidade para o negócio. A associação entre a festa e o aumento do trabalho, juntamente com a presença de mais pessoas, sugere um impacto positivo na visibilidade e nas oportunidades de negócios de acordo com os relados citados:

"Participar daqui geralmente é muito bom. Vamos ver como esse ano vais ser, os visitantes se agradam, ai segue na rede social e faz encomenda. Dá visibilidade pra gente né, todo mundo lá em casa ajuda um pouquinho e acaba produzindo, porque é muita correria." (Participante b2)

"Como é minha primeira vez, eu to na expectativa, acredito que pode ter uma influência positiva pro meu negócio, se aumenta as visitas do nosso bairro quem sabe pode me ajudar na visibilidade as pessoas podem gostar do que tem aqui e tentar encomendar." (Participante b7)

A participação nas festas do aipim e da banana revela uma influência significativa no desenvolvimento dos negócios dos expositores, não apenas em termos de crescimento econômico, mas também na promoção da identidade cultural e no fortalecimento das relações comunitárias. Os relatos dos participantes enfatizam a importância da festa como uma plataforma de geração de renda e visibilidade para seus produtos.

A análise das motivações e impactos da participação nestas festas nos leva a considerar a teoria do desenvolvimento local, que enfatiza a identificação e utilização dos recursos endógenos e potencialidades de uma comunidade para o seu crescimento econômico e social (Yanes e Alegría, 2020). Este enfoque é apoiado por Ortiz e Rodríguez (2020), que veem o desenvolvimento local como um processo dinâmico, destacando a importância do aproveitamento das capacidades locais não apenas para o crescimento econômico, mas também para a valorização cultural e a promoção da coesão

social.

Marques e Costa (2021) salientam que iniciativas como cooperativas podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento local, alinhando-se com os princípios de justiça social, participação popular e sustentabilidade, fundamentos que são visivelmente apoiados pela participação nas festas locais. A promoção do cooperativismo local, conforme discutido por Piñeiro (2020), pode contribuir diretamente para o desenvolvimento econômico e cultural da região.

A participação nas festas é também um reflexo da gestão operacional do desenvolvimento local, onde o governo e a comunidade trabalham juntos para organizar e implementar ações que promovam o desenvolvimento econômico e cultural (Trujillo et al., 2022). Este aspecto ressalta a importância do apoio político-administrativo e da participação ativa da comunidade no desenvolvimento territorial, conforme enfatizado por Yero e Souto (2022).

7. Promoção de Preparo e Especialização Profissional:

A pergunta sobre se o evento promove algum preparo ou especialização profissional aos expositores revelou iniciativas educacionais em ambas as festas, contribuindo para o desenvolvimento profissional dos participantes.

Os expositores na Festa do Aipim mencionaram ter participado de um curso de gastronomia que abrangeu boas práticas. Essa iniciativa destaca o comprometimento com a qualidade e a segurança alimentar, fornecendo aos participantes conhecimentos específicos relacionados ao setor gastronômico. A duração de três dias sugere uma abordagem intensiva, proporcionando aos expositores uma base sólida para aprimorar suas habilidades e conhecimentos, conforme os relatos destacados:

"O curso de gastronomia que ofereceram ajuda a gente a se aprimorar. Aprendi boas práticas. Foi uma experiência muito enriquecedora." (Participante a2)

"Participei do curso de boas práticas, foram três dias das 08:00 às 17:00, é muito bom ter o curso, mas poderiam ofertar mais, pra gente que trabalha com a culinária é fundamental" (Participante a11)

"O evento promove o curso aos expositores... esse ano eu dei para minha tia participar, porque o que acontece, ela já era cozinheira, trabalhava com isso, mas não tinha o diploma de culinarista, o curso dá o diploma né, é de boas práticas então como já participei de outras edições, esse ano eu escolhi dar pra ela." (Participante a21)

Na Festa da Banana, os expositores têm a oportunidade de participar de um curso com uma duração mais extensa, um mês, realizado nos finais de semana que antecedem o evento conforme as experiências enfatizadas:

"O evento promove um curso antes da Festa da Banana, esse ano eu achei incrível! Eu mergulhei de cabeça. Tudo que pude aprender eu aprendi." (Participante b3)

"Teve um curso de 1 mês, foi aos finais de semana, gostei, quanto mais preparo é melhor. A outra edição que eu já participei também teve um preparo antes, acho isso ótimo até pros novos integrantes, a gente pode se aprimorar e quem não faz pode fazer da culinária uma fonte de renda, ou até mais do que isso, como é o meu caso." (Participante b6)

Estas iniciativas de formação vão além do desenvolvimento de habilidades técnicas, alinhando-se com a visão de Cordeiro (2019), que destaca a necessidade de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento local e a inclusão social. Além disso, a promoção de cursos especializados nas festas reflete o potencial desses eventos em contribuir para a economia local, como discutido por Rojas (2020), que enfatiza a importância do fortalecimento do capital produtivo em áreas rurais.

A valorização de práticas sustentáveis e a geração de conhecimento especializado, como mencionado por Barbosa et al. (2020), são vitais para o desenvolvimento de uma produção agroalimentar mais próxima e acessível, reforçando a conexão entre a promoção educacional nos eventos e a sustentabilidade da produção local.

Portanto, a oferta de preparo e especialização profissional nas festas não apenas capacita os expositores, mas também fortalece as comunidades locais, promovendo uma abordagem integrada ao desenvolvimento local que respeita e valoriza a identidade cultural e as práticas agroecológicas sustentáveis.

8. Contato com o Evento Fora do Período de Ocorrência:

As respostas dos expositores sobre o contato com o evento durante o período em que não ocorre fornecem insights sobre as práticas de comunicação e envolvimento com os participantes fora do contexto das festas.

Na Festa do Aipim, as respostas indicam uma variedade de situações. Muitos expositores afirmam não ter contato com o evento durante o período em que não ocorre. No entanto, alguns mencionam ter contato em reuniões da festa, mas esse contato está mais relacionado à organização do evento e não envolve aspectos de vendas. A ênfase

nas reuniões sugere uma preocupação com a organização e a logística do evento, mas não necessariamente com estratégias de vendas durante o período fora da festa, conforme os relatos a seguir:

"Durante o período em que a festa não acontece, não tenho contato direto com o evento. Não recebo informações ou convites, nem para outros eventos. A participação se limita a esse período da festa mesmo." (Participante a1)

"Não tenho muito contato com a festa quando ela não está ocorrendo. Às vezes, participo de reuniões da organização, mas é mais sobre logística e organização do evento e tem também reuniões de quem faz parte da associação dos moradores daqui de tinguá." (Participante a8)

"Fora do período da festa do aipim? Não tenho contato não, apenas me envolvo quando tem reuniões de organização, mas próximo a festa mesmo." (Participante a15)

Já na Festa da Banana, os expositores afirmam não possuir contato com o evento durante o período em que não ocorre, com a exceção do curso ofertado que antecede o evento.

"Eu tenho contato com o curso oferecido antes da festa, que aí a gente já vai se preparando pro evento, mas fora esse curso não tive outro contato não" (Participante b4)

"Meu contato é só durante a festa mesmo, pra me organizar, fora dessa época não." (Participante b5)

A análise das interações dos expositores com a Festa do Aipim e a Festa da Banana fora do período do evento sugere um envolvimento limitado, focado principalmente na organização e logística. Essa dinâmica indica uma oportunidade para expandir o engajamento e a colaboração ao longo do ano, o que poderia fortalecer a comunidade local e fomentar o desenvolvimento econômico sustentável.

A experiência dos expositores, como relatado pelos participantes, ressalta uma lacuna na comunicação e no envolvimento contínuo, que pode ser abordada por meio de estratégias de engajamento mais proativas e inclusivas. Integrando as perspectivas de Teixeira e Martins (2021), que enfatizam a importância da co-criação de valor em comunidades locais através de eventos, pode-se argumentar que manter o contato e o engajamento com os expositores fora do período das festas ajudaria a construir uma comunidade mais integrada e economicamente resiliente.

Além disso, como Fernandes e Gonçalves (2022) discutem, a colaboração

contínua entre organizadores de eventos, expositores e a comunidade pode levar a uma melhor preparação para futuras edições das festas, permitindo o desenvolvimento de habilidades, a troca de conhecimentos e o fortalecimento das redes locais de negócios. Essa colaboração pode transformar as festas de eventos anuais em plataformas contínuas de desenvolvimento e inovação local.

Portanto, estabelecer um diálogo constante e aberto com os expositores, mesmo fora do período das festas, é essencial para aproveitar plenamente o potencial das festas como catalisadores do desenvolvimento local e cultural, conforme sugerido por Barros e Silva (2020). Isso pode incluir reuniões regulares, newsletters, oficinas de desenvolvimento profissional e outras atividades que mantenham a comunidade engajada e informada ao longo do ano, ajudando a solidificar as festas como pilares do desenvolvimento local sustentável.

9. Auxílio da Organização da Festa aos Expositores:

A pergunta sobre se o expositor recebe algum auxílio da organização da festa, como suporte ou oportunidade de comercializar seus produtos em outro local durante o período fora do evento, evidencia a relação entre os expositores e a gestão das festas.

As respostas indicam que os expositores na Festa do Aipim não recebem auxílio da organização da festa em termos de suporte ou oportunidades adicionais de comercialização fora do evento durante o período sem festas. A falta de suporte ou oportunidades comerciais sugerem que a organização da festa, até o momento da pesquisa, não tem implementado medidas específicas para apoiar os expositores durante os períodos sem festas, conforme os relatos a seguir:

"Ah, bem que poderia ter, né? Seria muito bom ter algum auxílio por parte da organização da Festa do Aipim durante esse período sem. Ah, ia ajudar muito, ainda mais pros os expositores a se manterem ativos." (Participante a5)

"Não, não... Nossa, isso iria facilitar bastante! Receber algum suporte ou oportunidade de comercialização em outros locais durante o período sem festas, isso ia ser muito bom." (Participante a11)

"Não recebo, mas seria ótimo se tivesse né. Ia poder ajudar bastante gente aqui a manter o negócio movimentado, ia me ajudar também." (Participante a15)

Na Festa da Banana, os relatos, como os a seguir, também indicam que os expositores não recebem auxílio da organização da festa para suporte ou oportunidades

de comercialização em outros locais durante o período sem festas:

"Não, mas seria muito bom se tivesse, eu já gostei do curso, seria uma mão na roda, ainda mais agora, eu iria poder aproveitar a nossa produção de banana, que é do nosso pedacinho de terra daqui mesmo, mas é o nosso sustento, sabe? Eu poderia fazer mais receitas e mais vezes. O que me limita e que nem sempre tem pra quem vender por aqui, se tivesse mais oportunidade de vender fora dessa época, eu ia com certeza... (Participante b3)

"Pelo que eu conversei com o pessoal aqui eu acredito que não, eu até cheguei a perguntar, queria que tivesse." (Participante b7)

"Não, mas nossa, isso iria fazer uma diferença enorme! Pra mim e acredito que para os outros expositores também." (Participante b1)

A semelhança nas respostas entre as duas festas sugere que a ausência de auxílio da organização é uma característica compartilhada por ambas, contudo, a análise das respostas dos expositores sobre o auxílio da organização da festa aos participantes indica uma lacuna no apoio contínuo fora do período dos eventos. Essa situação ressalta a necessidade de uma abordagem mais integrada para o desenvolvimento local e o fortalecimento da economia comunitária. O estudo de Heinrich et al. (2019) aborda como as festas podem servir como espaços de liberdade e resistência, promovendo a transmissão de saberes e ideologias. Essa perspectiva alinha-se à ideia de que os eventos deveriam estender seu impacto para além da celebração temporária, integrando atividades que beneficiem os expositores e a comunidade local ao longo do ano.

A ausência de apoio contínuo, como mencionado pelos participantes, sugere uma oportunidade para a gestão dos eventos explorar formas de manter uma relação ativa com os expositores, contribuindo para o desenvolvimento econômico e cultural da região. Conforme Schmitt (2020), os eventos podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento econômico local, gerando empregos e incentivando o turismo. Assim, iniciativas que proporcionem apoio aos expositores fora do período das festas podem ampliar o impacto positivo desses eventos na comunidade.

Adicionalmente, Silva (2022) ressalta a importância da gastronomia nos eventos regionais, não apenas como uma atração turística, mas como um meio de fortalecer a identidade cultural local. Portanto, a organização das festas poderia considerar estratégias que promovam os produtos locais e as habilidades dos expositores, mesmo fora do

período das festas, apoiando a sustentabilidade econômica e cultural da região.

Em suma, a promoção de um apoio mais abrangente e contínuo aos expositores pode ser um elemento fundamental para reforçar o papel das festas na construção de uma identidade territorial robusta e no fomento ao desenvolvimento econômico local, conforme discutido nos estudos citados.

10. Dependência da Renda Exclusiva da Comercialização de Produtos:

A pergunta sobre se o expositor tem a fonte de renda exclusiva da comercialização de seus produtos revela a dependência dos expositores em relação às festas como fonte primária de renda.

Na Festa do Aipim, as respostas indicam uma diversidade de situações. Mais da metade dos expositores depende exclusivamente da comercialização de seus produtos como fonte de renda. Outros indicam que essa renda não é exclusiva, sugerindo a presença de outras fontes de sustento. A diversidade nas respostas destaca que, para alguns expositores, as festas são a principal fonte de renda, enquanto outros têm fontes de renda adicionais, conforme os relatos destacados:

"Sim, minha renda é exclusiva da culinária, aqui na festa eu tenho mais variedade, mas também trabalho com outros produtos no dia dia mesmo." (Participante a2)

"Não, eu também tenho outras fontes de renda, mas a venda aqui costuma ser bem alta e o que a gente ganha com a comida digamos, que não é a nossa fonte exclusiva, mas se não fosse ela sentiríamos muito." (Participante a9)

"Para mim, hoje, a venda dos produtos que vendo aqui na festa é a principal fonte de renda, mas também faço outras coisas pra ter mais uma rendinha." (Participante a13)

Na Festa da Banana, muitos expositores indicam que não dependem exclusivamente da renda gerada pela comercialização de produtos nas festas. Para alguns, essa renda é suplementar, indicando a existência de outras fontes de sustento. A presença de renda suplementar sugere que, para alguns expositores, as festas não são a única fonte de subsistência, mas desempenham um papel adicional em sua economia, de acordo com os experiencias coletadas:

"Assim, eu não dependo exclusivamente da renda da venda dos produtos. Tenho outras atividades que me sustentam, mas acaba que a festa da Banana ainda é uma parte significativa da minha renda. Eu vendo aqui e vendo fora, se não fosse minhas encomendas eu não conseguiria segurar as coisas." (Participante b4)

"Eu ainda não posso depender 100% das vendas dos meus doces, mas eu to confiante que a festa possa ajudar e quem sabe eu consiga depender exclusivamente." (Participante b7)

"Eu obtenho renda de diferentes fontes, e a Festa da Banana é uma delas, mas não é a única, a agricultura é minha maior fonte de renda, o que não deixa de ser a banana." (Participante b1)

A dependência da renda exclusiva da comercialização de produtos nas festas revela a vulnerabilidade econômica de alguns expositores e a importância desses eventos para sua subsistência. Essa realidade destaca a necessidade de estratégias de desenvolvimento que abordem a diversificação econômica e o empreendedorismo local.

Segundo Carvalho e Grossi (2022), a agricultura familiar, que é amplamente representada nas festas do Aipim e da Banana, enfrenta desafios significativos de sustentabilidade e acesso a mercados. As festas funcionam como uma plataforma vital para esses produtores, mas também expõem a precariedade da dependência em eventos sazonais. A diversificação de atividades econômicas é crucial para a resiliência financeira desses produtores.

Além disso, o conceito de desenvolvimento local sustentável, como discutido por Ahlert e Lehmann (2022), ressalta a importância de integrar a agricultura familiar em cadeias de valor mais amplas, criando oportunidades para os produtores locais além dos períodos festivos. Isso pode incluir a participação em mercados locais, feiras e outras plataformas de comercialização que garantam uma renda estável ao longo do ano.

Assim, a dependência da renda exclusiva das festas para alguns expositores não apenas sublinha a importância econômica desses eventos, mas também chama atenção para a necessidade de políticas públicas e iniciativas de desenvolvimento local que promovam a diversificação econômica e fortaleçam o empreendedorismo rural.

Essa abordagem pode não apenas reduzir a vulnerabilidade dos produtores a flutuações sazonais, mas também contribuir para o desenvolvimento sustentável da região, realçando o potencial da agroecologia e do turismo sustentável como eixos de crescimento econômico e cultural. Portanto, a análise das dependências econômicas dos expositores em festas como a do Aipim e da Banana oferece uma perspectiva valiosa sobre as dinâmicas de desenvolvimento local e a necessidade de uma abordagem integrada ao planejamento e apoio econômico.

11. Importância de uma Localidade com Potencial para Comercialização Regular:

A pergunta sobre se o expositor consideraria importante uma localidade com potencial e atrativos para comercialização regular destaca a relevância do ambiente local na estratégia comercial dos expositores.

Na Festa do Aipim, as respostas refletem uma diversidade de perspectivas. Muitos expositores expressam que consideram muito importante uma localidade com potencial e atrativos para comercialização regular. Alguns destacam que isso melhoraria significativamente suas condições de trabalho, especialmente em períodos específicos, como no inverno, quando as vendas podem cair. A dependência dessa possibilidade é evidente em várias respostas como expressadas a seguir:

"Com certeza, hoje a festa já ajuda muito, a gente fala em possibilidades de ter mais localidades ou mais frequências, hoje o que a gente consegue comercializar aqui ajuda em outras épocas do ano, assim como na época que a festa foi criada. Você sabe como a festa foi criada? Meu pai era presidente da associação daqui, e na época, a associação junto com os moradores, quando tinha reunião mensal a grande queixa era que quando chegava o inverno os comerciantes locais não conseguiam verba pra pagar os alugueis e muitos entregavam as suas barracas porque não tinham condição, então eles começaram a pensar e cogitar alguma forma de atender, que foi quando foi criada a festa do aipim, que eles tinham uma fala assim, a festa do aipim é uma forma de suprir os seis meses ruins, porque no verão tem muito, muito turista mas quando chega o inverno ... ai cai, cai muito. E sabe o que eles falavam? A gente trabalha no verão pra comer no inverno e foi assim que a festa surgiu. Hoje em dia quando tem a festa, contribui muito pra renda né, a gente fala sobre expor nossas barracas em outros eventos, mas não tem ainda não." (Participante a21)

"Eu ainda não vendo sempre, mas quando surge uma oportunidade legal, como uma feira ou algum evento daqui de Tinguá, eu aproveito." (Participante a12)

" Com toda certeza, eu inclusive sempre participo da festa, ela começou pra mim como uma necessidade, hoje ajuda muito na renda, então se tivesse mais localidades pra poder vender mais vezes, ia ser bom demais. Tem uma curiosidade, alguns expositores daqui começaram a colocar barraquinhas nas ruas próximas daqui da praça da vender o ano todo, imagina se tivesse mais ajuda nessa parte? Acredito que ia ser bom pra todo mundo. " (Participante a7)

Na Festa da Banana, há um consenso entre os entrevistados de que consideram importante uma localidade com potencial para comercialização regular. Alguns sugerem que a localidade já tem potencial, enquanto outros sugerem estratégias específicas, como comercializar na região pelo menos uma vez por mês.

"Ah, com certeza seria incrível ter um lugar com movimento o ano todo para vender meus produtos. Acho que isso ajudaria demais, ia ajudar a crescer também." (Participante b2)

"Seria realmente muito bom. A gente fica na expectativa das festas, né, mas ter um ponto fixo todo mês seria maravilhoso. Ajudaria bastante a manter as vendas e a renda mais ao longo do ano, sem depender só dos eventos que é anual." (Participante b6)

"Olha, Jaceruba tem um potencial enorme, viu? Aqui tem muita gente que produz coisas incríveis, não só na festa, mas o ano todo. somos os maiores produtores de banana de Nova Iguaçu. Se tivesse mais oportunidades de vender nossos produtos por aqui, ia ser ótimo pra todo mundo. Os moradores teriam mais opções de compra de produtos locais, e a gente, os expositores, teríamos uma renda mais certa. Com certeza seria um impulso enorme pra economia aqui da região, ia vir gente de fora também, acho que ajudaria a todos, todos do nosso bairro." (Participante b1)

Figura 19- Bananas produzidas em Jaceruba



Fonte: Própria Autora

O destaque na importância sugere que os expositores da festa da banana reconhecem a influência positiva de uma localidade com atrativos comerciais regulares.

A análise das respostas dos expositores da Festa do Aipim e da Festa da Banana revela uma clara necessidade de estruturar locais com potencial para comercialização contínua. Essa necessidade ressoa com a hipótese central da dissertação, que considera a criação de um corredor cultural como catalisador para o desenvolvimento local e fortalecimento da identidade territorial.

Segundo estudos de Pereira e Lima (2022), a dinamização de espaços locais para a comercialização regular de produtos não só atende à demanda econômica dos expositores, mas também contribui para o reforço da identidade cultural e do senso de pertencimento comunitário. Essa perspectiva é evidente nas falas dos expositores, que veem a festa não apenas como um evento periódico, mas como uma parte integrante da economia local que poderia ser expandida.

Além disso, a pesquisa de Souza e Menezes (2023) sugere que a implementação de mercados locais regulares pode ser uma estratégia eficaz para aumentar a visibilidade dos produtos locais e melhorar a estabilidade econômica dos produtores. Isso está em linha com os relatos dos expositores, que indicam o desejo de ter mais oportunidades para vender seus produtos, refletindo o potencial para transformar as festas em plataformas de desenvolvimento econômico sustentável.

Campos e Silva (2021) também destacam a importância da infraestrutura e do suporte organizacional para permitir a comercialização efetiva dos produtos locais. Eles argumentam que iniciativas como feiras regulares e eventos de exposição podem criar um ecossistema de negócios propício, que não apenas apoia os expositores durante as festas, mas também promove o empreendedorismo local durante todo o ano.

Essa necessidade de espaços de comercialização regulares e estruturados é um tema recorrente nas falas dos participantes. A criação da Festa do Aipim, como mencionado por um dos expositores, surgiu como uma solução para os desafios econômicos enfrentados pelos comerciantes locais nos meses de inverno. Este exemplo histórico destaca a relação intrínseca entre as festas e a sustentabilidade econômica local, sugerindo que a ampliação dessas iniciativas para outras épocas do ano poderia ter um impacto positivo ainda maior.

Portanto, ao conectar as perspectivas dos expositores com a literatura revisada, fica claro que a promoção de locais para comercialização regular é crucial para o desenvolvimento econômico, a preservação da identidade cultural e a sustentabilidade das comunidades locais. As festas, neste contexto, são vistas não apenas como celebrações temporárias, mas como elementos de uma estratégia de desenvolvimento mais ampla, alinhada com a hipótese de criação de um corredor cultural para fomentar o desenvolvimento local e a identidade territorial.

12. Contribuição da Festa para o Desenvolvimento Local da Região:

A pergunta sobre se o expositor considera que a festa contribui para o desenvolvimento local da região destaca a visão dos participantes sobre o impacto abrangente do evento na área circundante.

Na Festa do Aipim, as respostas revelam uma diversidade de impactos positivos percebidos pelos expositores em relação ao desenvolvimento local da região. Destacam-se contribuições como a promoção do turismo, preservação do patrimônio, atração de

visitantes de fora, estímulo à economia local, benefícios para comerciantes e agricultores familiares, valorização cultural e gastronômica, além do aumento na circulação de dinheiro em diversos setores como é possível ver nos relatos a seguir:

"Contribui muito, as pessoas vêm de fora aqui pra região, conhecer o nosso aipim, aqui é o aipim de tinguá, quem nunca ouviu falar do famoso aipim de tinguá, o iguaçuano pode não ter provado ainda, mas com certeza já escutou falar. Nosso aipim traz gente de longe pra cá." (Participante a16)

"A festa contribui demais para o desenvolvimento da nossa região. Além do movimento, que atrai pessoas de fora, ela valoriza nossos produtos, gera oportunidades para gente que trabalha na agricultura familiar, como minha família, ela promove nossa produção, o consumo aqui, do que a gente vende, vem todo do que a nossa família produz. Quando a gente consegue vender o que a a gente produz, a gente consegue também comprar mais, movimenta todo mundo aqui de Tinguá, porque todo mundo aqui se desenvolve. E não é só nossa família, pode perguntar pra qualquer morador, o tanto que a festa do aipim é importante, é pra todo mundo da nossa região." (Participante a3)

"Sem dúvida, a festa é um dos eventos mais importantes para o nosso bairro. Sabe por quê? Aqui todo mundo quer vir pra festa do aipim, então a gente compra roupa pra festa do aipim, os meninos vão cortar o cabelo o que movimenta a barbearia, o açougue vende mais porque todos os restaurantes, self- servisse, as pensões daqui todo mundo têm que comprar a carne, os mercadinhos daqui também, a economia daqui já se desenvolve com a própria gente do bairro. E tem também o pessoal que vem de fora, que consome aqui com a gente, do tendão, tem as outras barraquinhas, que é o que não falta, ai tem as lojinhas. Sem contar que as pessoas gostam de Tinguá e voltam. Voltam no verão, que traz mais turista aqui pra região, volta na próxima festa que tem. Ah, movimenta a economia, ela traz visibilidade para nossos produtos pro pessoal que faz os artesanatos, pro pessoal que trabalha também com as pousadas, conseguem divulgar aqui a região, e eu acho o mais importante que ajuda a manter viva a tradição da agricultura familiar por aqui, muita gente tem história, ve essa gente se desenvolvendo e tendo nossas tradições presentes é muito legal" (Participante a9)

Na Festa da Banana, há um consenso entre os entrevistados sobre a importância da festa para o desenvolvimento local da região. As respostas destacam benefícios como o aumento de visitantes na cidade, conhecimento da cultura local, incremento na

economia, visibilidade turística e a promoção de Jaceruba como um ponto turístico.

"Jaceruba enche quando tem festa da banana, vem gente de queimados, de outros municípios. Com isso tudo mundo é impactado, desenvolve bastante. A maioria das pessoas conheceram nossa região por conta da festa da banana, isso promove visibilidade, que beneficia muito nossa região e mostra nossa cultura. Nós temos potencial pra fazer de Jaceruba um ponto turístico da nossa cidade." (Participante b2)

"Ela é um grande evento para o desenvolvimento da nossa região. Ela mostra para as pessoas de fora o que temos de bom aqui, movimenta o comércio, ajuda muitas famílias daqui." (Participante b3)

"Eu cresci vendo de fora a festa da Banana acontecer todos os anos, fez parte da minha juventude, desde o início tudo aqui parava pra festa. E posso dizer que ela é muito importante pro crescimento e pra valorizar a nossa comunidade. Ela traz turistas, aquece a economia e também valoriza nossa identidade como moradores daqui de Jaceruba." (Participante b6)

A contribuição da Festa do Aipim e da Festa da Banana para o desenvolvimento local em Nova Iguaçu reflete uma dinâmica multifacetada de impactos sociais, culturais e econômicos. Estas festas não apenas dinamizam o turismo, mas também reforçam o patrimônio cultural e estimulam a economia local, criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento sustentável. Hernández e Castillo (2022) destacam a importância das cadeias produtivas locais no desenvolvimento econômico, uma observação que encontra eco nos relatos dos participantes sobre o aumento da circulação de dinheiro em diferentes setores da economia local.

As festas como a do Aipim e da Banana, ao valorizar produtos locais e promover a agricultura familiar, ilustram o processo dinâmico de desenvolvimento local baseado na utilização dos recursos endógenos da comunidade, conforme apontado por Ortiz e Rodríguez (2020). A interação dessas festividades com a economia local reflete a teoria de desenvolvimento endógeno, enfatizando o fortalecimento das capacidades internas e a promoção da autossuficiência econômica.

Adicionalmente, a perspectiva de Santos et al. (2023) sobre o artesanato doméstico e a gastronomia local como elementos significativos do patrimônio cultural e motores da economia local pode ser relacionada à valorização da cultura e das tradições observadas nas festas. Isso reitera a importância de preservar as técnicas e tradições

passadas de geração em geração, promovendo o desenvolvimento econômico e cultural.

Por outro lado, a visão de Serrão e Costa (2020) de que eventos culturais são integrantes essenciais das estratégias econômicas e culturais regionais, reforça o papel das festas na atração turística e no desenvolvimento de pequenas cidades do interior. Isso sublinha o potencial das festas locais em atuar como catalisadores do desenvolvimento regional, alinhando-se com a noção de que grandes eventos e festas possuem a força de atrair turistas, promovendo assim o desenvolvimento local sustentável

As festas locais, ao atuarem como plataformas de promoção cultural e econômica, sustentam não somente a economia durante os eventos, mas também fortalecem a identidade cultural e comunitária, incentivando o desenvolvimento local de maneira integral e sustentável. Este entendimento ressoa com a ideia de Souza e Laurentiz (2019), que discutem como celebrações tradicionais com raízes sólidas adquirem relevância na atração de públicos e na vitalização do comércio local, destacando o papel das festas na promoção de imagem das cidades e na visibilidade dos municípios.

Em suma, as festas do Aipim e da Banana em Nova Iguaçu são mais do que meros eventos temporários; elas são elementos integrados de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento local e identidade territorial. Elas catalisam o desenvolvimento econômico, cultural e social da região, criando um ambiente propício para o fortalecimento da comunidade, a preservação das tradições e o fomento ao turismo e à economia local, conforme discutido nos estudos de Hernández e Castillo (2022), Ortiz e Rodríguez (2020), Santos et al. (2023), Serrão e Costa (2020), e Souza e Laurentiz (2019

13. Representatividade Cultural da Festa:

A pergunta sobre se o expositor considera que a festa é representativa da cultura local destaca a importância percebida do evento como um reflexo autêntico da identidade cultural da região.

Na Festa do Aipim, as respostas enfatizam a valorização cultural por meio da promoção de produtos locais, atenção voltada para a região, valorização da agricultura, tradição de Tinguá, passagem de tradições culturais entre gerações e destaque para o aipim como parte da cultura local. Além disso, há reconhecimento de que a festa não apenas representa a cultura local, mas também contribui para a representação da cidade como um todo como podemos ver nos próximos relatos:

"A festa do aipim é muito mais do que um evento para nós. Ela é um pedacinho

da nossa história. Quando a festa chega, a gente se lembra dos tempos antigos, das histórias, muitas histórias, e olha que eu já tenho 60 anos, é nossa raiz. Gera a conexão com o passado, valorizando o que é nosso, o que é de Tinguá." (Participante a10)

"Para mim, a festa representa o orgulho de ser daqui. É um momento em que todos se unem para celebrar nossa cultura, as músicas, os artistas que cantam também são daqui. O aipim representa nossa cultura, nossa comunidade, nossa identidade." (Participante a17)

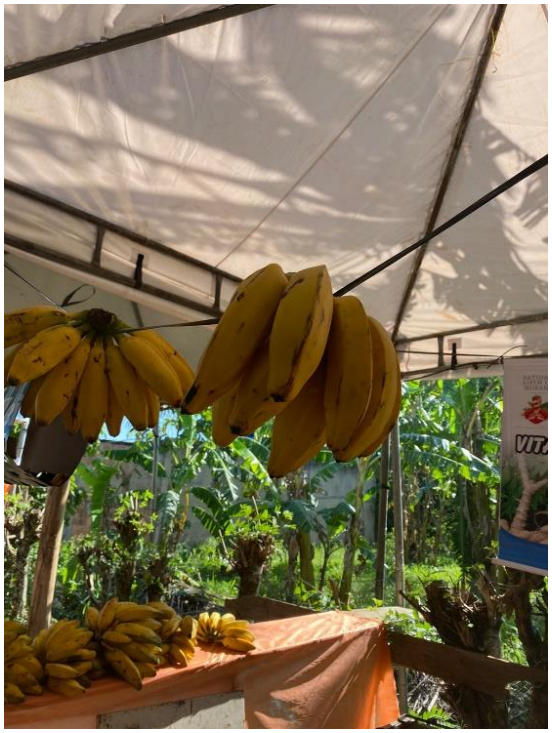
" Acredito que valoriza 100% nossa cultura, nossa história. A festa do aipim é como um retrato da nossa vida aqui em Tinguá. Ela mostra a importância da agricultura, do trabalho duro dos nossos agricultores, e também é um momento de celebração da nossa comida, dos nossos pratos, tudo mundo se encanta. É uma festa que nos enche de orgulho, porque somos nós aqui representando o que somos e o que fazemos de melhor." (Participante a22)

Na Festa da Banana, os entrevistados consideram a importância da festa na representação da cultura regional. A banana é percebida como um elemento crucial na cultura local, e a promoção dessa cultura é vista como um estímulo positivo. A festa é considerada uma maneira de preservar e promover a importância da banana na região, conectando-se diretamente com a cultura do campo.

"Ela coloca Jaceruba no mapa, atrai visitantes, promove nossa cultura e dá oportunidades para os produtores locais como eu, que dependem da agricultura para viver." (Participante b1)

"A festa da banana é a cara de Jaceruba, ela foi criada por nós moradores. Quer outra coisa senão a banana pra representar nossa cultura? A festa reforça nossa identidade como um lugar de natureza e com gente acolhedora. Nós temos uma cultura rica em tradições. Quando a festa chega, todo mundo que participa mostra para todos quem somos e o que temos de melhor para oferecer, nossa identidade, nosso pedaço de terra, a roça." (Participante b2)

Figura 20- Banana elemento crucial na cultura de Jaceruba.



Fonte: Registrada pela própria autora.

"Muito! A festa representa muito nossa cultura não só de quem trabalha nela, mas dos moradores, de quem participa, a gente consegue passar um pouquinho da nossa história pros visitantes. Espero que daqui há uns 10 anos, minha filha lembre que a mãe fez parte da cultura de Jaceruba. " (Participante b4)

A importância da Festa do Aipim e da Festa da Banana, como refletida nos relatos dos participantes, ressalta não apenas a celebração da identidade cultural local, mas também a função desses eventos na promoção e preservação do patrimônio cultural da região. Manfio e Pierozan (2019) destacam a influência do território na construção da identidade cultural, enfatizando como os eventos locais podem fortalecer a conexão com as raízes culturais e fomentar o sentimento de pertencimento comunitário.

Os entrevistados expressam que a Festa do Aipim e a Festa da Banana não só representam a cultura local, mas também contribuem para a representação da cidade como um todo. Esse sentimento de orgulho e identificação com a cultura local é um reflexo do que Vargas e Fialho (2019) discutem sobre a geração de singularidades e cooperações através dos elementos históricos, culturais e simbólicos, que estabelecem a identidade das comunidades e o significado de pertencimento ao local.

Além disso, a festa como um momento de passagem de tradições culturais entre gerações, como mencionado pelos participantes, ecoa a ideia de Bem (2021) sobre a

construção social e cultural do patrimônio, onde a comunidade idealiza seu legado em relação à sua realidade concreta, fortalecendo assim o tecido social e a identidade coletiva .

O reconhecimento de que as festas representam e promovem a cultura local, conforme observado pelos entrevistados, está alinhado com o estudo de Campos (2022), que critica a distorção da identidade cultural quando ela é excessivamente institucionalizada, apontando a necessidade de uma abordagem mais orgânica e representativa que verdadeiramente reflete a riqueza cultural da sociedade.

Assim, as festas do Aipim e da Banana em Nova Iguaçu podem ser vistas como vitais para a manutenção e promoção da identidade cultural da região, atuando como um elo entre o passado e o presente, e contribuindo para a consolidação de uma cultura agroecológica sustentável, como discutido por Percassi et al. (2021). Essas festividades não apenas celebram as tradições locais, mas também desempenham um papel crucial na construção e reafirmação da identidade comunitária, promovendo a coesão social e o desenvolvimento sustentável da região.

14. Sugestões dos Expositores para Melhorar a Efetividade da Festa:

A análise das respostas dos expositores da Festa do Aipim revelou uma variedade de sugestões para aprimorar a efetividade do evento no fomento ao desenvolvimento local. Conforme as experiências:

Eu acredito que a festa do Aipim poderia acontecer mais vezes durante o ano. Isso traria mais movimento para a região e daria aos expositores mais oportunidades de vendas." (Participante a8)

"Poderia ter mais eventos durante o ano, incluindo não apenas o Aipim, mas também outros produtos locais, muita gente aqui é produtor, poderia ter a banana, a goiaba. Chamar mais gente pra Tinguá. A nossa festa é muito boa, mas temos que esperar um ano pra acontecer novamente." (Participante a15)

"Em relação a festa, já tem muito movimento, mas e depois? Seria bom alguma coisa pra chamar as pessoas em outras épocas, muitas voltam no verão, quando está calor vão nos sítios, que aqui tem muita cachoeira. Mas mesmo assim, muitas pessoas de fora ainda não conhecem o potencial da nossa região, poderia ter mais atrativos pra atrair mais visitantes em outras épocas." (Participante a20)

"O acesso a nossa festa poderia ser melhorado, poderia ter uma exposição durante

o ano pra contar a história local, o governo poderia ajudar." (Participante a11)

" A festa é o sonho das pessoas aqui de Tinguá, a gente espera o ano todo. A gente expõe nossos produtos pra muita gente, mas uma vez no ano é muito pouco. " (Participante a10)

Frequência Mais Elevada: Muitos expositores expressaram o desejo de que a festa ocorresse com maior frequência. Sugestões incluem realizá-la mais de uma vez ao ano ou, no mínimo, a cada seis meses.

Diversificação de Eventos: Alguns participantes propuseram a diversificação dos eventos para valorizar outros produtos da região, como banana ou goiaba. Essa estratégia visa promover uma gama mais ampla de produtos locais.

Prolongamento da Duração do Evento: Houve menção à curta duração anual do evento como um ponto de melhoria. A sugestão é prolongar a festa, permitindo maior participação e aproveitamento.

Oportunidades Adicionais para a Região: Expositores expressaram o desejo de trazer mais oportunidades para a região, o que pode envolver a implementação de iniciativas específicas de desenvolvimento local.

Já na festa da banana muitas respostas também englobaram a frequência que o evento é ofertado na região. A sugestão de realizar mais festivais foi mencionada como uma estratégia para impulsionar ainda mais a produção local, criando oportunidades para os produtores da região.

" O que eu poderia sugerir seria que a festa da Banana fosse realizada mais vezes ao ano. Isso não só impulsionaria a produção local, mas também daria mais visibilidade aos nossos produtos, ia aumentar nossas vendas, ia ter mais visitantes aqui." (Participante b4)

"Seria interessante ter mais apoio do poder público pra ajudar no acesso, especialmente com a infraestrutura, talvez melhorar o caminho pra ficar mais fácil paras pessoas chegarem aqui e retornar, ver que também podem visitar nos visitar fora da festa." (Participante b6)

"Uma melhoria que eu gostaria de ver é o investimento em capacitações, além do curso que a gente ganha, poderia ter pros produtores locais também, pra quem trabalha com a agricultura, ia ser legal, sempre tem de culinária, mas poderia ter mais." (Participante b1)

As sugestões dos expositores para aumentar a frequência e diversificar as festas locais destacam uma percepção clara da necessidade de estender o impacto positivo desses eventos ao longo do ano. Esta perspectiva alinha-se com os estudos de Pereira e Lima (2022), que indicam a dinamização de espaços locais para a comercialização regular de produtos, contribuindo tanto para o reforço da identidade cultural quanto para a melhoria da estabilidade econômica dos produtores.

Os participantes expressam a necessidade de apoio contínuo do poder público e a melhoria da infraestrutura e acesso. Esses insights refletem a análise de Souza e Menezes (2023), que sugerem que mercados locais regulares podem ser uma estratégia eficaz para aumentar a visibilidade dos produtos locais e fomentar a economia da região.

Além disso, a ideia de capacitação e formação para os produtores locais pode ser vinculada ao trabalho de Campos e Silva (2021), que enfatizam a importância da infraestrutura e suporte organizacional para a efetiva comercialização dos produtos locais, reiterando que ações educacionais podem empoderar os produtores e artesãos, promovendo o desenvolvimento sustentável da região.

5. Discussão

A urbanização, ao remodelar o cenário das cidades brasileiras, introduziu desafios e oportunidades significativas. Em Nova Iguaçu, essa transformação é marcada não apenas pela expansão urbana, mas também pelo florescimento de suas festas culturais, que se destacam como pilares centrais na preservação da cultura local, apesar das rápidas mudanças urbanas. A presença pervasiva da cultura atravessa a história da cidade desde suas origens até os dias atuais, manifestando-se por meio de festividades importantes como a Festa do Aipim e a Festa da Banana. Essas festas foram inicialmente introduzidas como elementos vitais que contribuem tanto para o desenvolvimento econômico local quanto para a afirmação da identidade cultural do município. Esta análise busca aprofundar a compreensão de como essas celebrações podem perpetuar e ampliar seus impactos positivos. As entrevistas realizadas com participantes das festas do Aipim e da Banana revelam uma demanda comunitária clara por iniciativas que preservem a herança cultural e simultaneamente impulsionem o desenvolvimento econômico local e promovam o turismo de Base Comunitária (TBC). No entanto, como ressaltado por

Gonçalves e Ribeiro (2020), é fundamental reconhecer a relevância do turismo de base comunitária na capacitação das comunidades, proporcionando aos residentes locais não apenas benefícios econômicos, mas também a capacidade de gerir e beneficiar-se dos recursos turísticos de forma sustentável. Esse modelo de turismo reforça os laços comunitários e a identidade cultural, contribuindo para a coesão social e o sentimento de pertencimento. Através do prisma do TBC, percebe-se que esta forma de turismo não é apenas uma estratégia econômica, mas também um meio de reafirmação cultural e social. A integração das festas locais, como a Festa do Aipim e a Festa da Banana, com a estrutura do TBC, tem o potencial de não apenas melhorar as condições econômicas dos expositores, mas também de enriquecer a experiência turística, oferecendo uma imersão genuína na cultura local. Mullo et al. (2019) realçam a importância de vincular os costumes e conhecimentos culturais à oferta turística, uma estratégia que pode transformar essas festas em pontos de encontro vitais para o desenvolvimento turístico sustentável. Essa abordagem pode potencializar o turismo como um campo estratégico para o desenvolvimento social e econômico, conectando visitantes e comunidades de forma significativa, conforme explorado por Tapia et al. (2022). Assim, surge a proposta de um corredor cultural em Nova Iguaçu, uma vez que suas festas servem como fundamentos para o mesmo, aprimorando o desenvolvimento local e a identidade cultural. Conforme Zamberlan & Sonaglio (2022), eventos culturais, tais como festas, não apenas cumprem propósitos de entretenimento e preservação cultural, mas também desempenham um papel significativo na valorização econômica e no desenvolvimento do território. Esta abordagem de patrimonialização territorial ressalta como a cultura pode ser estrategicamente utilizada para fomentar tanto a valorização econômica quanto a promoção de identidades culturais locais. O que corrobora com as sugestões dos expositores, que indicam um desejo profundo de integrar as festas na vida econômica e cultural da comunidade mais amplamente, ressoando com a hipótese de criação do corredor, visto como catalisador para o desenvolvimento local e fortalecimento da identidade territorial. As festas, portanto, não são apenas eventos isolados, mas parte integral de uma estratégia de desenvolvimento econômico e cultural mais abrangente, destacando a interdependência entre o patrimônio cultural, o turismo e o desenvolvimento econômico local sustentável.

Sendo assim, a análise destes dados, juntamente com as revisões bibliográficas,

fornece uma base sólida para a proposição de um corredor cultural que alavanque o potencial econômico e cultural de Nova Iguaçu. A sua implementação no município representa uma oportunidade estratégica para fomentar o desenvolvimento local, fortalecer a identidade territorial e promover a sustentabilidade, uma vez que, estudos como de Li et al. (2021) mostram que uma rede integrada de corredores ecológicos e culturais pode orientar o desenvolvimento urbano, preservando bens ecológicos e culturais, enfatizando a importância de um planejamento abrangente e integrado para o corredor cultural. Este capítulo discute como o corredor pode ser implementado, suas justificativas baseadas no desenvolvimento, e como ele alinha com os objetivos desta pesquisa.

O eixo cultural, como sugerido por Martínez e Solís (2017), deve ser mais do que uma rota física; ele deve funcionar como um catalisador para a mobilização de bens, serviços e pessoas, integrando-se com as vias de circulação existentes e fomentando o uso integral dos recursos culturais e naturais da região. Alcântara (2008) enfatiza a importância do engajamento dos grupos sociais envolvidos, o que pode ser alcançado através de atividades que reflitam e celebrem a diversidade cultural local, contudo é possível ressaltar que os grupos sociais envolvidos em ambas as festas ressaltam e manifestam o desejo de se conectar mais a essas atividades.

Contudo, a implementação do corredor cultural é justificada pelo potencial de melhoria da qualidade de vida da população, como destacado por Nascimento e Nóbreda (2016). Além disso, contribui para a preservação e revitalização do patrimônio cultural, oferecendo novas oportunidades econômicas e turísticas, protegendo a história local para as futuras gerações.

A sua criação em Nova Iguaçu é abordada como uma maneira de integrar a herança cultural da cidade com seu potencial de desenvolvimento econômico, promovendo uma identidade coletiva forte e um senso de pertencimento. Isso se alinha com os objetivos deste estudo, que busca explorar como as práticas culturais e eventos podem ser alavancas para o desenvolvimento local sustentável.

A preposição, transcende a noção de um espaço geográfico, transformando-se em um eixo de representação da história e da identidade da região. Essa representação histórica é crucial para compreender a gênese e a evolução das festas locais, como a Festa do Aipim e a Festa da Banana, que são manifestações da cultura e tradição locais.

As festas locais em Nova Iguaçu, como observado nos relatos dos participantes da pesquisa, são mais do que eventos; elas são celebrações da vida, da terra e da identidade cultural da região. A criação destas festas reflete um desejo intrínseco de preservar e honrar as tradições e a história local, servindo como pontos de encontro para a comunidade e como meios de expressão cultural. Ao integrar essas festas em um corredor cultural, o município reconhece e valoriza essas expressões como componentes essenciais da identidade e memória coletiva da região.

Contudo a implementação, deve ser cuidadosamente planejada para encapsular as histórias e tradições locais e servir como uma plataforma que realça a conexão dos expositores com a terra e sua cultura. Isso pode ser alcançado através da criação de espaços dedicados à exposição da história local, museus ao ar livre, galerias, e eventos regulares que recontam a história da região, seus personagens notáveis e eventos significativos. Ademais, o corredor cultural deveria incorporar áreas específicas para os expositores apresentarem seus produtos e artesanatos, não somente como uma oportunidade financeira.

O corredor, portanto, torna-se um narrador vivo da história de Nova Iguaçu, oferecendo aos visitantes e aos moradores locais uma imersão profunda nas raízes culturais da região. Para os expositores, ele se apresenta como uma valiosa oportunidade de não apenas obter ganhos financeiros, mas também de afirmar e fortalecer sua conexão com a terra. Esta ligação não é apenas um meio de sustento, mas um elemento essencial da identidade cultural deles, enraizada nas práticas, na história e nas tradições da região. Ao destacar essas conexões, o circuito, conforme mencionado por Exime et al. (2021), ajuda a preservar o legado cultural e a promover um senso de orgulho e pertencimento, garantindo que a riqueza da tradição local continue a ser valorizada e transmitida para as futuras gerações.

A sua implementação, como sugerido por Matuck et al. (2022), deve ser sensível ao contexto político-social da região. A consagração de um eixo como corredor cultural depende significativamente de um ambiente político e social favorável, onde há reconhecimento da importância da cultura como eixo de desenvolvimento e integração comunitária. A formação de políticas públicas que apoiem a infraestrutura cultural, juntamente com a mobilização e engajamento das comunidades locais, é essencial para estimular o fluxo, o turismo e a cultura no território.

Contudo, o município desempenha um papel crucial na concretização do corredor, funcionando como um catalisador para a efetivação de políticas públicas que fomentam a cultura e o desenvolvimento territorial. Brandão (2019) e Calabre (2019) sublinham a importância do envolvimento ativo dos governos locais na promoção da cultura e na implementação de iniciativas que refletem a diversidade e riqueza cultural do território.

As políticas públicas são fundamentais na viabilização do espaço, fornecendo o suporte necessário para que esta iniciativa atinja seus objetivos de desenvolvimento local, preservação cultural e fortalecimento da identidade territorial. Segundo LI et al. (2021), é necessário proteger o patrimônio histórico e cultural por meio de políticas públicas, o que é fundamental para a valorização da identidade local e para a promoção da criatividade regional. Sendo assim, são por meio delas, que devem ser consideradas as especificidades territoriais, permitindo que os atores locais participem da formulação e implementação dessas políticas. Dias e Seixas (2020) ressaltam a importância de uma ação governativa sensível às especificidades dos territórios, promovendo a coordenação entre diferentes níveis de governo e atores locais.

Além da promoção da cultura como eixo central do desenvolvimento local, vinculando o corredor cultural, como consequência as estratégias de desenvolvimento econômico, turismo e educação também são impactadas. Ferreira e Gonçalves (2022) ressaltam que a cultura deve ser integrada, contribuindo para a economia criativa e o fortalecimento da identidade e coesão social.

Sendo assim o sucesso está intrinsecamente ligado ao engajamento comunitário, que pode ser estimulado por políticas públicas que favoreçam a participação ativa dos cidadãos no planejamento e na realização de atividades culturais. Bem (2021) destaca a importância de preservar e preparar o local para receber os visitantes, contribuindo para o desenvolvimento do turismo cultural e protegendo a história local para as futuras gerações.

Além do fomento por políticas públicas, pode -se sugerir destacar as parcerias e redes de cooperação, uma vez que a implementação do corredor, requer uma abordagem de governança colaborativa, na qual o poder público, a sociedade civil e o setor privado trabalham conjuntamente. Conforme apontado por Santos e Barros (2019), políticas que incentivam a colaboração entre diferentes atores têm o potencial de fortalecer as iniciativas culturais, assegurando sua sustentabilidade e impacto a longo prazo.

Entretando, há limitações de caminhabilidade, as características geográficas de Nova Iguaçu, especialmente as distâncias entre Tinguá e Jaceruba, representam desafios significativos para a construção do trajeto cultural. A extensão territorial e as áreas de difícil acesso podem complicar a logística de eventos culturais integrados e o trânsito de participantes e visitantes entre essas regiões. Por exemplo, a grande distância e o tempo de deslocamento podem dificultar uma proposta de corredor integrado.

Além disso, a infraestrutura de transporte insuficiente e as estradas de terra dificultam o acesso e podem desencorajar o deslocamento, afetando a viabilidade de um percurso vibrante e ativo. Essas condições geográficas e de infraestrutura exigem uma abordagem cuidadosa no planejamento e execução de atividades culturais, garantindo que sejam acessíveis e atraentes para um público amplo.

Uma proposição, seria então, transformar a corredor cultural, em um corredor móvel e itinerantes, que se movam entre bairros ou ocorram simultaneamente em diferentes locais, pontos estratégicos para os moradores, e para atrair visitantes, tal proposta pode ser uma estratégia eficaz para superar as distâncias geográficas e conectar melhor as comunidades dentro de Nova Iguaçu. Este conceito tem o potencial de integrar diversas áreas, permitindo que residentes e visitantes experimentem a cultura local de maneira mais acessível e abrangente.

Outra sugestão para tornar a proposta viável permearia considerar a utilização de transporte adaptado para facilitar o acesso, a colaboração entre os bairros para compartilhar recursos e responsabilidades, e a implementação de uma programação coordenada que permita aos visitantes e moradores locais participarem de várias atividades em diferentes locais, com a finalidade de enriquecer a oferta turística e cultural de Nova Iguaçu, aumentando a visibilidade de suas diversas regiões. Essa sugestão pode ser uma estratégia inovadora para promover a integração cultural e econômica entre os bairros de Tinguá e Jaceruba, superando os desafios impostos pela distância e topografia.

A formulação e implementação de políticas públicas em apoio ao corredor cultural em Nova Iguaçu são fundamentais para transformar as aspirações culturais e históricas da região em realidade palpável. Ao adotar uma abordagem de governança colaborativa, garantir o financiamento adequado, estabelecer uma legislação cultural sólida e promover a cultura como pilar do desenvolvimento local, o município pode assegurar que o corredor cultural não apenas preserve a herança de Nova Iguaçu, mas também contribua

significativamente para o seu crescimento econômico e bem-estar social.

Integrar as festas locais e a história de Nova Iguaçu em um espaço cultural não é apenas uma celebração de seu passado, mas também um investimento no futuro da região. Esta abordagem não apenas reforça a identidade local, mas também estimula o desenvolvimento econômico, promove o turismo sustentável e educa as gerações futuras sobre seu patrimônio cultural. Assim, o eixo cultural serve como um elo vital entre o passado, presente e futuro, destacando a importância de cada festa e evento como um capítulo essencial na narrativa contínua da região.

6. Considerações Finais

A pesquisa explorou a hipótese de um corredor cultural em Nova Iguaçu como mecanismo de fomento ao desenvolvimento local e fortalecimento da identidade territorial. O estudo revelou que as festas do Aipim e da Banana são mais do que manifestações culturais isoladas; são elementos de uma dinâmica socioeconômica e cultural mais ampla, capazes de influenciar significativamente o desenvolvimento local e a identidade cultural. A implementação de um corredor cultural em Nova Iguaçu, embasada nas festividades locais e na herança cultural, representa uma oportunidade estratégica para potencializar o turismo, promover a sustentabilidade e fortalecer as conexões comunitárias.

Os resultados obtidos através das entrevistas confirmaram uma demanda comunitária forte por iniciativas que não apenas preservem a herança cultural, mas também promovam o desenvolvimento econômico e social. A ideia de um corredor cultural em Nova Iguaçu foi amplamente apoiada, vista como um catalisador potencial para integrar a comunidade, fortalecer a identidade territorial e alavancar o turismo e a economia local.

Este estudo alinhou-se com os objetivos propostos, investigando a contribuição das festas culturais locais para o desenvolvimento econômico e a identidade cultural, e avaliando a percepção da comunidade sobre a criação de um corredor cultural. A análise revelou que as festas do Aipim e da Banana não são apenas eventos isolados, elas são peças cruciais em uma estratégia mais abrangente de desenvolvimento cultural e

econômico.

A implementação de um corredor cultural enfrenta desafios, especialmente devido às barreiras geográficas e à necessidade de infraestrutura adequada. No entanto, as sugestões dos entrevistados e a literatura revisada indicam caminhos para superar esses obstáculos. Por exemplo, a proposta de eventos culturais móveis e itinerantes poderia mitigar as dificuldades de deslocamento, tornando a cultura mais acessível e integrada ao longo do município.

Além disso, o envolvimento ativo do governo local e o desenvolvimento de políticas públicas são cruciais para o sucesso do corredor cultural. A colaboração entre diferentes setores da sociedade pode fortalecer a implementação do corredor cultural, garantindo que ele seja sustentável e gere benefícios de longo prazo para a comunidade.

Em suma, a pesquisa reforça a ideia de que um corredor cultural em Nova Iguaçu pode ser uma estratégia eficaz para promover o desenvolvimento local sustentável e fortalecer a identidade cultural. As festas do Aipim e da Banana, juntamente com outras atividades culturais, podem formar a espinha dorsal de um corredor cultural vibrante e inclusivo. Sugere-se que pesquisas futuras se concentrem na avaliação dos impactos de longo prazo de tais corredores, explorem estratégias inovadoras para enfrentar os desafios operacionais e logísticos identificados e avaliem a viabilidade para a sua implementação.

Referências

ABREU, Ivan Souza; AZEVEDO FILHO, Edson Terra. Sobre mecanismos de divulgação públicos e o fomento à agricultura familiar: o comparativo entre duas fontes de informações disponibilizadas pela Prefeitura de Campos dos Goytacazes. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, v. 8, n. 1, p. 19-46, 2022.

AGUIRRE TORRES, Gorki. El turismo sostenible comunitario en Puerto el Morro: análisis de su aplicación e incidencia económica. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 11, n. 1, p. 289-294, 2019.

AHLERT, Alvori; LEHMANN, Oscar Miguel. Sustentabilidade Ambiental e Agricultura Familiar: Um Estudo Com Luteranos/As Envolvidos Com A Festa Da Colônia De Gramado-Rs. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 11, n. 1, p. 208-230, 2022.

AGUERRE, Natalia; PAZ, Carlos. Prólogo. Arte y Comunicación: Arte, Historia y Memoria. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos**, n. 92, p. 11-19, 2021.

ALCANTARA, Denise de. Abordagem experiencial e revitalização de centros históricos: os casos do corredor cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego. **Rio de Janeiro: UFRJ**, 2008.

ALDERETE, María Verónica; BACIC, Miguel Juan. The impact of brazilian clusters on local development: a propensity score matching approach. **Interações** (Campo Grande), v. 21, p. 173-194, 2020.

ALVES, João Diogo Mendes Ferreira. Eventos: Importância dos Eventos na Região de Valongo. 2019. **Tese de Doutorado**. Instituto Politecnico do Porto (Portugal).

AMARAL, Rebeca Martins; DA GAMA AFONSO, Herlander Costa Alegre. Áreas verdes e a potencialidades do parque natural municipal de Nova Iguaçu (pnmni) para a hipótese da cesta de bens e serviços territoriais. **Revista Produção e Desenvolvimento**, v. 8, n. 1, p. e618-e618, 2022.

ANGELO, Elis Regina Barbosa; DE FÁTIMA FOGAÇA, Isabela. Memória e cidade: patrimônio, cultura e história de Nova Iguaçu/RJ. **Cadernos CERU**, v. 31, n. 2, p. 197-212, 2020.

ANGELO, ELIS REGINA BARBOSA. PATRIMÔNIO CULTURAL NO SÉCULO XXI: PESSOAS, LUGARES, HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES EM NOVA IGUAÇU, RJ. **XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis**, v. 27, 2015

APARICIO SALAS, Vilma Luz. Turismo y Desarrollo Local: un Estudio de Caso en el Distrito de Pisac-Cusco. **Comuni@ cción**, v. 12, n. 4, p. 296-309, 2021.

ASATO, Thiago Andrade et al. Perspectivas da economia criativa e do desenvolvimento local no Corredor Bioceânico. **Interações (Campo Grande)**, v. 20, p. 193-210, 2019.

ARAÚJO, Rosalma Diniz. **Se a terra te der laranjas, faz uma festa**! Relação festaturismo e desenvolvimento local. 2019.

ARRUDA, Dyego de Oliveira; GONÇALVES, Juliano Pessanha. Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de Turismo de Base Comunitária em um território quilombola. **Interações** (Campo Grande), v. 21, p. 107-123, 2020.

BALEM, Tatiana Aparecida; ALVES, E. de O. A persistência das feiras de agricultores familiares em um cenário de "sojificação da sociedade": elementos da realidade de Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS. **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 32, p. 01-12, 2020.

BAPTISTA, Marília Carolina Asterito et al. **Nova Iguaçu dos sonhos**: narrativas e imaginários sobre a cidade. 2019.

BARBOSA, Juliana Silva et al. **A importância das feiras para a geração de renda e fortalecimento da agricultura urbana no município do Rio de Janeiro**. 2020.

BASTOS, Gabriel Souza. **Conflitos rurais em Nova Iguaçu. Ditadura, conflito e repressão no campo**, p. 131, 2018.

BATISTA, Monica Dias; BASTOS, Sênia Regina. A Quitanda como protagonista de festival gastronômico em Congonhas, Minas Gerais [Brasil]. **Revista Rosa dos Ventos-Turismo e Hospitalidade**, v. 15, n. 1, 2023.

BEM, Judite Sanson de. **Revitalização do patrimônio e desenvolvimento do turismo cultural em Porto Alegre-RS** [Brasil]: centro cultural La Salle como estudo de caso. 2021.

BERLANGA ADELL, MARÍA JESÚS; OCHOA OCHO, MARITZA ELIZABETH. El turismo comunitario como herramienta de desarrollo de los pueblos indígenas: interrogantes en el caso de los shuar del Alto Nangaritza (Ecuador). **Hallazgos**, v. 17, n. 34, p. 55-78, 2020.

BISOGNIN, Ana Luísa Cerezer et al. **Identidade cultural e os processos de urbanização**: o caso da Vila Verde Teto em Faxinal do Soturno, RS. 2019.

BUCK, Nick Kantorowicz. Turismo de Base Comunitária no território da Bocaina-Brasil: tecendo parcerias e redes em busca da sustentabilidade. 2020.

BRAGA, Alice Dos Santos et al. Estudo Netnográfico a partir dos comentários emitidos no Facebook sobre patrimônio e o turismo em Tinguá-RJ-Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 39, p. 405-423, 2022.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Dinâmicas e transformações territoriais recentes: o papel da PNDR e das políticas públicas não regionais com impacto territorial**. Texto para Discussão, 2019.

BORJA, Bruno. Desenvolvimento e política cultural: reflexões de Celso Furtado no caminho do Ministério da Cultura. **Cadernos do desenvolvimento, Rio de Janeiro**, v. 14, n. 25, p. 39-56, 2019.

BOTIA FLECHAS, Clara Judyth; PRECIADO BELTRÁN, Jair. Resiliencia comunitaria: defensa del agua y del territorio en la cuenca del río Sumapaz, Colombia. **Perspectiva Geográfica**, v. 24, n. 1, p. 13-34, 2019.

CABRERO, Ferran. Omaguas crepusculares: Identidad y aculturación de un pueblo amazónico (siglos xvii, xviii y xix). **Revista Chakiñan de Ciencias Sociales y Humanidades**, n. 16, p. 211-225, 2022.

CALABRE, Lia. Políticas culturais nos territórios: contribuições para os processos de construção dos planos municipais de cultura. PragMATIZES-**Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, p. 21-34, 2019.

CALERO SALAZAR, Jessica Carina; CARRETERO POBLETE, Pedro Antonio. Influencia del patrimonio cultural inmaterial en el desarrollo del turismo comunitario de Pistishí (Alausí, Chimborazo, Ecuador). **Revista de Ciencias Humanísticas y Sociales (ReHuSo),** v. 6, n. 1, p. 1-22, 2021.

CALLE-CALDERÓN, Angélica; SALAZAR, Diego. Indicadores de gestión comunitaria a partir de los ejes del turismo comunitario. caso: Emprendimientos de la nacionalidad Waorani en Yasuní. **Revista Chakiñan de Ciencias Sociales y Humanidades**, n. 15, p. 123-140, 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Mapa da cidade. Disponível em: http://www.cmni.rj.gov.br/wp/nova-iguacu/mapa-da-cidade/ Acesso em: 23 ago. 2023 às 12:58.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Mapa Regional. Disponível em: http://www.cmni.rj.gov.br/wp/nova-iguacu/mapa-regional/ Acesso em: 23 ago. 2023 às 12:52.

CAMARGO MARCELINO, Denise; DE FÁTIMA MARIANO, Neusa**. A Territorialidade Da Cultura Caipira Através Da Festa De Santos Reis No Bairro Dos Camargos,** JUQUITIBA-SP1, 2020.

CAMPOS, Tiago de. Patrimônio e identidade cultural, a distopia entre o institucional e o real: o caso do projeto construindo a cidade. 2022. **Dissertação de Mestrado**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CHIGWENYA, Average. Informality and the fight for rights to the city in Masvingo city, Zimbabwe. **GeoJournal**, v. 87, n. 4, p. 2817-2833, 2022.

CHONTASI, David et al. Community-based tourism and resilience: between synergy and emerging scientific literature. **Revista de Ciencias Humanísticas y Sociales (ReHuSo)**, v. 7, n. 3, p. 92-111, 2022.

CONCEIÇÃO CHAVES, Valéria; DA SILVA, Ana Carolina Pereira. Festival Aves de Paraty (RJ): projeto, evento, turismo em prol da preservação ambiental (2012-2016). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 15, n. 3, 2022.

CORDEIRO, Josilene Satyro Saldanha et al. **Expressões da agricultura familiar na Baixada Fluminense-RJ**: um estudo sobre as Feiras da Roça de Japeri, Nova Iguaçu e Queimados. 2019.

COSTA, Cristiane Luiz de Paula et al. A Interferência Dos Parques Urbanos Na Saúde Pública: Uma Análise Do Município De Nova Iguaçu–Rj. **Revista Tecnológica da Universidade Santa Úrsula**, v. 3, n. 1, p. 116-127, 2020.

COSTA, Rute Ramos da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil. O processo educativo do jongo no Quilombo Machadinha: Oralidade, saber da experiência e identidade. **Educação & Sociedade**, v. 40, 2019.

DAVEL, Eduardo; DANTAS, Marcelo. Festas Populares na Bahia: gestão e dinâmica identitária. PragMATIZES-**Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, p. 203-224, 2019.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; DE PAIVA JÚNIOR, Fernando Gomes. Festa, Cultura e Empreendedorismo Cultural: Uma Introdução. **Teoria e Prática em Administração**, v. 9, n. 2, p. iii-ix, 2019.

DIAS, Ricardo Cunha; SEIXAS, Paulo Castro. Territorialização de políticas públicas, processo ou abordagem? **RPER**, n. 55, p. 47-60, 2020.

DÍAZ-CANEL BERMÚDEZ, Miguel; FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Aurora. Gestión de gobierno, educación superior, ciencia, innovación y desarrollo local. **Retos de la Dirección**, v. 14, n. 2, p. 5-32, 2020.

EIDT, João Alexandre Becker; CAMBUI, Luiz Henrique; NESKE, Djeimi Angela Leonhardt. **Evidenciação Do Impacto Financeiro Na Festa Nacional Do Porco No Rolete De Toledo**/PR, 2021.

EXIME, Ethol et al. Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável: uma caracterização da feira do produtor rural do município de Marechal Cândido Rondon–Paraná, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e20310111462-e20310111462, 2021.

FARIAS, Rita Patrícia de Melo Almeida. Bode Rei de Cabaceiras: análise dos atrativos turísticos, culturais e gastronômicos. 2019.

FÁTIMA CARVALHO, Francislene; DE FÁTIMA GROSSI, Selma. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Revista Interface Tecnológica**, v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019.

FAUNDES PEÑAFIEL, Juan Jorge. El derecho fundamental a la identidad cultural de los pueblos indígenas, configuración conforme el derecho internacional y perspectivas de su recepción en Chile. **Ius et Praxis**, v. 26, n. 1, p. 77-100, 2020.

FAXINA, Fabiana; FREITAS, Lara Brunelle Almeida. Análise de implantação do turismo de base comunitária em Terra Caída, Sergipe, Brasil. Turismo: **Visão e Ação**, v. 23, p. 242-262, 2021.

FEITOSA, Luciana da Costa; ARANHA, Pablo Ruyz. A "cegueira geográfica" nas políticas públicas territoriais e regionais brasileiras. **revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 22, p. e202018, 2020.

FÉLIX MENDOZA, Ángel Guillermo; GANCHOZO LUCAS, Miriam Paola. Herramientas de planificación participativas para el desarrollo turístico comunitario. Caso de estudio. **Siembra**, v. 7, n. 2, p. 32-46, 2020.

FÉLIX MENDOZA, Ángel Guillermo; VERA INTRIAGO, Diana Anjuly; CEVALLOS CEVALLOS, Josselyn Karolina. Caracterización de corredores gastronómicos como elementos turísticos potenciales en zonas rurales. Caso de estudio: la zona central de Manabí-Ecuador. **Siembra**, v. 8, n. 2, 2021.

FLEXOR, Georges Gérard; RODRIGUES, Adrianno Oliveira; SILVA, Robson Dias da. Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense. **Sociologias**, v. 22, p. 138-171, 2020.

FUJITA, Raquel Peres Pereira. A participação popular em Campina do Monte Alegre (SP): entre as festas de São Roque, do milho e o associativismo. 2023.

GARCÍA AGUILAR, Gloria Guadalupe et al. Turismo comunitario y patrimonio cultural desde la percepción de los residentes: Zacualpan de Amilpas, Morelos. **Región y sociedad**, v. 34, 2022.

GARCÍA RODRÍGUEZ, Yadira Victoria et al. Red de estudios de Identidad Cultural Cubana y Latinoamericana: Su génesis y fundamentos metodológicos. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 13, n. 3, p. 361-369, 2021.

GEOGRAFIA GELSON LUZ. População de Nova Iguaçu, RJ. Disponível em: https://geografia.gelsonluz.com/2019/06/populacao-de-nova-iguacu-rj.html#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20de%20Nova%20Igua%C3%A7u%20em%202010%20era,pode%20ser%20consultada%20direta Acesso em: 18 de maio de 2023

GOMES, Augusto César Maia. Voluntarismo: criação de uma plataforma digital para apoio e promoção do turismo local em cidades em situação de desastre. 2020.

GONZÁLEZ CRUZ, Pedro Luis. Patrimonio cultural inmaterial:¿ Alternativa para el turismo y el desarrollo local de Pinar del Río? **Cooperativismo y Desarrollo**, v. 10, n. 2, p. 349-365, 2022.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021.

GUERRA, Luiz Antonio. The meanings of caipira. **Tempo Social**, v. 34, p. 239-256, 2022.

GUILLÉN HERRERA, Samuel Ricardo; VERA PEÑA, Víctor Manuel. Impacto de la tecno ciencia en la gestión del marketing del turismo comunitario. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 12, n. 3, p. 20-26, 2020.

GIULIANO, Karen; ALMEIDA, Luciane; CASTILHO, Maria Augusta. As interfaces do desenvolvimento local em 21 edições da revista Interações (2000-2010). **Interações** (Campo Grande), v. 21, p. 685-699, 2020.

HEINRICH, Rafael Cristiano et al. Potencial de desenvolvimento rural sustentável presente no patrimônio imaterial da cultura alimentar. 2019.

HERNÁNDEZ MARTÍN, Juan Carlos; REINOSO CASTILLO, Isabel. Municipal University Center and local development. An essential binomial. **Cooperativismo y Desarrollo,** v. 10, p. 473-488, 2022.

HUANG, Yihe et al. Construction of Cultural Heritage Tourism Corridor for the Dissemination of Historical Culture: A Case Study of Typical Mountainous Multi-Ethnic Area in China. **Land**, v. 12, n. 1, p. 138, 2022.

JESUS SOARES, Simaria. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2019.

JOUAULT, Samuel et al. Respuestas, resistencias y oportunidades del turismo comunitario en la península de Yucatán frente al COVID-19 y las crisis recurrentes. **Investigaciones geográficas**, n. 104, 2021.

LACERDA, Ana Luísa Ferreira et al. A identidade cultural representada na arte em murais de Jade Rivera. **Revista de Ciências Humanas**, v. 2, n. 22, 2022.

LANZA, Eduardo Vieira. Potencialidades para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no espaço rural: o estudo de dois bairros do município de Delfim Moreira-MG. 2021. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.

LEIVA RAMÍREZ, Dayaidys; BONACHEA PÉREZ, Ana Ivis; SARDUY SANGIL,

Dayami. Modelo para fortalecer la identidad cultural de los estudiantes de la carrera Español-Literatura. Mendive. **Revista de Educación**, v. 20, n. 1, p. 183-195, 2022.

LI, Hui et al. Identifying cultural heritage corridors for preservation through multidimensional network connectivity analysis—a case study of the ancient Tea-Horse Road in Simao, China. **Landscape research**, v. 46, n. 1, p. 96-115, 2021.

LI, Yanyan; WANG, Xinhao; DONG, Xiaofeng. Delineating an integrated ecological and cultural corridor network: A case study in Beijing, China. **Sustainability**, v. 13, n. 1, p. 412, 2021.

LOMELÍ, Leonardo Mora; OROZCO-GROVER, Gabriel; SANTOYO MERCADO, Aurea. Hecho en México para ojos extranjeros: uso y menosprecio de referentes identitarios nacionales en el diseño de productos de consumo. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación.** Ensayos, n. 101, p. 235-257, 2021.

LOPES, Marcelle Veronezi Miqueline. Do Lado De Cá Também Tem Memórias! O Processo De Midiatização Da Memória E Do Patrimônio Cultural Cristalizado Pelo Olhar Dos Moradores E Ex-Moradores De Cabuçu, 2020.

MAGGESISSI, Guilherme dos Reis et al. Perto das fábricas, mas longe do mar: As ações dos grupos sociais no processo de industrialização em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1950-1960). 2019.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa Elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Paulo: Pedro e João, 2020.

MAMÉDIO, Divaney et al. Process of (des) territoriality in a rural community in Bahia. **Interações** (Campo Grande), v. 22, p. 67-82, 2021.

MANFIO, Vanessa; PIEROZAN, Vinício Luís. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise sobre a Serra Gaúcha e a Quarta Colônia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online),** v. 23, n. 1, p. 144-162, 2019.

MARQUES, Heitor Romero; COSTA, Jéssica Ojeda da. Cooperativismo y desarrollo local: un estudio de crédito cooperativo Sicredi União MS/TO− Comité de Acción Social. **Interações (Campo Grande)**, v. 22, p. 531-541, 2021.

MARINHO, Thais Alves. Territorialidade e Cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. **Caderno CRH**, v. 30, p. 353-370, 2017.

MARREIRO DAS CHAGAS, Márcio; MARQUES JÚNIOR, Sérgio; DA SILVA, Victor Hugo. Clasificación de los residentes según el apoyo al desarrollo turístico en comunidades indígenas: Una tipología empírica basada en el Cluster Analysis. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 28, n. 1, p. 80-100, 2019.

MARUJO, Noémi. Eventos Culturais e Turismo: A Festa da Castanha na Ilha da Madeira. 2022.

MARUJO, Noémi. Turismo, Globalização E Identidade Cultural: Os Festivais Agrícolas Na Ilha Da Madeira: Tourism, Globalization And Cultural Identity: Agricultural Festivals In Madeira Island. Academic Journal of Studies in Society, **Sciences and Technologies–Geplat Papers**, v. 3, n. 2, 2022.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira; MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira. Festas e desenvolvimento local em Cachoeira, Bahia. **Interações** (Campo Grande), v. 21, p. 701-719, 2020.

MATUCK, Beatriz; DOS SANTOS, Camila Moura Gonzaga; DE OLIVEIRA, Carla Regina. AS DINÂMICAS DO TRABALHO EM REDE EM CORREDORES CULTURAIS: ESTUDO DE CASO DA PAULISTA CULTURAL1, 2022.

MEDEIROS, ANDERSON et al. BACHARELADO EM TURISMO, 2017.

MEDINA GONZÁLEZ, Viena; ALMANSA MARTÍNEZ, Ana. La comunicación del conocimiento sobre el desarrollo local mediante las plataformas digitales de las universidades. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, v. 32, n. 4, 2021.

MELLO, Claudia Souza de. A feira da roça agroecologia e a cultura de Vargem Grande: espaços, práticas e saberes da agricultura urbana no Rio de Janeiro. 2021.

MELLO, José André Villas Boas; BECKER, Shaindel Mothci; DA SILVA MENEZES, André. Serviço público de transporte por ônibus na cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. **Profanações**, v. 7, n. Ed. esp., p. 151-172, 2020.

MAMEDE, Simone et al. Turismo de observação de aves no Chaco: oportunidades e desafios ao Corredor Bioceânico, segmento Brasil/Paraguai. **Interações** (Campo Grande), v. 20, p. 159-177, 2019.

MARTINS, Ana Lucia. Conflitos Sociais e áreas protegidas no Brasil: o caso da RebioTinguá. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 16, n. 1, 2023.

MENEZES, Palloma. **Da 'Baixada como problema'à 'Baixada como solução'Resenha (review) do livro Problemas públicos e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu**, de Jussara Freire. 2021.

MESSIAS, Vinícius Custódio et al. Patrimônio cultural de Lavras (MG): valorização e pertencimento. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 84312-84325, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MONTOYA, Gerardo et al. Ruralidad, educación rural e identidad profesional de maestras y maestros rurales. **Praxis & Saber**, v. 13, n. 34, p. e13323-e13323, 2022.

MORAES, Edilaine Albertino de et al. Turismo de base comunitária à luz da teoria ator-rede: novos caminhos investigativos no contexto brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** n. 122, p. 145-168, 2020.

MORENO LORENZO, Xiomara Asunción; RODRÍGUEZ RICO, Reynier; SAN MARFUL ORBIS, Eduardo. La agricultura urbana en la ciudad de Cienfuegos: ejes estratégicos en pos de la sostenibilidad agrícola**. Revista Novedades en Población**, v. 11, n. 22, p. 0-0, 2015.

MORIGI, Valdir José; MASSONI, Luis Fernando Herbert. **Memória em festa**: a Oktoberfest na construção da etnicidade alemã. Ferreira, Júlio César Valente (Organizador). Biblioteconomia e discurso. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 183p. p. 32-47, 2020.

MULLO ROMERO, Esther del Carmen; VERA PEÑA, Víctor Manuel; GUILLÉN HERRERA, Samuel Ricardo. El desarrollo del turismo comunitario en ecuador: reflexiones necesarias. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 11, n. 2, p. 178-183, 2019.

MUNDIM, Liliane; SANTANA DE AGUIAR, Ramon. Cultura popular e patrimônio. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 3, n. 45, p. 1-23, 2022.

NASCIMENTO, Isabella Ludimilla Barbosa; NÓBREDA, Wilker Ricardo Mendonça. Turismo e desenvolvimento local: um ensaio sobre o corredor cultural em Mossoró/RN,2016.

TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible, v. 9, n. 20, p. 34, 2016.

NAVARRO GAMBOA, Miguel et al. Participación comunitaria y turismo alternativo en zonas indígenas en el contexto mexicano: cuatro estudios de caso. **El periplo sustentable,** n. 36, p. 7-33, 2019.

NEGRUŞA, Adina Letiţia et al. Study of perceptions on cultural events' sustainability. **Sustainability**, v. 8, n. 12, p. 1269, 2016.

NITYA, R. A. O. et al. Cultivating sustainable and healthy cities: A systematic literature review of the outcomes of urban and peri-urban agriculture. **Sustainable Cities and Society**, p. 104063, 2022.

OLAYA GUERRERO, Lidia Mercedes. Los talleres de teatro para el fortalecimiento de la identidad cultural en estudiantes de primaria. **Conrado**, v. 16, n. 75, p. 201-208, 2020.

OLAZABAL ARRABAL, Maydelin Annerys; RODRÍGUEZ MÉNDEZ, Vilda; GONZÁLEZ FONTES, Ramón. La identidad cultural como recurso local y su integración a la gestión del desarrollo territorial. **Retos de la Dirección**, v. 15, n. 1, p. 27-60, 2021.

OLAZABAL ARRABAL, Maydelin Annerys; RODRÍGUEZ MÉNDEZ, Vilda; GONZÁLEZ FONTES, Ramón. Indicadores de identidad cultural como recurso endógeno territorial: una propuesta para el diagnóstico estratégico municipal. **Cooperativismo y Desarrollo**, v. 10, n. 1, p. 63-90, 2022.

OLIVEIRA COSTA, Claudia Patrícia. A Baixada Fluminense e as recentes emancipações políticas: historiografia, identidade e ensino de história, 2019.

OLIVEIRA, Júnior Maciel et al. Design e Artesanato: conexão e identidade. ANALECTA-**Centro Universitário Academia**, v. 7, n. 2, 2022.

OLIVEIRA, Marcos Paulo Moraes; FOGAÇA, ISABELA DE FÁTIMA. O Uso Público Para Inserção Social E Conscientização Quanto Ao Patrimônio Natural Em Nova Iguaçu/Rj. **Anais do Uso Público em Unidades de Conservação**, v. 8, n. 13, p. 01-10, 2020.

OLIVEIRA PINTO, Tatiane. Entre a minha casa e a casa da patroa: itinerários, consumos e histórias de trabalhadoras domésticas: de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense-RJ. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n. 2, p. 1-21, 2021.

ORDÓÑEZ, Jessica; MONCAYO VEGA, Alexandra; TOLEDO, Elisa. Las externalidades y disposición a pagar por el Festival Internacional de Artes Vivas Loja FIAVL, como indicadores de apropiación de los espacios públicos urbanos. **Revista de Geografía Norte Grande,** n. 83, p. 373-394, 2022.

ORTIZ-SALATTI, Ibel; RODRÍGUEZ-CRUZ, Yunier. La Gestión de Información para el desarrollo local. Estudio de caso en el gobierno municipal de Plaza de la Revolución. **Alcance**, v. 9, n. 23, p. 177-202, 2020.

PADILLA VARGAS, Martha Raquel. Los proyectos comunitarios, una visión de desarrollo desde el escenario turístico rural. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 12, n. 3, p. 14-19, 2020.

PAREDES-MENDEZ, Lucelly; TRONCOSO-RODRÍGUEZ, Ingrid Alexandra; LASTRA-RAMÍREZ, Sandra Patricia. Enacting Agency and Valuing Rural Identity by Exploring Local Communities in the English Class. **Profile Issues in TeachersProfessional Development**, v. 23, n. 1, p. 125-142, 2021.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em estudo**, v. 24, 2019.

PERCASSI, JAde; BONASSA, JuliAnA. Cultura E Agroecologia. **Dicionário De Agroecologia E Educação**, p. 287. 2021

PEREIRA, Francine Melo Santos et al. Tempo e espaço das transformações do Rio Botas no bairro de Comendador Soares: um estudo de caso. 2019.

PÉREZ HERNÁNDEZ, Lissette; TABARES NEYRA, Lourdes Margarita; DÍAZ

LEGÓN, Orestes J. Lo local-municipal-como espacio de desarrollo en Cuba. Notas para el perfeccionamiento del régimen jurídico de la administración local. **Universidad de La Habana**, n. 287, p. 135-160, 2019.

PÉREZ PAYROL, Virginia Bárbara; LUNA CASTRO, María de los Ángeles; BAGUÉ LUNA, Yamilys María. La superación del director de escuela. Su contribución al desarrollo local. **Conrado**, v. 16, n. 76, p. 418-424, 2020.

PIN GUERRERO, Rosa María; COQUE ÁRIAS, Jorge Fortunato; PALACIOS PORTÉS, Carlos. Planificación del comercio colectivo en la comuna Aguadita, parroquia Colonche, Ecuador. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 11, n. 5, p. 99-107, 2019.

PINARES LLERENA, Emely Astrid; SOTOMAYOR MASALÍAS, Sandra; LÓPEZ MENDOZA, Teresa Narcisa. Turismo comunitario basado en el Buen Vivir: Caso de Misminay, Cusco. **Podium**, n. 40, p. 163-178, 2021.

PINCHEIRA MUÑOZ, Luis Enrique. Las relaciones de otredad, alteridad e inclusión identitaria cultural de estudiantes inmigrantes en espacios escolares municipalizados en la región metropolitana. **Estudios pedagógicos (Valdivia**), v. 47, n. 2, p. 355-369, 2021.

PIÑEIRO HARNECKER, Camila. Las cooperativas no agropecuarias y su contribución al desarrollo local. Propuesta de medidas para materializar sus potencialidades. **Economía y Desarrollo**, v. 164, n. 2, 2020.

POLANCO NOY, Axel; CABALLERO RIVACOBA, María Teresa. Fortalecimiento de capacidades de los actores locales para una gestión del desarrollo local desde la cultura. **Retos de la Dirección**, v. 14, n. 1, p. 45-67, 2020.

PORTILLO PEÑUELAS, Samuel Alejandro. Implementación del corredor histórico en Educación Primaria para la Enseñanza de la Historia de México. **Dilemas contemporáneos: educación, política y valores**, v. 8, n. 3, 2021.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. Prefeitura de Nova Iguaçu realiza Festa da Banana em Jaceruba no fim de semana. Nova Iguaçu, 08 de set. de 2022. Disponível em: https://www.novaiguacu.rj.gov.br/fenig/2022/09/08/prefeitura-de-nova-iguacu-realiza-festa-da-banana-em-jaceruba-no-fim-de-semana-2/. Acesso em: 18 de maio de 2023.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. Lei Complementar 006. Disponível em: https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.novaiguacu.rj.gov.br%2Fwp%2Fwp-content%2Fuploads%2F2017%2F10%2Flei-complementar-006.doc&wdOrigin=BROWSELINK Acesso em: 23 ago. 2023 às 13:12.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. Bairros. Disponível em: https://web.archive.org/web/20101019023349/http://www.novaiguacu.rj.gov.br/bairros.php Acesso em: 23 ago. 2023 às 13:12.

RIBEIRO, Lilian Cristina Gomes. O Processo De Valorização Do Espaço Urbano Na Cidade De Nova Iguaçu E Seus Impactos Na População Periférica. **Revista Ibero-**

Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 3, p. 459-469, 2021.

RIVERÓN OVALLES, Ciro Ángel et al. La orientación a la familia del contexto de montaña para su contribución al desarrollo local. **Dilemas contemporáneos: educación, política y valores,** v. 9, n. 1, 2021.

ROCHA, Ederson Aparecido Gimenes et al. PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO: COMPATIBILIDADES E CONFLITOS. 2022.

ROCHA, André; SALES, Jean. Sociedade-natureza na Baixada Fluminense: perspectivas de investigação. 2023.

RODRIGUES, André Luiz Teodoro et al. Desenvolvimento industrial e mudanças econômicas no município de Duque de Caxias/RJ. 2022.

RODRIGUES, Danielle Rezende; SOUZA, Ana Carolina Magalhães de; MELLO, José André Villas Boas. Assimetrias sociais, habitats de aprendizagem e capacitação para o Mundo VUCA. A "Casa da Inovação" como estudo de caso. Cidades. **Comunidades e Territórios**, n. 44, 2022.

ROJAS ROJAS, Sonia Esmeralda. Factores que desnivelan el terreno de juego social rural en perjuicio del campesinado colombiano. **Revista Científica General José María Córdova**, v. 18, n. 32, p. 884-904, 2020.

RUÍZ DOMÍNGUEZ, Raúl Gerardo; BECERRA LOIS, Francisco Ángel; PONS GARCÍA, Roberto Carmelo. Procedimiento para evaluar impacto de proyectos de desarrollo local de tipo económico en un territorio. **Revista Universidad y Sociedad**, v. 12, n. 3, p. 312-318, 2020.

RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato; GERHARDT, Tatiana Engel. Food and social identity: Rural lives that appear through food. **Revista de Nutrição**, v. 32, 2019.

RUSSO, Rosária de Fátima Segger Macri; DA SILVA, Luciano Ferreira. Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. **Gestão e Projetos**: GeP, v. 10, n. 1, p. 1-6, 2019.

SALAS BENÍTEZ, César Mauricio; LÓPEZ LÓPEZ, Álvaro. Efectos espaciales de la tematización cultural para la recreación y el turismo en los corredores culturales peatonales del Centro Histórico de la Ciudad de México**. Investigaciones geográficas**, n. 98, 2019.

SÁNCHEZ MACHADO, Inocencio Raúl; LEDESMA MARTÍNEZ, Zulma María; MENDIONDO ROIG, Eusebia Cristina. Cultura de la urgencia y asimetrías municipales en la contribución territorial del desarrollo. **Retos de la Dirección**, v. 15, n. 1, p. 202-221, 2021.

SANCHES, Stella; DA SILVA, Karina Poli Lima. A POTÊNCIA DO TERRITÓRIO NA CASA DE CULTURA FAZENDA ROSEIRA,2019.

SANT'ANNA, Alessandra; NETO, Exzovildres Queiroz; MARCHI, Jamur Johnas. Um ensaio sobre o desenvolvimento local desde a ativação social e a governança pública. **Interações** (Campo Grande), p. 597-613, 2020.

SANTOS, Abimaelson. Cidade e experiência estética: ocupar as ruas, para ocupar os currículos. Urdimento: **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 3, n. 45, p. 1-30, 2022.

SANTOS, Eric; MACIEL, Mariana; FERRARI, Laís. O IMPACTO DASESTRADASDEFERRO EDASCOMISSÕES DE SANEAMENTO NABAIXADA FLUMINENSE: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EDEGRADAÇÃO AMBIENTAL, 2020.

SANTOS, Everaldo Lisboa. A Coexistência De Processos De Urbanização Em Nova Iguaçu. Baixada Fluminense, 2020.

SANTOS, GABRIEL FERREIRA DA SILVA. A Exclusão Social No Território Iguaçuano: Questões Relacionadas À Saúde, Educação E Moradia, 2019.
SANTOS, Jorgenaldo Calazans et al. As Quadrilhas Juninas No Cenário Cultural De Sergipe: Importância e Valorização. **Anais Semana Nacional de Ciência e Tecnologia** (SNCT), v. 2, n. 1, p. 339-342, 2020.

SANTOS, M. A., OLIVEIRA, V. C., DA GAMA AFONSO, H. C. A., & FERREIRA, A. D. S. M. R. (2022). Um estudo de caso de associadas iguaçuanas do RJ e os embates da Transformação Social Local. **Espacio Abierto,** *31*(4), 65-83.

SARMIENTO-RAMÍREZ, Yunier et al. Taxonomía del desarrollo territorial en municipios de la provincia Holguín, Cuba. **Economía y Desarrollo**, v. 163, n. 1, 2020.

SCHMITT, Douglas. **Avaliação dos impactos econômicos de eventos locais a partir do modelo input-output**: uma análise da Bauernfest, a festa do colono alemão de Petrópolis-RJ. 2020.

SERRÃO, Silvana; COSTA, Rui. Os Eventos Culturais como promotores do desenvolvimento local: O Caso da Festa do Vinho Madeira. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 34, p. 149-164, 2020

SHIMIZU, Blenda Aya. Turismo de experiência: a festa do "Colha e Pague do Kaki Fuyu" na cidade de piedade. 2021.

SILVA, João Carlos da et al. Família Pacífico Musical: Trajetória de uma família negra na música de banda em Nova Iguaçu. 2020.

SILVA, José Mauricio; CARVALHO, Claudia Rodrigues. Arqueologia pública en quanto suporte teórico-metodológico para nova iguaçu e seus distritos emancipados Nabaixada Fluminense. Revista de Arqueología Pública: **Revista eletrônica do Laboratòrio de Arqueologia Pública de Unicamp**, v. 18, n. 1, p. 1, 2023.

SILVA, Roseane Grossi; MARTINELLI, Dante Pinheiro. Clusters and Factors that Form

the Dimensions of Local Development. **Organizações & Sociedade**, v. 28, p. 9-33, 2021.

SILVA, Elisa Paes; ANGELO, Elis Regina Barbosa. As festas populares de Nova Iguaçu e suas representações culturais, 2013.

SILVA, Lúcia. Baixada Fluminense como vazio demográfico? População e território no antigo município de Iguaçu (1890/1910). **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, p. 415-425, 2017.

SILVA, Lúcia Helena Pereira. Hildebrando de Goes e sua leitura sobre História da Baixada Fluminense 2019.

SILVA, Marília Raiane. Notas sobre o processo de urbanização brasileiro: um olhar para as "cidades do agronegócio". GeoTextos, 2022.

SILVA, Poliana Passig da. Fortalecimento da Festa da Cebola através da incorporação de diferentes produções gastronômicas. 2022.

SOUSA, José Raul; DOS SANTOS, Simone Cabral Marinho. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020.

SOUSA LOPES, José Lidemberg; DE LIMA SILVA, Rafael. FESTEJO E TRADIÇÃO EM UNIÃO DOS PALMARES, ALAGOAS: O CASO DA FESTA DE SANTA MARIA MADALENA, 2019

SOUZA LIMA, Romilda. Contribuição das festas para a valorização do patrimônio imaterial alimentar nas linhas rurais. Eutopía: **Revista de Desarrollo Económico Territorial**, n. 21, p. 143-164, 2022..

SOUZA, Luis Fellipe Dias; LAURENTIZ, Luiz Carlos de. Sustentabilidade, cultura e patrimônio em festas populares: o exemplo da Festa de Agosto. 2019.

SOUZA, Reginaldo Adriano et al. FESTA DO QUEIJO COMO PRODUTO TURÍSTICO E SEUS BENEFÍCIOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL. CHEESE PARTY AS A TOURISTIC PRODUCT AND ITS BENEFITS TO LOCAL DEVELOPMENT, 2020.

TAPIA, Kennedy Rolando Lomas et al. Investigación cualitativa indigena para el progreso comunitario: Caso Peguche Ecuador. **New Trends in Qualitative Research**, v. 14, p. e739-e739, 2022.

TAVARES, Fátima et al. Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos. Edufba, 2019.

TEIXEIRA, Fátima Regina; VIEIRA, Filipa Dionísio; MAYR, Luiz Robertop. Turismo de Base Comunitária: uma abordagem na perspectiva da análise de clusters. **Turismo: Visão e Ação**, v. 21, p. 02-21, 2020.

TOCTAGUANO, Katherine. Impacto económico del Tren Crucero en las comunidades por las que transita. Caso: Nizag y Palacio Real. **Siembra,** v. 6, n. 1, p. 109-155, 2019.

TONASSO, Mariana Cavalcanti Pessôa. Zonas de conflito? Zoneamento e preservação do patrimônio cultural em São Paulo (1975-2016). 2019. **Tese de Doutorado.** Universidade de São Paulo.

TOERIEN, Daan. Tourism and poverty in rural South Africa: A revisit. South African **Journal of Science**, v. 116, n. 1-2, p. 1-8, 2020.

TRUJILLO MÉNDEZ, Gualberto et al. Procedimiento para la gestión de las relaciones de cooperación en el desarrollo local. **Retos de la Dirección**, v. 16, n. 2, p. 131-147, 2022.

VALENZUELA-LEVI, N. et al. Urban sustainability and perceived satisfaction in neoliberal cities**. Cities**, v. 126, p. 103647, 2022.

VARGAS, Daiane Loreto; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Artesanato, Identidade Cultural e Mercado Simbólico: Dinâmica da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n. 49, p. 191-208, 2019.

VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Gustavo Adolfo; VÁZQUEZ SOLÍS, Valente. Evaluation of natural and cultural resources to create a tourism corridor in the plateau of San Luis Potosi, Mexico. **Investigaciones geográficas**, n. 94, p. 0-0, 2017.

VÉLEZ-TAMAY, Adriana; CARRIEL, Viviana; CASTILLO-ORTEGA, Yonimiler. Local Development Index for Ecuador with 2010 data. **Revista Desarrollo y Sociedad,** n. 88, p. 83-127, 2021.

VIEIRA, Ivânia; DE FIGUEIREDO, Mônica Cybelle Ferreira. Folkcomunicação e turismo cultural na Festa do Guaraná de Maués (AM). **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 17, n. 38, p. 47-64, 2019.

WANG, Youfeng. Analysis of the construction of sports and cultural heritage corridors for ethnic minorities in the context of the “One Belt, One Road” strategy. In: IOP Conference Series: Earth and Environmental Science. **IOP Publishing**, 2021. p. 052056

YANES WATSON, Berta Irailis; ALEGRÍA PUERTAS, Marlies; MC DONALD TORRES, Eddy. La educación: factor principal para el desarrollo local. **EduSol**, v. 20, n. 72, p. 15-31, 2020.

YERO PITA, Diana Rosa; SOUTO ANIDO, Lourdes. Relaciones de causalidad entre las variables que influyen en el desarrollo local. **Economía y Desarrollo**, v. 166, n. 1, 2022.